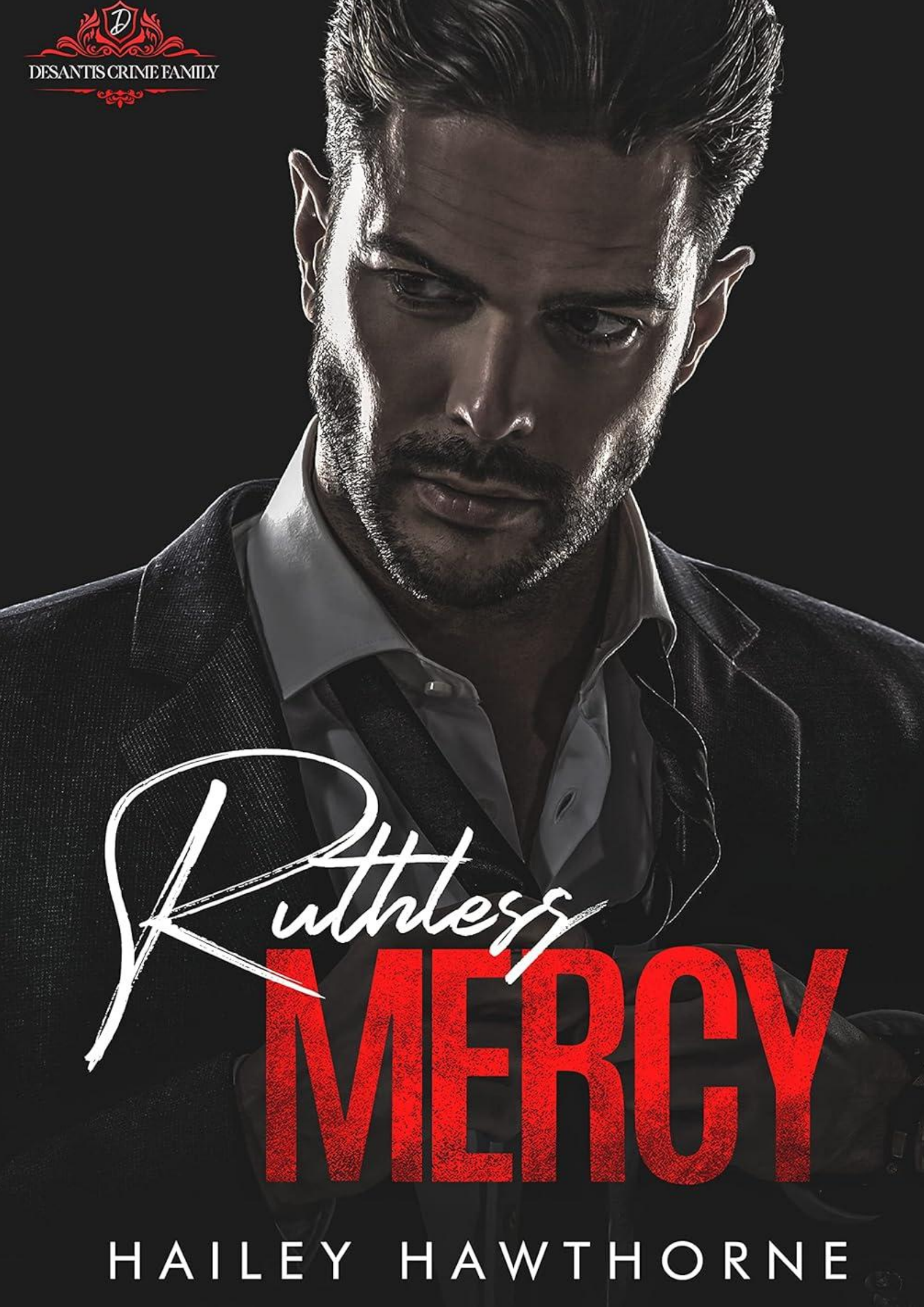

DESANTIS CRIME FAMILY
Ruthless
MERCY
HAILEY HAWTHORNE

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aqule que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO.

É PARA USO GRATUITO.

DE FÃS PARA FÃS



Agnes

Tyche

Jewell Designs

Abril 2024

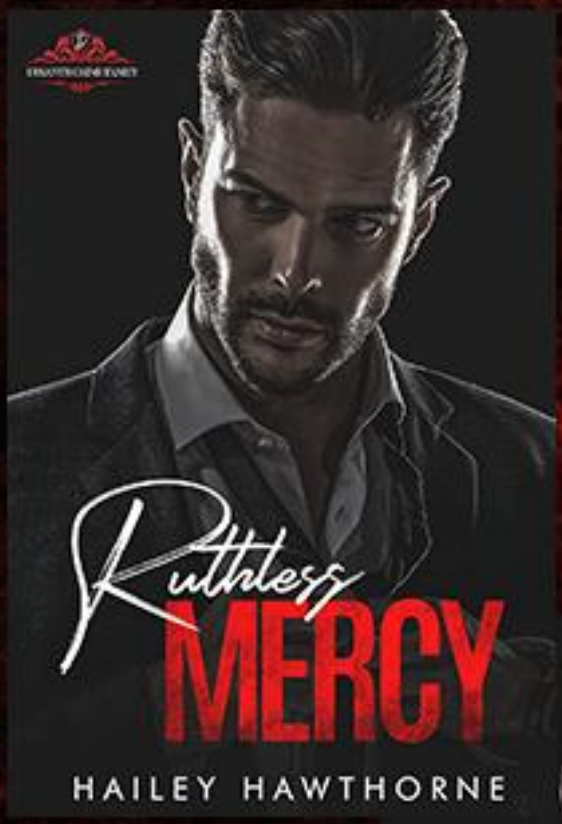
Ruthless

MERCY

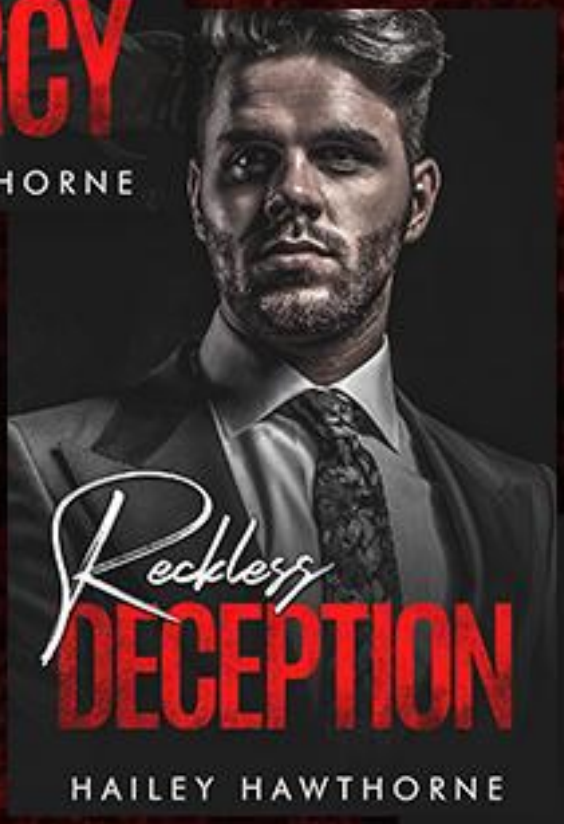
DeSantis Crime Family

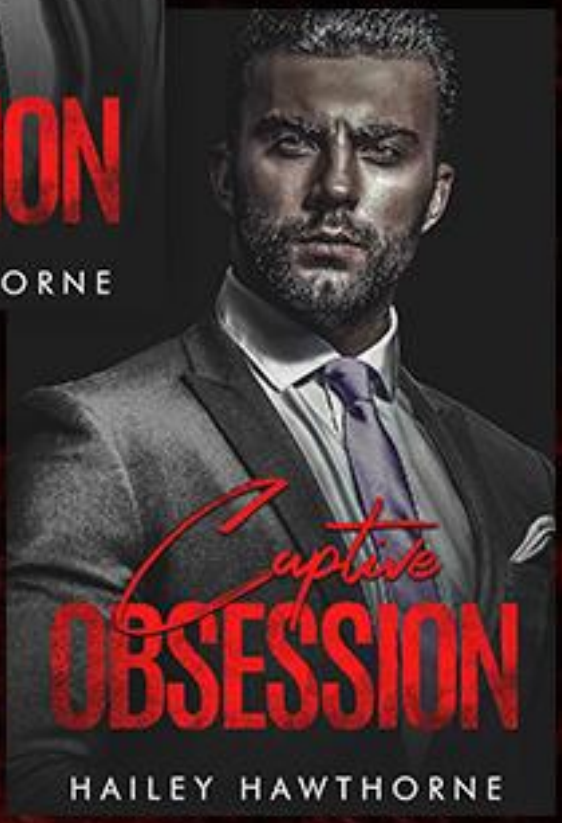
Livro Um

Hailey Hawthorne



DESANTIS CRIME FAMILY





Hailey Hawthorne

Sinopse

Minha mente quer odiar o chefe da máfia, mas meu corpo não consegue se segurar perto dele...

Cinco anos atrás, minha vida foi destruída quando perdi meu irmão em um ataque da máfia que deu errado. Tudo porque alguém errou o verdadeiro alvo, o mafioso Don Vincent DeSantis.

Depois do golpe que me deixou arrasada, anos se passaram... mas agora Vincent está de volta na minha vida. Ainda manipulador. Ainda incrivelmente bonito. Ainda totalmente irresistível.

Só que agora sou sua advogada e tenho que defendê-lo das acusações de assassinato, mesmo que não consiga nem olhar para o vilão. Eu não perdôo e com certeza não esqueço. Não com o sangue que foi derramado.

Mas apesar do nosso passado sangrento, encontro-me apaixonada pelo único homem que não posso ter. Ele não é o único com quem compartilho uma história. E tenho guardado um segredo sobre a noite do ataque da máfia.

Um segredo que pode matar todos nós...

Um

Eleni

— Você é tão nerd. — Nick ri de mim enquanto devora as últimas mordidas de seu cachorro-quente como se estivesse em uma competição de velocidade.

— O quê? Por quê? — Eu me equilibro na ponta dos pés para me manter aquecida e me abraço. Esse casaco preto comprido é o melhor casaco que tenho, mas comprei-o na Macy's em uma super liquidação e é fino. Meu casaco de penas teria sido uma escolha muito melhor para uma noite fria de Manhattan em dezembro, mas é a primeira viagem de Nick ao Lincoln Center e à Metropolitan Opera, e eu queria que nos vestíssemos bem. — Você não deveria devorar sua comida desse jeito.

— Tenho dezoito anos. Você pode parar com essa história de irmã mais velha. Eu estava com fome.

— Esse foi seu terceiro cachorro-quente! — Eu rio. — Enfim, por que sou uma nerd?

— Por quê? — Ele sorri e usa as costas da mão para limpar uma mancha de ketchup dos lábios. Suas bochechas estão rosadas por causa do ar frio da noite.

— Ooo, que nojo. Você é mesmo um menino. Já ouviu falar em guardanapos? — Eu provoco enquanto tiro um guardanapo de papel da minha bolsa preta com lantejoulas. — E por que sou uma nerd?

Ele limpa o rosto e coloca o guardanapo no bolso do paletó. — Sei de fonte segura que você, Eleni Moralis, podia estar em uma festa agora mesmo com um tal de George Vivans, que vem tentando convencê-la a sair com ele desde que vocês eram calouros.

— Como sabe disso? — Enfio meu queixo em meu cachecol de caxemira falsa.

— Por favor. — Ele tira o celular de dentro do casaco e o acena.

— Ele liga para você?

— Ele me ofereceu 50 dólares para levá-la à festa de hoje à noite. É o último esforço dele antes que todos saiam para as férias de inverno.

— Oh, meu Deus! — Eu me viro para Nick e o encaro com um olhar brincalhão. — Você está me chulando?

— O quê? Não, eca. Isso é doentio.

— Bem, como você o chamaria?

— Eu não peguei o dinheiro. Estamos aqui, não estamos?

— Sim. — Aceno com a cabeça. — Mas falando sério. Chega de subornos de caras que querem me convidar para sair. Especialmente de pessoas como George Vivans. Ele acha que pode comprar qualquer um e qualquer coisa.

— Nem toda pessoa rica é um completo idiota.

— Sério? — Afasto minha raiva. Não quero que nada estrague essa noite. — Claro que não. Eu sei disso. Mas o George é. Ele só está interessado porque eu não estou. Portanto, fique longe dele. Por favor. Combinado?

— Como eu disse, eu não peguei o dinheiro. — Ele olha para os pés e depois volta para mim. — E por que você não namora?

— Eu namoro. — Fico na ponta dos pés novamente, evitando contato visual.

— Vamos, Leni, sou eu.

— Estou muito ocupada para os rapazes. Estou me formando em Ciências Políticas na Columbia. A Columbia não é exatamente uma universidade de festas, você sabe. E preciso manter minhas notas altas por causa das bolsas de estudo. Só quero dar início à minha carreira primeiro. — Estendo a mão e coloco minhas mãos em seus ombros. — Aqui está uma lição de vida para você, dada por sua irmã mais velha. Você também não precisa se apressar em nada. Uma coisa sobre a vida, Nicky, é que sempre há um amanhã. 'Amanhã', eu terei tempo para um relacionamento. E você também terá.

— Acho que sim.

— Eu sei que sim. E o importante agora é colocar sua vida em ordem. É por isso que estamos aqui.

— Para me inspirar a me tornar um cantor de ópera?

Deixo cair minhas mãos e sorrio. — Você é mais inteligente do que imagina, e não está preso a nada. Tem opções. Não é obrigado a se tornar um policial. Isso não fará papai mais feliz. Ele não é sua responsabilidade.

— É fácil para você dizer isso. Você está no dormitório da universidade. Eu estou preso em um quarto de dois cômodos no Queens com ele.

Engulo com força. A última coisa que quero que Nick se sinta é abandonado. — A situação ficou muito ruim?

— Ele não dorme mais. Sempre que não está no trabalho, ele praticamente senta naquela maldita cadeira reclinável e conversa com o fantasma de mamãe o tempo todo. É estranho.

— Ele se perguntou por que você estava tão bem vestido hoje?

— Ele nem sequer notou.

— Bem, você disse a ele para onde estava indo?

— Não. E ele não teria se importado. Nós não nos falamos.

— Sinto muito, Nick. Olhe, você está quase no fim. Último ano e depois vai para a faculdade também. Esse é o motivo pelo qual eu queria que você conhecesse este lugar. Você tem que admitir que a arquitetura é incrível.

— Sim.

— Veja. — Eu o pego pelos ombros e o giro, de modo que estamos olhando para o Metropolitan Opera House à noite.

Por um momento, nós dois ficamos impressionados com a grandeza e a imponência do edifício. Coloco uma mão em meu peito. Ele literalmente me deixa sem fôlego. Desde a fonte com sua bela água brilhante e dançante até à luz suave emitida por janelas incrivelmente grandes que exibem os murais gigantes de Chagall como se fossem molduras feitas especialmente para eles... é de tirar o fôlego.

— Alguém criou isso, Nick. E você poderia criar algo assim também.

Ele acena com a cabeça. — Acho que sim. Mas Leni?

— Sim? — Solto um suspiro gelado. Talvez esse seja o momento em que ele perceba que pode fazer qualquer coisa. Que ele não precisa viver os pecados de nosso pai. Literalmente.

— Podemos entrar? Está um frio danado aqui fora.

— Sim, — eu rio.

Ele enlaça seu braço no meu e juntos corremos para o saguão.

***

— Uau. — Sua cabeça balança para a frente e para trás como se estivéssemos em uma partida final do U.S. Open.

Eu sorrio enquanto ele olha para o saguão. Olho para o que ele está vendo: as escadarias sinuosas com carpete vermelho, lustres que brilham como luzes em uma árvore de Natal e tetos tão altos quanto o céu.

— É... — Suas palavras se perdem.

— Eu sei. — Balanço a cabeça em concordância enquanto observo todos os frequentadores de ópera, alguns vestidos com vestidos longos e smokings, e outros vestidos como nós - as mulheres com vestidos pretos de coquetel, como eu, e os homens mais jovens com calças pretas e camisas sociais, como Nick. Eu imediatamente tiro meu casaco e Nick o segue. De qualquer forma, está quente no saguão, mas imagino que, assim como eu, ele se sente quente por dentro.

— Bebidas? — Eu pergunto.

— Ainda não, obrigado. — Ele olha em volta. — Ei, você sabia que tem um restaurante aqui?

— Sim, eles têm. Um dia, comeremos lá. Mas, no momento, é um pouco puxado para a minha bolsa.

— Ah, eu não quis dizer... — Ele suspira e sorri para mim. — Os cachorros-quentes estavam perfeitos. Mas nós temos um encontro. Ano que vem. No mesmo horário. Você compra os ingressos e o jantar é por minha conta.

Aceno com a cabeça, sorrindo para ele. — Parece bom.

— O que estamos vendo, afinal?

— *La Bohème*.

Ele revira os olhos. — Parece ótimo.

Cruzo os braços e inclino a cabeça. — É *Rent*[1].

— O que é *Rent*?

— *La Bohème*. *Rent* é uma interpretação livre.

— Sério? Isso é legal.

Ele está ficando mais alto? — Mmm. — Eu sorrio. — Os personagens de La Bohème são Rodolfo e Mimi, como Roger e Mimi.

— Huh... — Ele dá uma olhada ao redor novamente.

O som suave de sinos soa, indicando que devemos nos sentar.

— Aqui são nossos lugares. Estamos em um nível muito alto. As hemorragias nasais. Aqui. — Abro minha bolsa e tiro nossos ingressos, fazendo malabarismos com meu telefone na outra mão. O celular Plus-size é ótimo, mas não cabe em uma bolsa de noite. — Deixe-me ir ao banheiro. Você vai na frente. Siga a multidão e eu o encontrarei em nossos assentos.

[1] *Rent* é um musical de 1996, baseado na ópera *La Bohème*, de 1896. Este musical usa muitos dos mesmos pontos da trama da ópera, mas adaptados a uma realidade mais recente.

— Espere, Leni? — ele me chama.

— Sim?

— Quer que eu pegue seu telefone? Parece que você vai deixá-lo cair.

— Não, obrigada. Tenho que enviar uma mensagem de texto.

— Para George? — Ele sorri.

— Não. Para minha colega de microeconomia. Agora vá. Estarei lá em um segundo.

— Sim, sim, capitão. — Ele me cumprimenta e sai para se juntar à multidão.

Corro para o banheiro feminino.

Dois

Eleni

Estou atrasada. Trouxe Nick à sua primeira ópera, e a fila no banheiro feminino me atrasou. Subo correndo as escadas em direção ao nosso assento e, pelo canto do olho, vejo a plateia vazia. — Isso é estranho, — murmuro para ninguém; um hábito ruim. É estranho que uma apresentação de La Bohème tão perto do Natal tenha um assento vazio, quanto mais uma seção inteira. Antes do início da apresentação, preciso enviar uma mensagem de texto a Nick para avisá-lo que estou... — Merda! — Esqueci meu celular.

Meu xingamento é muito alto. Uma mulher com uma pele verdadeira à minha frente se vira e faz uma careta.

Ela tem muita coragem. Eu me viro nos calcanhares e, lutando contra uma multidão resmungona, volto correndo para o banheiro em tempo recorde. Felizmente, a cabine está vazia e meu telefone ainda está lá. Graças a Deus! Ignorando o suor que escorre pelas minhas costas, saio correndo do banheiro e subo as escadas. As luzes estão se apagando, por isso, acelero o passo. Se eu me atrasar, eles não vão me sentar...

Na minha pressa, dou uma olhada na plateia e vejo que agora a seção central da frente está cheia do que parece ser a família mais bonita que já vi. Diminuo

o ritmo só para olhar para eles. Uma mulher elegante com seus cabelos grisalhos presos em um coque no alto da cabeça, usando um xale dourado em volta dos ombros, está sentada na frente e no centro. Um homem distinto, tirando o que parece ser um casaco de cashmere camelo, senta-se ao lado dela. Homens estão de pé atrás deles com as mãos cruzadas diante deles, como se fossem do serviço secreto. Alguns assentos abaixo estão sentados três homens mais jovens, todos sem acompanhantes. Os jovens também são bonitos, e é como se eu estivesse olhando para o elenco de *Crepúsculo*, ou algo assim. Sinto um arrepio estranho. Ok, eles não são vampiros, mas, de alguma forma, sinto que todos nós podemos ser suas vítimas.

— Ridículo, — murmuro, voltando meu olhar para os poucos passos que me restam. Em uma última olhada, noto que um dos homens - o mais moreno dos três - está usando binóculos para olhar não para o palco, mas diretamente para mim.

Forço minha sensação de desconforto a passar. Ao avistar Nick, aceno e corro para lá, deslizando para meu assento assim que as luzes se apagam. Minha imaginação hiperativa precisa ser suspensa por esta noite. Não sei o que há de errado comigo. Eles poderiam ser apenas uma família rica e extremamente bonita na ópera. Afinal, estamos em Manhattan. Não precisam ser Don Corleone e La Famiglia.

Suspiro. Filha de um policial, penso comigo mesma enquanto os primeiros acordes da orquestra tocam.

***

— Estou pagando as bebidas.

— Não. De jeito nenhum. — Balanço a cabeça para Nick. — Esta noite é minha.

Ele acena com a cabeça para a fila à nossa frente. — Aceite minha oferta, Leni. Não vamos ter tempo de comprar nada, de qualquer forma.

Eu concordo com a cabeça. De repente, pelo canto do meu olho, um homem se aproxima. A parte boa de ser filha de um policial é que vejo as pessoas vindo em nossa direção antes que elas percebam que eu as notei. Eu o avalio rapidamente. Outro hábito que herdei de papai. Sapatos de mil dólares, terno personalizado, mãos fortes carregando bebidas e... dou uma olhada discreta para cima... oh, droga. O rosto mais lindo que já vi em um homem. Seus olhos são azuis cristalinos, seu queixo é forte e bem barbeado, e seu nariz é tão reto que deveria estar em uma estátua de um deus grego.

Ele sorri para mim.

Eu me afasto o mais rápido possível.

— Olá. — Ele se aproxima e fica ao nosso lado.

Fico olhando para ele. — Olá. Podemos ajudá-lo? — Instintivamente, dou um passo à frente de Nick.

— Permita que me apresente. Sou Vincent. Vincent DeSantis.

Nick sai de trás de mim e estende a mão. — Oi, eu sou Nick e esta é minha irmã, Leni. Ou, uh, Eleni. Moralis. Nick e Eleni Moralis.

Ele diz isso antes que eu tenha a chance de impedi-lo.

Os dois homens se cumprimentam.

— Amantes de ópera? — pergunta Vincent.

— Não, ela me arrastou para cá. Quer que eu siga minha paixão e me torne um arquiteto. Achou que isso poderia me inspirar.

— Arquitetura? Essa foi a minha graduação.

— Legal. Para onde você foi?

— Columbia. Formei-me há alguns anos.

— De jeito nenhum! Leni vai para lá. Ciências Políticas. Último ano.

— Nick! — Eu exclamo. — Ele é um estranho.

Nick dá de ombros. — Nosso pai é policial. Ela tem receio de conhecer pessoas novas.

— Sério? — Sua sobrancelha perfeitamente cuidada se ergue quase imperceptivelmente.

Mas eu percebo. Isso, o fato de nosso pai ser policial, significa algo para ele. Mas o quê?

— Ciências Políticas na Columbia é impressionante, — continua ele com sua voz grave. Em seguida, ele acena com a cabeça para mim de uma forma elegante e superior.

Isso me dá dor nas entranhas. Aposto que ele tem uma equipe em casa para esfregar seus ombros depois de um dia de acenos de aprovação para as 'pessoas pequenas'. Não dou a mínima para *o que você pensa de mim, Vincent*. Eu lhe dou um sorriso paternalista, esperando que ele entenda a dica.

— Ela é legal. Então, você está em uma empresa? — Nick está muito entusiasmado com esse cara.

Acho que é porque tudo o que ele tem para conversar depois da escola é papai, e todos nós sabemos que depois das sete da noite, papai não faz muito sentido. Deixo a tagarelice deles acontecer no fundo dos meus pensamentos enquanto olho para Vincent de lado para ter certeza de que ele não está tentando pegar meu irmão que mal tem idade legal, mas não. Pelo contrário, é a mim que ele está olhando.

Eu endireito mais o corpo. Não tenho receio de conhecer novas pessoas. Sou apenas... cuidadosa.

Tentando encerrar a conversa, limpo a garganta. — Prazer em conhecê-lo, Vincent. Mas há algo que possamos fazer por você?

— Na verdade, eu esperava ajudá-la. — Ele segura duas bebidas. Uma parece ser vinho tinto e a outra, água. — A fila de bebidas é interminável. — Ele estende as bebidas para nós.

Por alguma razão, isso me parece errado. Qual é a nossa aparência? Pequenos indigentes que não podem pagar nossas próprias bebidas? Nick tenta pegar uma das bebidas, mas coloco a mão em seu antebraço e o empurro para baixo. — Obrigada, — digo a Vincent. — Mas estamos bem.

— Leni, — protesta Nick, — estou com sede. Esses cachorros-quentes.

— Vocês dois comeram cachorro-quente no jantar?

Eu cruzo os braços. — Sim. O que você tem a ver com isso?

— Nada. É apenas encantador.

Encantador. É isso mesmo, ele acha que somos 'ninguém', que estamos aqui para entretê-lo. Que se dane isso.

— Por favor, Eleni, — Vincent insiste. — Nick. Pegue as bebidas. Isso me deixaria feliz.

— Embora eu lhe agradeça pelo gesto, asseguro-lhe, Vincent, que não é nosso trabalho fazê-lo feliz.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Seus olhos brilham com algo...

— Não é?

— Não. Eu simplesmente quero lhes oferecer bebidas.

— Por quê? — Mantenho minha posição.

— Uh...

Que droga. Até sua gagueira é bonita. Mas aposto que isso não acontece com frequência.

— Só para ser cavalheiro.

— Bem, obrigada, mas você terá que ser cavalheiresco em outro lugar. Nós estamos bem. — Eu cerro minha mandíbula.

— Leni, estou com sede. — Nick inclina a cabeça para mim.

— Então encontre uma fonte de água. Ou beba da pia do banheiro, se for preciso. Não estamos aceitando caridade.

— Caridade? — Vincent reage como se eu tivesse lhe dado um tapa na cara.

Bem, diabos me levem se eu não quero isso.

Vincent acena com a cabeça para mim. — Eu lhe asseguro que não é nada mais do que hospitalidade. Minha família e eu somos frequentadores assíduos do local. Estamos bem abastecidos de bebidas. Achei que vocês gostariam de tomar alguma.

— Mais uma vez. E, pela última vez, vamos passar, mas obrigada.

— Mas eu as tenho aqui. — Ele as segura. Seus olhos endurecem e ele parece não conseguir me ler.

Forço minha respiração a se acalmar. Odeio o fato de estar permitindo que esse homem estrague nossa noite. *Será que ele é assim tão estúpido?* — Obrigada, mas a resposta é não.

— De verdade. — Ele está mais perto agora, quase se elevando sobre mim. — Eu insisto.

— Você insiste? — *Ele insiste*? Vamos ver se eu consigo mostrar-lhe a garotinha insípida que ele pensa que eu sou. Arregalo os olhos e deixo meu queixo cair. Isso é o suficiente. — Ah, bem, se um homem grande e forte como você insiste... — Pego as bebidas de suas mãos excessivamente bem cuidadas e vou até ao lixo mais próximo. Então, fixo meu olhar no dele e, enquanto ele olha fixamente para os meus olhos, jogo as duas bebidas no lixo.

Volto para Nick e o pego pelo cotovelo. — Vamos lá. — Puxo-o para fora da fila e em direção aos nossos assentos, enquanto olho para Vincent por cima do ombro.

— Que maneira de ser suave, Leni, — murmura Nick, afastando seu braço. — Eu gostei dele.

Suspirei, me recompondo enquanto subíamos a escada para a cama de nariz. — Vamos lá, Nick, me desculpe. Ele foi muito grosseiro ao interromper nosso encontro daquela maneira.

Nick para e se vira para mim. — O problema é o seguinte, Leni. Você sempre diz que quer que eu siga minhas paixões e me expanda na vida porque tem medo de que eu acabe como meu pai, — ele respira fundo, — mas não é verdade. — Ele se apressa em subir as escadas.

Eu me movo rapidamente para acompanhá-lo. — Nick, por favor. Estou falando sério. De verdade. Mas não com um idiota como esse.

— Como você sabe que ele é um idiota? Nem toda pessoa rica é ruim, Leni. E, para que conste, conheci um monte de pessoas pobres que também não prestam.

Ele tem razão. — Nick, me desculpe. Eu só...

— Desculpe-me. — É ele. Vincent. Ele nos seguiu até quase nossos assentos.

Eu o conheço há uns três minutos e ele já tem esse hábito irritante de aparecer quando menos espero.

Vincent sorri. — Eu realmente sinto muito por como tudo terminou antes. Vocês dois gostariam de se juntar à minha família na plateia?

Nick olha para mim e seus olhos se iluminam. — Leni, esses assentos são ótimos. Lugares que você nem imagina. E eu vou poder ver tudo de lá.

Suspiro.

— Vamos lá. Você está sempre me dizendo para ir em frente. Então, vamos em frente. Não é como se estivéssemos entrando no carro dele ou algo assim. O que poderia nos acontecer no Metropolitan Opera?

Olho nos olhos de Nick. Ele realmente quer isso. E ele está certo. Estamos em público, com um grupo de pessoas imensamente civilizadas. E se o meu palpite estiver certo e esses forem os seguranças dos pais de Vincent, bem, então, provavelmente estaríamos seguros andando por uma zona de guerra com eles. Além disso, o que poderia dar errado? — Está bem. — Aceno com a cabeça.

— Está bem? — Os olhos de Nick se arregalam e ele fica com a mesma aparência daquela manhã de Natal em que ele tinha seis anos e o Papai Noel lhe trouxe o carro de controle remoto que ele havia pedido.

— Sim, está bem. — Aceno com a cabeça.

— Excelente. — Vincent sorri com seu sorriso oleoso.

Respiro fundo. *Posso sobreviver a isso. As óperas não são tão longas, certo?*

Vincent estende sua mão diante de nós e Nick dá alguns passos. Hesito e depois me volto para Vincent. Coloco uma mão em seu braço e me inclino para cima, sussurrando em seu ouvido: — Só não me faça arrepender disso.

Sigo Nick até à plateia com a família de Vincent.

Três

Vincent

Na plateia, estendo minha mão e faço sinal para que Eleni e seu irmão se sentem nos assentos à direita do centro, onde meus pais estão sentados. Estou oferecendo a eles os assentos em que Johnny e eu estávamos sentados, mas Johnny percebe minha ação, levanta-se e desce alguns assentos. Ele deixa o número certo de lugares para que Eleni não tenha escolha a não ser sentar-se diretamente ao meu lado. Aceno para ele com a cabeça e ele entende. Sempre fomos capazes de nos comunicar dessa forma - sem a necessidade de palavras. Johnny é um ato de classe.

Olho para Eleni. Ela também é um ato de classe, à sua maneira. Uma mulher inferior teria jogado aquelas bebidas em mim, causando um espetáculo e arruinando meu traje para a apresentação. E uma mulher ainda mais fraca teria pegado as bebidas e ficado em cima de mim o resto da noite, fazendo com que eu me arrependesse de ter feito algo para começar. Esse é o tipo de mulher com a qual estou acostumado. Não... Eleni. É claro que ela me surpreendeu jogando minhas bebidas fora, mas tem muito a aprender sobre mim e sobre o que estou disposto a fazer para conseguir o que quero.

Mesmo que o que eu queira seja apenas uma noite com ela.

Talvez *especialmente*, se o que eu quero é uma noite com ela...

Após as apresentações rápidas e obrigatórias, ela olha ao redor antes de se sentar. Finalmente, se senta.

É um tanto divertido ver como ela acha que tem livre arbítrio perto de mim. Como ela não vê que eu consigo exatamente o que quero, sempre. Como agora. Tenho certeza de que quando ela jogou fora aquelas bebidas, nunca imaginou que estaria sentada ao meu lado pelo resto da apresentação, mas aqui está ela.

O garoto, Nick, é mais fácil de convencer. Mas ele ainda é um garoto.

Ele se senta e imediatamente olha ao redor, apontando para os lustres de cristal em forma de estrela e para as intermináveis fileiras de assentos de pelúcia, com um enorme sorriso bobo no rosto.

Após a apresentação, eu os levarei aos bastidores para ver de perto os palcos giratórios e os cinco andares subterrâneos que a maioria das pessoas não sabe que existem. Mas eu não sou a maioria das pessoas. Por um momento, observando Nick, eu também sorrio. É fácil se deixar levar por seu entusiasmo e seu amor pela arquitetura. Mas ela... Eleni. Por que ela é tão reservada? E em uma idade tão jovem?

Sem perder tempo mandando alguém verificar os casacos, coloco os casacos nos assentos vazios perto de mim e me viro para ela.

Ela está se inclinando e conversando com seu irmão.

É bom ver a proximidade entre eles. É claro que com os homens é diferente, mas eu tenho um pouco disso com meu irmão mais velho, Johnny. Johnny e eu somos unha e carne desde a época em que eu tinha oito anos e ele doze. Entramos sorrateiramente na cozinha e roubamos todas as lagostas que deveriam ser servidas em um jantar naquela noite. Amelda, nossa cozinheira, ficou furiosa e mandou metade da equipe nos perseguir até à lagoa onde deixamos as lagostas. Naturalmente, os homens do meu pai nos arrastaram de volta para casa e nos jogaram na frente dele. Ele nos pressionou para saber qual de nós era o culpado, de quem foi a

ideia, mas nenhum de nós quis denunciar o outro. Se tivesse sido Gio... Abano a cabeça só de pensar nisso. Nosso irmão do meio teria cantado como um pássaro na primeira chance que tivesse. Mas não Johnny. Nem eu. Em vez disso, nós dois levamos uma surra das mãos do idiota do nosso pai, mas nossa mãe entrou em nossos quartos mais tarde naquela noite e nos disse que o que fizemos foi nobre, libertando aquelas lagostas. E que deveríamos ser elogiados.

Olho de relance para mamãe. Ela olha para mim, levanta as sobrancelhas, acena levemente para Eleni e dá uma piscadela. Sorrio e me viro para Johnny. Ele é alguma coisa. Mais tarde, hoje à noite, quando estivermos em casa novamente, teremos uma reunião de família em que o consenso é de que nosso pai anunciará seu sucessor e, se as apostas estiverem certas em Las Vegas, o que pode ser, eu serei a aposta certa. Na verdade, isso é apenas uma formalidade a essa altura. O problema é que nenhum de nós sabe por quê. Johnny é o mais velho e é tão capaz quanto eu. Na verdade, ele é até mais inteligente, mas nosso pai nunca o escolherá. Do jeito que as coisas estão indo, talvez nunca saibamos o porquê. E Gio, nosso irmão do meio, é um grande constrangimento para a família. Portanto, resta a mim ser nomeado o Don DeSantis.

Fico de frente para a soprano quando ela sobe ao palco. Respiro fundo e me recosto em minha cadeira. Esse é o primeiro encontro mais estranho de que já participei. Talvez não seja realmente um primeiro encontro, mas por que não? Por que essa garota com seu casaco de trinta e nove dólares e corte de cabelo de doze dólares não está impressionada comigo? E, mais importante, por que eu me importo com isso? Ela é apenas uma garota qualquer. Sim, tudo bem, seus olhos são de uma cor de jade que eu nunca vi antes, enquanto seu queixo chega a um ponto perfeito, finalizando lindamente seu rosto em forma de coração, e seu corpo... sob aquela roupa de renda preta horrível, é impressionante. O volume dos seus seios, a firmeza de sua barriga, suas pernas longas que se estendem por um quilômetro diante dela...

Ela olha para mim.

Que merda. Acabei de ser pego olhando.

Ela faz uma careta e desvia o olhar.

Não posso deixar de desejá-la ainda mais. *Apenas espere, Eleni Moralis. Você não tem ideia do que está enfrentando. Quem você está enfrentando. Quem você enfrentará...*

As luzes se apagam e Mimi sobe ao palco para procurar Rodolfo, desesperada para se explicar, e um sentimento de desconforto toma conta de mim. Com exceção da família, quando foi que eu já me preocupei tanto com outro ser humano? Ou me preocupei com o que pensava? Preocupado o suficiente para explicar a mim mesmo e minhas ações? Como eu poderia? Uma pequena camada de suor cobre minha testa e eu me remexo em meu assento. *Por que estou pensando nisso agora? Ou alguma vez?*

É essa garota. A apreensão se instala em minhas entranhas, substituindo o desejo que estava lá momentos antes. Olho para Eleni pelo canto do olho no momento em que ela coloca a mão no apoio de braço entre nós, e seu braço acidentalmente se choca com o meu. Fico paralisado. É como se eu estivesse sendo atingido por um taser em uma voltagem muito baixa.

Ela me encara como um cervo sob os faróis, implorando por misericórdia, mas é tarde demais.

Eu senti isso, e ela também sentiu.

E agora - não há como deixá-la ir.

Quatro

Eleni

Eu me arrepio. O que é essa sensação estranha que passa por mim, e por que isso aconteceu? Coloco as mãos no assento, ao lado das pernas, e as agarro com força, desesperada por um pouco de aterramento. Fechando os olhos, conto até vinte e depois desço novamente até zero. Ao abri-los, olho fixamente para o chão, tentando recuperar o foco. Isso não está funcionando. Tonta e completamente perdida, não consigo me livrar da sensação de que não poderia ir embora agora, mesmo que quisesse.

Meu telefone silencioso range quando o aperto com força.

Olho para Vincent pelo canto do olho. Eu sei quem ele é. Não sou uma idiota. A família do crime DeSantis é uma das famílias mais conhecidas da cidade. Meu pai os mencionou em mais de uma ocasião e nos alertou para que ficássemos longe deles se algum dia entrássemos em contato com eles. Mas quais eram as chances de conhecermos um deles, quanto mais a família inteira? E em que mundo uma garota como eu estaria sentada ao lado de Vincent DeSantis na ópera?

Apesar da arrogância e da assertividade de Vincent, ele é incrivelmente bonito. Com sua aparência e dinheiro, ele poderia conseguir qualquer mulher que quisesse. Uma mulher com a aparência ideal, alguém quase tão alto quanto ele, com

longos cabelos loiros presos em um coque perfeito e traços delicados. Alguém que fale francês e tenha sido preparada para fazer nada além de se casar bem. Uma supermodelo prestes a se aposentar. Uma mulher com classe e graça como sua mãe. Ele precisa de alguém como ele. Ele é incrivelmente bonito. Não apenas seu rosto é muito esculpido para ser real, mas seu corpo também é impressionante. Seus ombros são largos - não de uma forma exagerada, mas de uma forma masculina. Ele se movimenta como um atleta. Provavelmente um jogador de beisebol, não de futebol...

Ele sorri para mim.

Droga. Ele me pegou olhando. O sangue corre para as minhas bochechas e elas ficam em chamas. Coloco minhas mãos no rosto para esfriar. Recosto-me ainda mais no assento, mortificada.

Então, sim, eu sei quem ele é, e sim, ele está tão longe da minha liga que nem sequer jogamos o mesmo jogo, mas nada disso importa. A questão importante é: por que diabos eu concordei em sentar com ele?

Eu me mexo desconfortavelmente. Por Nick, é claro. Foi por isso que concordei. Nick está adorando estar aqui, e eu tenho que continuar me lembrando disso. Mas ainda assim... Eu me mexo um pouco em meu assento e vejo de relance o homem que está me encarando desde que chegamos aqui, Gio DeSantis. Não estou exagerando. Vincent o apresentou como seu irmão mais velho, e o outro homem, Johnny, como o mais velho dos três. Os dois foram educados, mas algo em Gio não está me parecendo certo.

Em primeiro lugar, ele não para de me encarar. É como se ele estivesse tentando me afastar, mas não consigo imaginar o motivo. Eu não fiz nada. E nem mesmo fui eu quem quis estar aqui. Se ele tem algum problema comigo, pode falar com seu irmão.

Uma súbita onda de calor me invade. É diferente do rubor de constrangimento que acabei de sentir. Esse calor começa na parte inferior das minhas costas e, enquanto o suor escorre, esse rubor sobe pela minha coluna. É como se uma mão grande tivesse me agarrado e enrolado em minha mandíbula. Meu coração dispara e minha respiração fica acelerada. *O que é isso?*

A ópera continua com árias e aplausos, mas eu não estou mais presente. Fecho os olhos, mas ainda vejo Gio DeSantis, olhando para mim. Seus olhos são de um marrom estranho. São quentes, quase cor de avelã, mas, ao mesmo tempo, são duros e frios. Afastando a imagem dele, outra, igualmente perturbadora, me vem à mente: ter doze anos de idade em uma casa mal-assombrada. Eu odiava cada segundo disso. Mesmo naquela época, eu gostava de tudo em minha vida limpo e organizado. Acima de tudo, eu odiava, e ainda odeio, surpresas. Mas meu pai pegou Nick e eu em um Halloween e nos forçou a entrar na maldita casa. Passando pela porta, entrando, sabendo que estava prestes a sofrer... Todos os meus sentidos se intensificaram - o cheiro das velas acesas, a sensação da umidade da neblina, o tremeluzir das luzes distantes na escuridão. Coloquei-me à frente de Nick para protegê-lo, e avançamos muito lentamente, pois não havia outro caminho a seguir. Eu continuei andando, esperando que aquele monstro saltasse e nos agarrasse...

E foi o que aconteceu.

É exatamente assim que estou me sentindo agora.

Olho para Nick, desesperada por um pouco de apoio. Ele está sentado à frente, extasiado. Coloco minha mão na dele e a aperto.

Ele se vira para mim e sorri. Em seguida, solta minha mão e se volta para absorver o cenário, os artistas e o puro espetáculo de tudo isso.

Mas algo está errado. Eu posso sentir isso.

Não é por causa dos cachorros-quentes que comemos nem nada literal assim, mas algo está me incomodando, me dizendo alguma coisa. Mas o quê? É como se a voz da minha falecida mãe estivesse na minha cabeça, sussurrando as palavras que ela me dizia todas as noites na hora de dormir até ao dia em que faleceu *'Confie em você, Eleni. Confie em você.*

Euconfiaria, mamãe, com certeza o faria se soubesse em que confiar.

Minha respiração fica cada vez mais rápida, e estou quase hiperventilando.

Olho propositadamente para Vincent para ver se há algo 'estranho' com ele, mas não vejo uma única rachadura em seu verniz. Ele é todo perfeito e tem a aparência de um deus grego. Na verdade, ele parece ambivalente e um pouco entediado com todo o cenário - sua família, a ópera, eu.

Então sou eu. Estou inventando. Estou me preocupando com algo sem motivo. Eu faço isso. Faço. Eu me preocupo com Nick em casa, embora ele esteja bem. Preocupo-me com a bebida de papai, quando parece ser a única coisa de que ele gosta mais. Essa sou eu.

E ainda assim...

Eu vislumbrei Gio. Agora ele está completamente inquieto. Ele gira em direção à saída da plateia, não uma ou duas vezes, mas várias vezes em questão de segundos. Quando se volta, inclina-se para a frente e esfrega o rosto com a mão. Ele brinca com sua gravata e olha por cima do ombro para a saída novamente.

Talvez eu deva dizer a Vincent o que estou percebendo. Mas o que é isso? Um cara de vinte e poucos anos sem par que está desconfortável na ópera? Provavelmente há uma centena de outros caras na plateia que são exatamente iguais. O que eu deveria fazer é cuidar da minha própria vida. Mas não consigo. E daí se eu fizer papel de boba? Como somos apenas nós dois, minha função na vida é cuidar de Nick. Eu adoro esse trabalho. E eu amo Nick.

Reunindo minha coragem, olho para Vincent. — Vincent? — Sussurro.

Ele se vira e olha para mim todo presunçoso e convencido. E foi aí que me dei conta. Ele ganhou. Ele sabia que eu ia me sentar aqui. Ele é um mestre manipulador. Ele pode não ter vencido diretamente, como havia planejado, mas venceu mesmo assim. Ele manipulou o sistema. Ele me manipulou.

— Sim? Eleni? — Sua voz grave é uma doçura melosa sobre o tenor barítono.

Parte de mim se derrete. Mas apenas uma parte.

Aperto a mandíbula rangendo os dentes. Não importa.

O bastardo.

Volto a olhar para a ópera, finalmente conseguindo me concentrar. Agora sei o que está me causando essa maldita sensação de ‘desligamento’.

Ele. Vincent DeSantis.

Cinco

Vincent

O que ela ia me perguntar? Minha sobrancelha se franze. Por que essa garota me confunde tanto? Ela é apenas uma garota. Uma garota aleatória. E mesmo assim...

Ela é absolutamente adorável em seu jeito inquieto. Seria impossível alguém estar mais desconfortável do que ela, aqui e agora, e eu adoraria saber por quê. A maneira como ela fica olhando para Gio e para a saída é um sinal definitivo. Ela quer ter certeza de que poderia fugir se quisesse, mas por quê? Ela acha que eu não sei o que ela está olhando, mas ela não me conhece. Sobrevivi à nossa família por tanto tempo, até à idade de vinte e cinco anos, vendo tudo. É claro que viver até aos vinte e cinco anos não parece nada para uma pessoa comum, mas para um DeSantis, é o primeiro marco. Três dos irmãos de meu pai nunca passaram dos dezoito anos. Antecipar os movimentos das pessoas muito antes de elas os fazerem é uma forma de sobrevivência. Por isso, estar aqui com Eleni e Nick é um pouco perturbador.

Tenho uma sensação estranha em minhas entranhas. É uma sensação rara, mas acontece sempre que não tenho certeza de algo. Mas não posso ficar inseguro sobre nada. Nunca. Minha vida e a vida de todos os membros da minha família dependem de eu ‘ter certeza’de tudo, sempre. E nas raras ocasiões em que a família

está fora, em público, tenho que estar livre de todas as distrações. Mas por que Eleni é uma distração tão grande?

Eu a observo. Ela diminuiu um pouco sua postura hostil. Pelo menos agora, seus braços estão descruzados e suas mãos estão descansando suavemente em seu colo. E são mãos lindas. Eu nunca admitiria isso, nem mesmo para Johnny, mas gosto das mãos de uma mulher. Elas dizem muito sobre ela. Se ela for astuta, o que ela está pensando pode ser facilmente encoberto pelo olhar em seus olhos. Mulheres experientes, mulheres que já foram muito machucadas, podem forçar para longe seus sentimentos, pensar em um cachorrinho ou em um gatinho e pronto!.. a tristeza ou o desejo em seus olhos desaparecem, substituídos pela intenção de qualquer pensamento genérico que estejam tendo.

Mas as mãos... não há como alterá-las ou esconder algo por trás delas. As mãos de Eleni, por exemplo. Seus dedos são longos e magros, mas sua pele é pálida e seca. Suas unhas são curtas e irregulares e estão cobertas com um gloss transparente de três dólares, provavelmente em uma tentativa de enfeitá-las para esta noite. Uma de suas cutículas está quebrada e a borda em torno dela está vermelha e inchada. Sem dúvida, ela está planejando passar um creme antisséptico e fazer um curativo antes de vestir uma camiseta regata e um short de pijama xadrez curto demais e ir para a cama para passar a noite...

Não. Eu me mexo desconfortavelmente em meu assento, puxando as pernas da calça para ter mais espaço na virilha. Eleni na cama é uma imagem que eu não esperava que provocasse uma resposta tão rápida. Voltemos às mãos. Essas são as mãos de uma mulher que trabalha muitas horas e não tem tempo para cuidar de si mesma. Mamãe nunca deixaria suas unhas ficarem assim. Há uma equipe de esteticistas no pessoal para garantir isso.

Olhando para mim - lá. Ela fez isso de novo. Seus olhos passam por mim e olham para a saída. Droga. Estou frustrado em mais níveis do que estou disposto a admitir até para mim mesmo. Em alguma região profunda e escura que eu não sabia que tinha, sinto pena dela. Ela é como um potro selvagem em uma manhã fria de outono, que acabou de ganhar o controle de suas pernas, e estou tentando domá-la. Imediatamente.

Mas é isso que eu faço. É a única maneira. Não há espaço em minha vida para surpresas. Não pode haver. Além disso, é só uma noite. Amanhã ela pode voltar à sua vida de normalidade impressionante. Hoje à noite, tenho outros planos para ela. Esta noite, depois de deixarmos seu irmão em casa em segurança, eu a levarei para o hotel W no centro da cidade. Então, depois de seduzi-la com champanhe e tempo suficiente na varanda para se apaixonar por Nova York em toda a sua glória pré-feriado, eu a pegarei nos braços e a levarei para o quarto. Ela ficará tão impressionada com o espetáculo de tudo isso que arrancará suas próprias roupas. Elas sempre fazem isso. De lá, eu...

Ali. Ela olhou por cima do ombro novamente. Isso está se tornando estranho. Ela está desconfortável com alguma coisa. Mas o quê? E o que é essa sensação de desconforto em meu estômago? Estou simplesmente reagindo a ela ou é algo mais?

Isso é ruim. Meus instintos não podem ser comprometidos. Em meu mundo, eu vivo de instintos e reações instintivas. Não, não estamos ativamente em guerra no momento, mas não estamos sempre? Não há uma animosidade contínua, fervilhando em segundo plano, que pode explodir a qualquer momento? São os gregos, especificamente a maldita família Drakos. Temos trabalhado com a família Drakos - pacificamente - há gerações. Mas agora esses malditos jovens decidiram que nossas docas, as docas que têm sido administradas por italianos há gerações, estão em

disputa. E se isso acontecer, se eles insistirem nisso, não haverá outra opção a não ser entrar em guerra.

Uma onda de choque passa por mim, prendendo-me ao encosto da cadeira. É como se o tenor tivesse lançado um raio do palco e ele tivesse caído bem no meu coração. Essa é a razão pela qual serei nomeado Don esta noite. Porque eu entendo o que precisa ser feito. Olho de soslaio para Johnny. Ele não iria para a guerra. Ele sempre quis mudar nossos costumes. Pregando a paz como se fosse uma espécie de Gandhi ou John Lennon. Mas tenho novidades para ele: em nosso mundo, esses dois homens teriam sido mortos no primeiro momento em que hastearam suas bandeiras da paz. Diabos, Johnny não poderia nem mesmo deixar um par de lagostas ruins sofrerem; ele nunca ordenará os ataques a homens que têm esposas e filhos.

Mas eu farei. Farei tudo o que for necessário para proteger a família. Olhando para além de Eleni, vejo mamãe. Devo isso a ela. Uma onda de algo que nunca havia experimentado antes pesa sobre mim. É uma sensação de ter que aceitar as coisas como elas são, sem poder mudá-las. Nem sei qual é a palavra para esse sentimento, mas seja qual for, é péssimo. De repente, não consigo respirar. É como se eu estivesse preso em uma pequena caixa e precisasse me libertar. Quebrar alguma coisa. Ao mesmo tempo, estou desesperado para me agarrar à realidade.

Eu preciso...

Sem pensar, estendo a mão sobre o colo de Eleni e pego sua mão na minha. Nossos dedos se entrelaçam e eu a trago para mais perto de mim... Nossas mãos estão no braço do sofá entre nós.

O mal-estar em minhas entranhas diminui, e a leveza substitui a angústia constante em meus ombros tensos. Meus músculos tensos se soltam e relaxam. Seu calor e sua feminilidade me acalmam imediatamente.

Poderia ser... tão fácil? Essa mulher?

Será que Eleni Moralis é o que eu preciso?

Seis

Eleni

Mas que diabos? Olho fixamente para nossas mãos entrelaçadas. De alguma forma, ele forçou meus dedos a se separarem e entrelaçou seus dedos nos meus. Como se fôssemos namorados comemorando um aniversário de casamento. Minha mão fica tensa. *Quem diabos ele pensa que é?*

Enquanto penso em meu próximo passo, não posso negar que essa surpresa não é totalmente desagradável. Suas mãos são fortes e poderosas, mas ao mesmo tempo gentis. Se eu fosse uma mulher que tivesse tempo para se envolver em um romance, seria difícil resistir a isso. A beleza da casa de ópera, a magia da música nos envolvendo, e sua mão segurando a minha. Dou uma olhada para ele e depois volto a olhar para o palco. Seria bom se isso fosse real. Seria bom ter alguém com quem conversar, apenas para parar de sentir que estou sozinha, carregando tudo em meus ombros. Alguém que não seja um irmão mais novo, quero dizer. Há tanta responsabilidade - Nick, papai, a casa deles, as contas, as compras, meu dormitório - sim, eu cuido de tudo, mas seria bom, só de vez em quando, ter uma fuga.

Ele aperta minha mão.

Eu poderia me imaginar envolvida com ele. Ou, pelo menos, alguém como ele. Alguém muito menos arrogante. Um homem lindo que faz com que eu não tenha

que me preocupar com nada. Ir ao teatro, conversar em jantares noturnos no Village, aparecer do lado de fora da minha última aula do dia com um buquê de flores silvestres... Depois, cairíamos juntos na cama, onde seu único desejo seria me fazer feliz. *Mmmm*... Descruzo e volto a cruzar minhas pernas, parando entre elas para apertá-las. Esse homem de fantasia seria mágico na cama. Ele seria carinhoso e gentil, mas, ao mesmo tempo, enérgico, prendendo-me aos lençóis, colocando minhas mãos sobre a cabeça, empurrando meu queixo para cima, para que ele pudesse depositar pequenos beijos em meu pescoço... Nunca haveria um momento em que qualquer um de nós duvidasse de quem estava no comando... Sim, se eu fosse uma mulher que acreditasse em romance, seria muito fácil me apaixonar por um homem forte, carinhoso e atencioso.

Mas eu não sou essa mulher. E nunca serei. O romance é uma grande besteira.

Aperto sua mão.

No início, ele aperta de volta como se nossas mãos estivessem fazendo preliminares. Mas quando eu aperto com mais força ainda, ele deixa a mão cair e faz uma careta. Não consigo evitar. Isso é bom demais. Dobrando os nós dos dedos para cima, as pontas dos meus dedos fazem contato com o dorso da mão dele, e eu me aprofundo. Com força. Usando toda a força da minha mão, pressiono cada vez mais forte até ter certeza de que estou deixando marcas duradouras, talvez até cicatrizes. Talvez eu tire sangue.

Sua carranca se torna furiosa. A maneira como ele se vira e olha diretamente para mim...

Imediatamente paro e solto meu aperto de mão. Provavelmente não é a melhor ideia pressionar esse homem. Mas não consigo evitar. Ele é tão irritante. Ele estende a outra mão, solta nosso aperto e coloca minha mão em meu colo. Era o que

eu queria e o que eu merecia, mas não consigo me livrar da sensação irritante de que estou sendo dispensada.

Mordo a parte interna de minha bochecha. Por que esse homem me irrita tanto?

Pelo canto do olho, vejo Gio se levantando de seu assento. Ele não faz barulho e desaparece nas sombras perto da saída da plateia, de forma tão furtiva que ninguém parece notar. Mas eu noto. Ele some por um momento e depois volta imediatamente. Ele se senta novamente, mas alguns assentos mais perto da saída. Ele força a cabeça para a frente para assistir à ópera, mas depois olha por cima do ombro para a saída novamente.

Tentando não ser óbvia, viro-me para olhar atrás de mim. O ‘serviço secreto’ ainda está lá, perfeitamente imóvel. *Huh.* Eles não estão reagindo a Gio, então por que eu estou? Essas pessoas devem ser muito mais treinadas do que eu para seguir seus instintos e perceber algo que está ‘estranho’. Tenho que deixar isso para lá.

Mas não posso.

Observo Gio deslizar para fora de seu assento e ficar de pé. Ele levanta as mãos, entrelaça os dedos e gira os pulsos, empurrando as mãos para a frente para esticar os braços.

E é aí que eu vejo. Algo brilhante enfiado em seu cós.

Ele faz contato visual. Sabe que eu vi.

Ele abaixa os braços e deixa as mãos ao lado do corpo. Ele empurra os ombros para trás e parece ainda maior e mais forte do que antes. Levanta as sobrancelhas para mim.

Com o coração acelerado, eu me afasto dele e me forço a sentar de frente para ele. Não é nada demais que ele esteja carregando uma arma. Tenho certeza de que os seguranças do Sr. e da Sra. DeSantis também estão armados. Provavelmente as pessoas pelas quais passo todos os dias na rua têm armas. Então, por que estou tão apavorada? Levantando uma mão trêmula, limpo um ponto de transpiração na testa. Estou sendo ridícula.

Quando olho de volta para Gio, ele está exatamente no mesmo lugar e na mesma posição, mas a expressão em seu rosto mudou. Sua careta desapareceu. Sua expressão se transformou de dura e desagradável para aberta... e preocupada? Seu peito se agita e seus olhos estranhos parecem estar me dizendo algo. Mas o quê?

Um *BOOM* alto vem dos tímpanos da orquestra, fazendo com que eu quase pule da cadeira para o colo de Vincent. Fecho os olhos com força. *Aguente firme, Leni. Aguente firme.*

Abro os olhos e me viro para Gio no momento em que ele balança a cabeça e desaparece nas sombras.

Sete

Eleni

É... estranho como Gio simplesmente desapareceu. Por que estou mantendo silêncio sobre isso? Viro-me para Vincent para perguntar-lhe sobre isso, e é quando os vejo: seis homens mascarados que se materializam das sombras para a plateia.

BAM!

Alguém dispara uma arma e um dos guardas da família DeSantis cai, segurando o estômago. O sangue vermelho escorre por sua camisa branca e cobre os dedos da mão que está cobrindo o ferimento. O sangue não jorra simplesmente para a frente, ele desafia a gravidade, subindo e descendo, cobrindo toda a mão com uma horrível luva vermelha.

Estou em um filme. Tenho que estar. O mundo se move em câmera lenta. O palco é iluminado em cores, mas ao nosso redor, tudo agora é preto e branco.

O caos se instala.

Os guardas restantes da família DeSantis sacam suas armas e disparam contra os homens mascarados. Um deles é atingido, mas os mascarados não se intimidam. Uma bala acerta em cheio o peito de um dos homens, mas ele não para. Eles devem estar usando coletes à prova de balas. *Por que nossos guardas não estão?*

Nossos guardas? Quem eu penso que sou?

Os homens mascarados avançam e os gritos enchem o ar. As balas podem decolar rapidamente das câmaras, mas seus sons deixam um zumbido interminável em meus ouvidos. Pessoas de todas as partes do auditório ouviram o barulho e viram os homens ou estão reagindo ao terror de outras pessoas. As pessoas se levantam. A orquestra é um borrão de casacos e vestidos, cabelos e smokings - todos os tipos de cores se misturam enquanto as pessoas se atropelam umas às outras, correndo para as saídas. Os ecos dos gritos são estrondosos.

Meu assento está tremendo com o choque de sons, mais alto do que qualquer soprano e tenor jamais estiveram. Virando-me de costas para Nick, estendo os braços para protegê-lo. Fico de frente para os atiradores.

Ao meu lado, Vincent está de pé.

Olho para o meu lado e não vejo a mãe de Vincent. Então me dou conta de que ela deve estar no fundo da pilha de três pessoas que tem outro dos guardas deles no topo. Ele deu sua vida por eles. Como eu faria por Nick.

— Leve-me, — murmuro. — Ele não. Por favor, ele não. — Flexiono os braços como se qualquer parte do meu corpo magro, de 1,65 m, pudesse cobrir meu irmão alto e esguio. Mas eu tento. Se nada mais, talvez eu possa levar um tiro por ele.

BAM! Outro tiro é disparado e mais outro. A cada estrondo e a cada reverberação, eu recuo.

— Leni! — Por trás de mim, Nick grita e agarra meus braços. Ele puxa, tentando me arrastar com ele. — Temos que ir!

Ele tem razão. Nosso pai sempre nos disse para corrermos e nos afastarmos o máximo possível de um atirador ativo. A menos que não possamos. Olho em volta em busca de uma saída, mas há um mar de gente, empurrando e se acotovelando para

sair do auditório. Não há como escapar. Nossa única saída está do outro lado dos atiradores. Estamos presos. Nosso pai também nos disse que a segunda melhor coisa a fazer em um tiroteio ativo é se esconder.

Tudo acontece ao mesmo tempo. Empurro Nick para o chão em frente aos nossos assentos e, como o guarda ao meu lado, me jogo sobre ele.

Vincent solta um grito de guerra de gelar o sangue enquanto avança e se joga contra a cintura de um dos homens mascarados, derrubando-o com as próprias mãos. Tudo ao nosso redor é uma distorção de punhos, suor, cuspe e sangue. Vincent e Johnny estão de pé, empurrando e socando os atacantes mascarados. Vincent se move como um leão furioso. Ele agarra um dos homens mascarados pelo ombro e pela cintura e o levanta.

Eu me afasto quando ele derruba o homem em um banco. Com força. O *estalo* angustiante da coluna vertebral do homem pode ser ouvido acima do barulho. Eu me viro para trás enquanto o homem uiva em agonia.

Vincent está de pé atrás dele, com a cabeça do homem em suas mãos. Vincent olha para mim e nós nos olhamos. Ele pisca.

Eu desvio o olhar. Quando olho para trás, o homem está morto aos pés de Vincent.

Meu estômago se revira e os cachorros-quentes sobem. Engulo com força, empurrando-os de volta para baixo. Não há tempo para fraqueza.

Bam! Bam! Pum! As balas continuam voando.

Será que elas não vão parar? Será que isso nunca vai acabar? Meu corpo entra em convulsão em cima de Nick, e eu o sinto se movendo sob mim. Sei que foi apenas uma questão de segundos, mas parece que foi uma eternidade.

Johnny está dando socos em um dos homens mascarados. O homem se vira para trás e Johnny se esquiva. Ele se aproxima por trás do homem e o agarra em um chave de braço. Com a mão livre, Johnny puxa a máscara do homem para cima, expondo o rosto dele, e o homem rosna e assobia como um cão faminto liberado para uma luta até à morte.

Vincent corre em direção a eles e bate no rosto do homem enquanto Johnny o segura. Vincent dá um golpe atrás do outro no queixo do homem enquanto a vida se esvai lentamente do corpo dele. Ele se tornou nada mais do que um saco de pancadas murcho nos braços de Johnny. Em meio ao borrão e à névoa de violência, Vincent e Johnny se movem como se tivessem coreografado essa surra, como se já tivessem feito isso um milhão de vezes antes.

Talvez sim.

Meu estômago se revira novamente e a parte de trás da minha língua dói. — Não, não, não, — sussurro. Não posso vomitar. Preciso chamar o mínimo possível de atenção para nós. Olho de relance para ver Vincent dar mais um soco no rosto do homem, agora ensanguentado e inchado. A cabeça do homem fica mole e Johnny o deixa cair no chão.

BAM! Outro tiro é disparado e meu corpo treme. Com o canto do olho, vejo Vincent se dobrando, segurando a parte de trás de seu braço esquerdo.

— Leni? — Nick sussurra embaixo de mim.

Tudo o que quero fazer é acariciar seus cabelos e confortá-lo como costumava fazer quando ele era uma criança preocupada com um monstro debaixo da cama. — Estou bem aqui, — murmuro. — Estamos bem. Apenas fique quieto.

Isso é um pouco verdadeiro. Ficar encolhido nessa bolinha, juntos, é o mais seguro que podemos estar.

Seguro. Fecho os olhos e sussurro uma oração: — Querido Deus, eu só quero que ele esteja seguro. — Não sei por que me preocupo com isso, pois foi a mesma oração que usei para minha mãe. Não funcionou na época, por que funcionaria agora? Mas talvez... talvez Deus armazene 'pontos de dor' de alguma forma, e eu tenha coletado o suficiente para ganhar um alívio. E se isso for verdade, quero usar todos os créditos que tenho para manter Nick seguro.

— Eleni! — A voz profunda e autoritária de Vincent me tira de meu estado de confusão. — Fique deitada! — ele ordena. O sangue está escorrendo por seu braço e pingando de seus dedos.

Estou caída... Só então percebo que não estou encolhida em uma bola, me escondendo, como deveria estar. Estou esparramada sobre Nick, com meu peito totalmente exposto.

Sou um alvo.

Whhhoooottt! Whhhoooottt! Os sons altos e estridentes da resposta de emergência da cidade de Nova York quebram o barulho da sala.

Graças a Deus.

Os três homens mascarados restantes olham um para o outro e dão um soco nos ombros, acenando para a saída. Dois deles correm.

Vincent acena para Johnny, e Johnny corre atrás dos homens.

— Vá! — Vincent comanda o guarda em cima do Sr. DeSantis. — Não deixe que eles fujam.

Os dois guardas restantes também correm atrás dos homens mascarados, mas em vez de segui-los, o terceiro homem mascarado corre em direção ao guarda que está protegendo o Sr. e a Sra. DeSantis.

— Não, ela não, — sussurro.

O guarda levanta a arma, e eu fecho os olhos.

Bam! Bam! Pum! Três tiros, três pessoas.

Levei a mão à boca, abafando um soluço. A mãe de Vincent tinha olhos tão bondosos...

Esse mesmo homem mascarado vira sua arma para Vincent. Sem nenhum guarda para protegê-lo, o homem mascarado caminha diretamente em direção a Vincent com a arma levantada e o braço estendido diante dele. Quem quer que esteja por trás da máscara está gostando disso. É pessoal.

Não consigo evitar. É como um acidente de carro. Eu deveria desviar o olhar para que o homem mascarado não soubesse que sou uma testemunha, mas não consigo. Em vez disso, olho diretamente para os olhos cor de avelã, furiosos e de cor estranha. — Gio, — sussurro.

Em um instante, o homem vira a arma para mim e puxa o gatilho.

— NÃO! — Vincent grita, pulando na minha frente. Ele está me protegendo. Levando um tiro por mim. Por mim. Uma completa estranha.

Em seguida, o barulho muda, como acontece em um show, quando se passa da banda de aquecimento para a banda principal. As vozes ficam mais altas e mais urgentes. A energia da sala muda de escura e deprimente para mais leve e esperançosa. E o cheiro - o horrível fedor de sangue e medo - diminui.

Tudo fica mais leve - os sons, os cheiros, até mesmo o gosto sufocante do terror - e a realidade desaparece. Mas talvez isso não seja uma coisa ruim, se a realidade for o que acabamos de viver.

Mas será que conseguimos?

Sobreviver a isso?

Será que tudo isso significa que estou morta?

Os funcionários do pronto-socorro chegam correndo com macas e olho para Vincent, que está me encarando com um olhar tão triste no rosto que quase sinto vontade de confortá-lo. Quase. Escondo a empatia tão rapidamente quanto ela surge quando me lembro que ele é a razão de eu estar aqui.

Levanto o braço e olho para o dorso da minha mão. Está exatamente como sempre foi, mesmo com aquela pequena mancha de eczema nos nós dos dedos. Portanto, devo estar viva. Viro minha mão e fico paralisada. Minha palma está encharcada de sangue. Mas sangue de quem?

Levanto-me e dou um tapinha em mim mesma. Eu me movo rápido demais, como se estivesse apagando um incêndio.

— Eleni, — ronrona Vincent. — Você está bem.

— Estou?

Ele acena com a cabeça e pega minha mão, apertando-a de forma protetora. — Você está bem. — Pela forma como ele se retrai, deve estar sentindo uma dor imensa.

Balancei a cabeça e afastei a mão enquanto tentava me concentrar.

Os funcionários do EMS passam correndo.

— Há sangue, — protesto. — E eu o vi puxar o gatilho. Como você está vivo?

— Eu...

Espere. Sangue. Em minhas mãos... — Nick? — Eu me virei.

Nick está deitado em uma poça de sangue no chão. Seu corpo está caído para a frente e dois funcionários do EMS estão com ele. Um deles o deita de costas no chão, rasga sua camisa e faz curativos em um ferimento de bala. O outro começa a administrar a RCP e bate em seu peito.

— Desfibrilador! — grita o homem que está fazendo a RCP.

Não. Não. Não, não, não, não, não... — Nick! — Corro até ele, empurrando para o lado um dos funcionários do EMS, uma jovem com a cabeça raspada.

— Senhorita, a senhora precisa ir embora, — diz a funcionária do EMS.

— Nick? — Eu a ignoro e me ajoelho perto de sua cabeça.

Ela conecta as pás do desfibrilador e grita: — Limpo!

O pobre corpo de Nick treme e se agita com o choque. Ela repete suas ações mais duas vezes. Ele não responde.

— Não, Nick. Vamos lá. Este não é o momento para uma de suas piadas idiotas. Vamos lá. Você precisa acordar. — Eu o sacudo.

Os funcionários do EMS apenas me observam.

Viro-me para a mulher com a cabeça raspada. — Por que não está fazendo nada? O que há de errado com você? Ajude-o!

As feridas de Nick sangram através do curativo. Não, nunca mova alguém que sofreu uma queda, pois isso pode causar paralisia permanente, mas ele precisa de mim. Nick precisa de mim agora. Pego sua cabeça e a coloco em meu colo. — Vamos lá, Nick. Pare com isso. Desculpe-me por tê-lo feito vir à estúpida ópera, está bem? Nick? Nicky? Vamos lá. Vamos para casa agora. Está na hora.

Eu o embalo em meu colo, como fiz quando nossa mãe morreu.

— Eleni.

Eu olho para cima.

É Vincent, ele está segurando uma jaqueta amassada contra seu braço sangrando. — Eleni, precisamos deixá-los levar Nick, agora.

— O quê? — Eu o encaro. — Precisamos fazer o quê? — A ira me invade. — Não vou deixar ninguém levar Nick a lugar nenhum. Ele só precisa de um minuto para acordar. É só isso. — Continuo a embalá-lo.

— Eleni, ele tem um ferimento de bala. Ela perfurou seu fígado.

— Você é médico agora?

— Eleni. Ele precisa ser transportado.

— Onde? — Olho fixamente para Vincent. — Para onde ele precisa ir? Para onde eles o levarão?

— Senhorita, — um dos outros funcionários do EMS me pega pelo braço. — Você precisa vir conosco para ser examinada. Você passou por uma experiência traumática. Precisamos ter certeza de que está bem.

— Estou bem? — Eu me arrebento, puxando meu braço para longe. — Como eu poderia estar bem? Meu irmão acabou de levar um tiro no... fígado no Metropolitan Opera. Como isso pode acontecer?

Os funcionários do EMS acendem luzes em meus olhos e me dizem que estão verificando se há sinais de choque enquanto eu continuo com minha agitação. Permaneço em meu lugar ao lado de Nick. — Diga-me! Como isso acontece? — Olho fixamente para Vincent. — Nick estaria bem se tivéssemos ficado em nossos lugares? — Enquanto grito, percebo policiais se aproximando, vasculhando a cena. Por um minuto, imagino que um deles seja meu pai e que eu possa me encostar nele e chorar. Mas, é claro, Nick Moralis Sr. está em casa, tomando uma garrafa de Jameson.

Eu os ouço murmurar coisas como: ‘Golpe da máfia’ e ‘eles têm o que merecem’.

Vincent olha para eles também e, em seguida, ajeita a gravata e tira o paletó enrolado que está usando para aplicar pressão no braço sangrando, agindo como se nada tivesse acontecido. — Eleni, tenho que ir. — Ele mantém a jaqueta ensanguentada perto do peito.

— Ir? Ir para onde? — Olho em volta, percebendo que o caos se acalmou.

Ele balança a cabeça. — Eu sinto muito, muito mesmo que isso tenha acontecido com você. — Vincent dá as costas para mim e sai correndo para as sombras da plateia.

Volto minha atenção para meu irmão. Acaricio seu cabelo. — Está bem, eu quis dizer isso a noite toda, mas a primeira coisa que precisamos fazer neste fim de semana é cortar seu cabelo. Você está começando a parecer que pertence a uma 'Hair Band' dos anos 80.

Sacudo seu corpo. — O quê? Sem discussão? — Eu o sacudo com mais força. — Vamos lá, Nick. Você sempre reclama quando falo do seu cabelo.

— Senhorita? — É um policial jovem com olhos gentis. — A senhorita poderia vir comigo, por favor? — Ele estende a mão para mim.

Balanço a cabeça. — Eu gostaria, mas tenho que esperar meu irmão acordar.

Ele acena com a cabeça, tira o chapéu e passa a mão no cabelo. Ele se agacha ao meu lado. — Eu entendo. Entendo mesmo. Mas seu irmão precisa ser levado para o hospital agora mesmo.

— Tudo bem, eu preciso ir com ele.

O jovem oficial suspira. — Nós lhe daremos uma carona, ok?

Aceno com a cabeça e me levanto com as pernas trêmulas.

— Senhorita, pode me dizer seu nome?

— Eleni. — Minha voz está trêmula. — Eleni Moralis.

Ele escreve algo em seu caderno. — E qual é o nome de seu irmão?

— Nick. Nick Moralis Jr.

O jovem policial fica paralisado. — Seu pai está na polícia?

Aceno com a cabeça. — Por trinta anos.

O policial se levanta como se tivesse acabado de ser picado por um enxame de formigas e corre para outro policial. Eles conversam e apontam para mim. Esse policial fala em seu rádio bidirecional.

Em meio à agitação, percebo alguns trechos.

— Diga a ele... Cinquenta e cinco... O filho de Nick. D.O.A. Seu filho.

Cinquenta e cinco. D.O.A[2].

O mundo se desfaz. O ruído de fundo se intensifica até parecer um trem passando em disparada. Meus batimentos cardíacos pulsam no cérebro. Eu me afasto dos policiais e corro atrás de Nick, jogando-me sobre seu corpo. — Nick, eu sinto muito. Sinto muito, muito mesmo. Não, Nick, você não pode ir.

Os funcionários do EMS continuam avançando, tirando seu corpo de mim. Eles desaparecem pela saída.

Ele se foi. Todo ele.

Seus planos de se tornar um arquiteto. Sua paixão por cachorros-quentes. Sua voz suave quando brinca comigo. Não haverá mais Natais. Não haverá mais visitas ao meu dormitório ou perseguição a garotas velhas demais para ele. Não haverá mais... nada.

[2] *Dead on Arrival* - Morto à chegada.

O tremor em meus joelhos se intensifica e eles se dobram. Eu caio no chão. Em minha visão periférica, vejo um policial correndo em minha direção, mas mal o registro. Estou entorpecida. Não consigo processar nada. Exceto...

Levanto os olhos e viro a cabeça para a saída da plateia. A única coisa que consigo processar é que talvez eu saiba quem puxou o gatilho que matou Nick.

Mas não importa quem puxou o gatilho, Vincent DeSantis é o culpado pela morte do meu irmãozinho. Ele é a razão de estarmos aqui, presos neste pesadelo.

Respiro fundo pelo nariz e fecho os olhos. Em silêncio, eu prometo...

Se eu o vir novamente, Vincent DeSantis, farei com que você sofra e pague pelo que fez.

Oito

Eleni

Cinco anos depois

Beeeeeppppp!

— Nãoooooo... — Resmungando, eu me viro e coloco o travesseiro extra sobre minha cabeça. Não pode ser *de manhã. Ainda não. Eu tinha acabado de dormir...*

Beeeeeppppp!

— O quê? — Levantando-me na cama, olho para a hora no relógio: três e cinquenta e cinco. — Pai? — Meu coração dispara quando pego meu telefone. É só uma questão de tempo até que ele desmaie bêbado na esquina e um dos vizinhos o encontre e me ligue. Se ele bater a cabeça no concreto... Se ele sangrar... Se ele se engasgar com o próprio vômito... Se ele morrer por minha causa...

Não. Não posso pensar assim. Seja o que for que esteja acontecendo com papai, ele mesmo provocou isso.

Foco. Olhando com mais atenção, vejo o texto, mas não é de papai ou de um vizinho. O melhor que posso ver é que é de Cynthia, minha assistente. Pego meus óculos na mesa de cabeceira e esfrego os olhos embaçados antes de colocá-los.

É de Cynthia. — Vamos, Cyn, — murmuro, — fique bem. Por favor, por favor, não se machuque nem fique doente, e não diga que não virá hoje.

Nesses últimos dois anos de trabalho em conjunto, Cynthia se tornou meu braço direito - verificando fatos, organizando - e ela é uma grande parte do motivo pelo qual talvez eu consiga uma vaga de sócia na Dobbins and Wainhouse. Além disso, confio totalmente nela.

Balançando a cabeça, afasto o telefone do rosto para ler a mensagem. Deve ser importante. Ela só me mandaria uma mensagem às três e cinquenta e cinco da manhã se fosse. Ela é uma das únicas pessoas que sabem de meus pesadelos e de como é difícil para mim dormir. Como toda vez que minha cabeça bate no travesseiro, eu revivo aquela noite... os tiros, o sangue, o corpo de Nick sendo levado embora... várias e várias vezes.

Li a mensagem em voz alta para me ajudar a acordar:

Eleni, vista-se e vá para a O.P.P. imediatamente! Um grande cliente foi preso. Jim quer você lá agora! Detalhes quando você chegar. Mexa-se!

Cyn

Jogando os cobertores de lado e tirando as pernas do edredom branco e macio, abro meu aplicativo de serviço de carro e chamo um carro enquanto corro para o banheiro para escovar os dentes. Multitarefa, coloco a escova em uma das bochechas e prendo o cabelo em um rabo de cavalo rápido, mas, espero, sofisticado.

Com uma mensagem como essa, obviamente não há tempo para tomar banho. Mesmo a essa hora, com quase nenhum trânsito, ainda levarei vinte minutos para ir do meu apartamento em Tudor City até ao *One Police Plaza*[3]. Estou feliz por ter tomado banho depois do treino de ontem à noite.

Apressando-me do banheiro para o closet, coloco minha calcinha de vovó e meu sutiã sem graça, depois coloco uma camiseta regata de seda creme e meu terno preto com saia lápis. Pego meus brincos e minha pasta sempre pronta e meu celular quando saio.

— Merda! — *Maquiagem.* Preciso de algo que faça parecer que dormi mais de duas horas. Voltando ao banheiro, pego minha bolsa de produtos de higiene pessoal e, espiando pela janela, vejo um carro parando. Espero que seja o meu.

Ao sair pela porta, faço uma pausa para verificar três vezes as fechaduras. Depois, jogando minha pasta sobre o ombro, desço correndo as escadas e entro no carro que está esperando.

***

— Oh. — As sobrancelhas de Cynthia se erguem quando a encontro do lado de fora da sala de interrogatório do One Police Plaza.

— O quê? — Olho para baixo, para minhas roupas. Tudo está do lado certo e em ordem. — O que foi? — Dou de ombros para Cynthia enquanto caminho até ao lixo mais próximo e jogo minha xícara de café vazia.

[3] ***One Police Plaza*** é a sede do Departamento de Polícia de Nova York. O edifício está localizado na Park Row, no Civic Center, Manhattan, perto da Prefeitura de Nova York e da Ponte do Brooklyn. Seu quarteirão faz fronteira com Park Row, Pearl Street e Police Plaza.

— Por que você não tira um segundo para ir ao banheiro feminino se refrescar?

— Estou renovada, — protesto.

— Sério?

— Cynthia, minha aparência não importa. Estou aqui porque sou uma boa advogada. Nenhum outro motivo.

Ela me cala, colocando as mãos em meus ombros. — Você também é uma mulher. E o homem que está naquela sala vai abalar seu mundo.

— Vamos, Cyn. — Eu a afasto.

Abaixando o queixo, ela olha para mim através de seus longos cílios postiços. — Confie em mim. Bonito como um astro de cinema. Voz profunda. Mãos fortes. Ombros largos. Você vai querer estar em seu melhor jogo. Eu gostaria de ter usado sapatilhas perto desse cara. Sério, fez meus joelhos dobrarem e tudo mais.

— Você tem um nome?

Ela se inclina para perto. Seus olhos estão brilhando. — Eles não me contaram até você chegar aqui. — Com um metro e cinquenta e cinco de altura, ela sorri. Dá um tapinha no topo de seu cabelo loiro crocante, alisando-o. Ela adora todo esse mistério de capa e espada.

— Ok, bem, por quais acusações eles prenderam o *Sr. Incrível*? É estranho que tudo isso seja tão secreto.

— Assassinato.

— Oh. — Sinto um calafrio. Nunca trabalhei em um caso de assassinato antes, e isso é um pouco perturbador. Ou o cara é um assassino, ou está sendo falsamente acusado. De qualquer forma, é inquietante.

— Uau. Parece que você viu um fantasma. Eleni, confie em mim. Esse cara não é um assassino. Não é possível que alguém tão lindo mate alguém. Ele não precisa fazer isso. As pessoas simplesmente lhe darão o que ele quiser.

Suspirando, sorrio para ela e sua lógica complicada. — Se nosso cliente diz que é inocente, então ele é inocente. Meu trabalho é defender. Não julgar.

— Tudo bem. Mas estou julgando. Estou julgando você. Eleni, vá ao banheiro, limpe as manchas de rímel sob os olhos e passe um pouco de gloss rosa nos lábios ressecados e pálidos. Por favor. Pelo amor de Deus, parece que você beijou um cacto, o que eu sei que não foi o caso, porque você não beija nada ou, mais importante, *ninguém*. Então volte, mantenha o queixo erguido, entre naquela sala e, o mais despreocupadamente possível, segure-se na mesa para se apoiar, para que ele não a derrube.

— Haha! — Eu ri, mas me apressei em seguir as instruções de Cynthia de qualquer maneira.

***

Caminhando para a porta da sala de interrogatório pela segunda vez, vejo Jim, meu chefe, pairando do lado de fora, equilibrando envelopes e papéis em suas mãos.

Ele é um cara bem discreto, de aparência genérica, com cabelos castanhos curtos e um rosto amigável, mas esta noite - ou esta madrugada - ele parece tão cansado quanto eu me sinto. Seu terno azul-marinho está levemente amarrotado e sua gravata está torta. Ele também tem olheiras, mas isso tem sido comum desde que seu filho mais novo nasceu há alguns meses. Colocando os papéis perdidos no envelope,

ele vem correndo até mim e pega minha mão, apertando-a. — Eleni. Obrigado por ter vindo a esta hora.

— Está tudo bem. Mas o que está acontecendo? Não tenho nem mesmo um arquivo para dar uma olhada.

— Temos um cliente de alto nível.

Aperto os olhos, tentando entender. — Você já teve clientes de alto nível antes. O apresentador que foi acusado de Me-Too-ed[4], o político acusado de ter um caso com uma garota menor de idade...

— Mas esta é a primeira vez que temos alguém dessa magnitude. Preciso de você no seu melhor, Eleni. Você será a minha segunda advogada nesse caso e, se tudo der certo, esse caso fará sua carreira. É uma grande oportunidade para uma associada, mas sei que você pode lidar com isso. Colocá-la no caminho para eventualmente se tornar sócia. Pense nesse caso como uma garantia de emprego.

Inspirando profundamente, meus pensamentos se voltam para papai. Por quanto tempo mais ele conseguirá viver sozinho? Sua memória está se deteriorando quase tão rápido quanto seu fígado. O tratamento de longo prazo é ridiculamente caro. Milhares e milhares de dólares por mês. Mal consigo pagar meu aluguel e as despesas da casa dele agora. E como ele não é o dono da casa, não podemos nem usar isso para compensar as despesas por um tempo. Preciso desse emprego e preciso me tornar sócia para sobreviver.

— Pode contar comigo, Jim. — Sinto borboletas no estômago. Além de tudo, essa abordagem clandestina é intrigante. Adoro meu trabalho e me sinto honrada pelo fato de Jim achar que sou boa o suficiente para esse caso - seja ele qual for.

[4] Casos de acusação pública, #me_too

Ele acena com a cabeça. — Eu sei. É por isso que está aqui. — Ele sorri, depois estende a mão para trás, agarra a maçaneta da porta e a abre.

Respirando fundo, ergo a cabeça e me preparo para entrar, pronta para conhecer meu futuro. Mas primeiro... só para ver com quem estou lidando, fico do lado de fora da porta e dou uma olhada lá dentro. — Puta merda. — Eu congelo. Não há outra palavra para isso. Fico imóvel e me esqueço de respirar.

— Eleni? — Jim pergunta.

— Uh, sim. — Ajusto os óculos e pisco os olhos várias vezes só para ter certeza, mas tenho. Certeza.

Sentado a essa mesa está Vincent DeSantis.

— E-eu... — Voltando totalmente para o corredor, eu me encosto na parede da sala de interrogatório, rezando para que ela me sustente. Meu cérebro faz uma lista de verificação de quem estava sentado naquela mesa, mas com certeza era Vincent e seu irmão, Johnny. Ninguém mais da família que eu conheça...

Para obter estabilidade, minhas palmas se apoiam na parede atrás de mim, mas estão muito suadas e deslizam para baixo, não oferecendo nenhuma tração real. Eu me seguro no momento em que meus joelhos quase cedem e me forço a ficar de pé. Meu coração está batendo forte. Ainda sem ser vista por ninguém na sala, rolo para o lado e me agarro à porta e ao vão da porta apenas para me manter vertical.

Não. Isso não pode estar acontecendo. De todas as pessoas nesta cidade, por que o cliente em meu primeiro caso importante teria de ser o homem responsável pela morte de meu irmão?

Tudo volta à tona. Os drinques, a arrogância dele, a plateia, a música, o calor da casa de ópera... minhas mãos começam a tremer... os homens mascarados, os tiros, o sangue... Nick morto em meus braços.

— Dê-me um segundo, — murmuro para Jim enquanto corro de volta para o banheiro feminino, chegando a um boxe bem a tempo de vomitar o café que bebi na entrada. Ele queima meu nariz e minha garganta. Com força, levanto-me mais alto, tossindo, enquanto meu estômago se revira novamente. Eu me viro e vomito a seco no vaso sanitário, vendo-o girar e girar, enquanto minha vida é jogada no ralo novamente. E, mais uma vez, é por causa desse único homem. Para me firmar, coloco minhas mãos nas paredes do box. As paredes parecem frias ao toque, então me viro e coloco minha testa em chamas na parte traseira fria da porta.

Meu universo gira.

Mas minha vida não importa. O que importava era a vida do meu irmão mais novo perfeito, com o mundo inteiro pela frente, que morreu de forma desnecessária e sem sentido. A tragédia que acabou com minha vida como eu a conhecia e com a vida de Nick para sempre, o *'Massacre da Metropolitan'*, como ficou conhecido, foi culpa desse homem. E isso significa que Vincent DeSantis é diretamente culpado pela morte de Nick.

Respire, Eleni, respire. Minhas narinas se unem quando respiro fundo. A única maneira de ainda estar aqui, funcionando; a única maneira de superar tudo isso, é fingir que essa noite nunca aconteceu. Foi assim que me formei em Columbia e terminei o curso de Direito em Fordham. Trabalhando duro, nunca saindo e vivendo em negação.

— Toc, toc? — É a voz da Cynthia.

— Só um segundo, por favor.

— Sim, claro. É que o Sr. Gibbons, uh, Jim, quer que a gente comece. — Ela faz uma pausa. — Você está bem, Eleni? Está doente?

— Não, não. — Fecho os olhos e respiro fundo mais uma vez. Claro, ela sabe sobre o massacre e a morte de Nick, mas eu nunca lhe disse onde estava sentada,

ou com quem. Esse é um segredo que levarei para o túmulo. — Eu estou bem. Deixe-me só... — Ajeito meu paletó e saio da cabine. — De verdade, Cynthia. Obrigada. Volte para dentro, estarei lá em um minuto.

— É para já. — Ela coloca a jaqueta do suéter em volta da cintura pequena e sai. Ela me dá um pequeno aceno da porta.

Na pia, tiro os óculos, espirro água fria no rosto e passo uma toalha de papel sob os olhos vidrados. Colocando os óculos de volta, olho para o meu reflexo e vejo olheiras, bochechas coradas e vazio. Mas nada disso importa.

O que importa é que eu me recomponha, volte para lá e aproveite essa oportunidade para fazer com que Jim veja que sou digna de me tornar sócia em um futuro próximo. Não importa o quanto eu despreze o belo Vincent DeSantis, não importa pelo que ele seja ou não seja responsável... preciso ser clara. Ele é meu cliente e é meu dever defendê-lo e fazer valer a lei.

Um de nós tem que...

Vou em direção à sala de interrogatório, mas paro na porta. Talvez um momento de pausa ajude. Como os esquiadores que visualizam o percurso na frente deles, vou planejar minha abordagem literal. Um pé firme e depois o outro.

Na verdade, ele provavelmente nem se lembra de mim. O número de mulheres que um homem como ele passa deve ser impressionante. E sim, aquela noite que compartilhamos está, sem dúvida, gravada em sua mente como está na minha, mas provavelmente por motivos diferentes. Certamente, não por minha causa.

Faço uma pausa para observá-lo. Ele está vestindo um terno preto perfeitamente ajustado, com a gravata frouxa, e parece apenas ligeiramente irritado com a situação. Como se estivesse esperando há muito tempo no consultório do dentista. Como se um homem como ele fosse esperar em um dentista. Ou em qualquer lugar. Ele ainda não me notou, essa mulher estranha e desconfortável

pairando na porta, mas, em vez disso, olhou para o relógio, então aproveitei outra oportunidade para avaliá-lo.

Como sempre, ele parece calmo, equilibrado e muito bonito. Ele também parece ter dormido bastante.

Desgraçado.

Ele olha para a direção oposta e, por um momento, fico impressionada com o quanto ele é bonito. Não é algo em que eu tenha pensado muito nesses últimos cinco anos, mas vendo isso na minha frente, é... realmente incrível. Seu maxilar forte, bochechas esculpidas e aquele nariz perfeito. O único indício de imperfeição nele é a barba por fazer, e não posso chamar isso de imperfeição porque adoro pelos faciais em homens. Na verdade, isso o torna ainda mais bonito.

Meu queixo fica caído e tenho de me forçar a fechar a boca Em minha visão periférica, vejo Cynthia sorrindo para mim.

Seu olhar volta para a mesa, e meus ombros se soltam em resposta. Que bom. Talvez possamos conduzir nossa entrevista inteira assim. Com ele olhando para a mesa de metal em branco diante dele enquanto mexe em um copo de papel cheio de café preto, e eu pairando na porta, ou, melhor ainda, talvez possamos fazer a entrevista comigo fora da sala de interrogatório.

Jim atravessa a sala de interrogatório e vem até mim. — Eleni, — ele sussurra, — você está bem?

— Sim, sim, é claro. — Minhas bochechas esquentam, mas mantenho o queixo erguido. Não quero de forma alguma que Jim pense que estou reagindo à aparência desse homem. Mas, por outro lado, também não quero que ele pense que estou reagindo ao nosso passado.

Na verdade, não há passado. Houve apenas uma noite de tragédia.

Mas ninguém jamais saberá disso.

— Venha conhecer o Sr. DeSantis. — Jim estende a mão para que eu entre na frente dele.

Acenando com a cabeça, respiro fundo. Sr. DeSantis. Até que seu nome fosse dito em voz alta, ainda havia uma pequena parte de mim capaz de negá-lo. Isto é, até agora.

Mas esta é a minha carreira. E Jim está falando de parceria. E meu pai precisará de cuidados. Isso significa que preciso desse emprego.

Com os nervos à flor da pele e o queixo erguido, entro na sala sufocante. Meu coração está disparado e a transpiração se acumula na parte inferior das costas, mas vou direto até ele.

Vincent DeSantis.

— Olá, Sr. DeSantis. — Estendo minha mão para apertar a dele.

Ele olha para cima e nossos olhares se encontram. Por um momento, sou pega pela cor azul de seus olhos. Eles não são gelados como eu esperava, mas sim quentes e acolhedores.

Limpando a garganta, dobrei o cotovelo e depois estendi o braço novamente. — É um prazer conhecê-lo. Eu sou...

Vincent se levanta e olha diretamente para mim. — Eleni. Eleni Moralis.

Nove

Vincent

Todos na sala se viram e olham para mim ao mesmo tempo. Incluindo Johnny. Olhando para ele, vejo o mesmo lampejo de reconhecimento em seus olhos. Ele a conhece. Ela estava conosco durante o pior massacre da história de nossa família.

Um arrepio frio passa pela sala, e eu aperto minha xícara de café com mais força. Droga, estou ficando desleixado. Ou Johnny está...? Eu o vejo pelo canto do olho, mas ele está calmo e tranquilo. Quando lhe pedi aconselhamento jurídico fora da família, foi isso que ele trouxe para a mesa: Dobbins e Wainhouse. O trabalho do Consigliere é estar preparado e conhecer todos os ângulos. E Johnny sempre faz isso. Ele sabia sobre os gregos e o plano deles de tentar controlar as docas de Brooklyn, e sua interferência precoce impediu que isso acontecesse.

Será que ele sabia que Eleni Moralis seria minha advogada quando eu fosse arrastado para o One Police Plaza às três e meia da manhã sob acusações falsas de assassinato?

A xícara que estou segurando balança levemente, e pequenos pedaços de café quente fumegante salpicam minha mão, fazendo-me voltar ao momento. Colocando a xícara sobre a mesa, noto que pequenas marcas vermelhas foram

deixadas para trás, criando um padrão nas laterais da minha mão, e é bom saber que ainda posso sentir. Pelo menos em algum nível.

Olho em seus olhos.

Nós compartilhamos algo. Algo trágico. E embora eu lamente o que aconteceu com ela e seu irmão, não posso me desculpar por quem sou e não posso desfazer o passado.

Ela havia sido simplesmente uma vítima das circunstâncias. Nada mais.

Ela está aqui, estendendo sua pequena mão. Eu me lembro de segurar aquela mão. Como me senti... o calor, a suavidade... isto é, até ela começar a cravar as unhas em minha pele. A lembrança de seu fogo e coragem me deixa... quase... o quê? Feliz? Um sorriso ameaça meus lábios. Seria ainda mais trágico se aquela noite também matasse sua paixão.

Mas é muito ruim se isso aconteceu. A vida é uma droga.

Sua mão está diferente agora, suas unhas estão bem cuidadas e pintadas de um bege profissional. Mas deslizando minha mão na dela, não posso deixar de me perguntar se a sensação é a mesma...? Será que vou sentir aquela dor de querer tê-la como minha?

Nossas mãos se apertam e um pequeno choque de eletricidade sobe pelo meu braço.

A sensação é a mesma. Quente, macio e feminino. Um desejo ardente se agita em minha barriga.

Ela limpa a garganta. — Sr. DeSantis, é um prazer conhecê-lo.

Aceno com a cabeça. Então é assim que estamos jogando. Tudo bem. Eu vou jogar junto. Johnny não vai me denunciar. — Srta. Moralis.

— Vocês dois se conhecem? — Jim Dobbins dá um passo à frente. — A maneira como você sabia o nome de Eleni...

Soltando a mão dela, eu me viro para Jim. — Quando decidimos por sua empresa, minha equipe jurídica fez uma pesquisa. Eles me informaram sobre cada membro de sua equipe.

Olho rapidamente para Johnny e depois para Eleni.

A maneira como ela levanta as sobrancelhas... ela percebeu. Ela sabe que estou tão surpreso quanto ela.

— É claro. — Jim faz sinal para que todos se sentem nas cadeiras dobráveis ao redor da mesa da sala de interrogatório. Ele coloca os cotovelos sobre a mesa e estende os dedos. Em seguida, abaixa as mãos e, inclinando-se para a frente, limpa a garganta. — Sr. DeSantis...

— Vincent. Por favor.

— Obrigado. Vincent, devo dizer que estou honrado por você ter encontrado nossa empresa, mas estou um pouco intrigado com o motivo de você ter procurado representação legal fora de sua, err...

— Negócio de família? — Eleni responde. Ela está fazendo uma careta de raiva.

Aceno com a cabeça e me recosto. — Minha equipe jurídica foi nomeada pelo meu pai. Desde então... — Olho para ela e percebo que a cor de seu rosto está se esvaindo. Preciso prosseguir com cuidado. — Desde que me tornei o CEO de nossas empresas, só precisei de representação legal para transações comerciais. Posso ser franco?

— Por favor. — Dobbins levanta a mão. — Tudo o que você disser para nós aqui é confidencial.

— Tudo bem. Tenho motivos para acreditar que há alguém, ou talvez várias pessoas, em minha equipe que não são, ou não é, leal aos nossos negócios. E a deslealdade, sob qualquer forma, não é tolerada em minha vida profissional. — Olho diretamente para Eleni. — Ou em minha vida pessoal.

Ela se mexe em seu assento.

— Entendo, — Dobbins acena com a cabeça. — Eu lhe asseguro que tem nossa total lealdade e discrição.

Desviando meu olhar de Eleni, olho Dobbins diretamente nos olhos. — É claro. Estou contando com isso.

— Muito bem. — Dobbins não se intimida. — Agora, minha sócia, a Srta. Moralis, vai pegar seu depoimento e fazer algumas perguntas enquanto eu pergunto se eles estão acusando você formalmente. Meu palpite é que não, e o senhor pode sair daqui livremente, mas, enquanto isso, precisa de alguma coisa? Mais café? — Seu olhar pousa na minha queimadura de café com manchas vermelhas.

— Não, obrigado. Tenho certeza de que estarei em excelentes mãos com a Srta. Moralis.

Ela olha para mim e até mesmo através daqueles óculos de bibliotecária safada.

Vejo raiva em seus olhos. — Sim. Tenho certeza de que sim, — repito.

Ao meu lado, Johnny exala em voz alta.

Dobbins e outros dois membros de sua equipe saem. Isso significa que somos Johnny e eu de um lado da mesa, e espaço para Eleni e sua assistente, Cynthia, do outro.

Eleni faz uma pausa por um momento, como se estivesse tentando decidir se vai se comprometer com esse caso e comigo, mas finalmente se move em direção à

cadeira. *Discurso!* A cadeira emite um som horrível quando ela a arrasta para fora da mesa, e ela se encolhe. Seu rosto fica vermelho. Ela está tão envergonhada e desconfortável.

Sinto um pouco de pena dela.

Ela se senta formalmente na cadeira e começa a deslizar a cadeira para mais perto da mesa. *Discurso!* O som horrível se repete à medida que ela se aproxima, então ela para, no meio da puxada, e se abaixa. Está muito longe da mesa, mas não quer admitir isso. Em vez disso, endireita o queixo e se senta com rigidez. Ela se inclina para a frente para colocar seus papéis sobre a mesa e coloca sua pasta embaixo da cadeira. — Sr. DeSantis.

— Vincent, por favor.

Seus olhos brilham. — Sr. DeSantis está bem. Agora, Sr. DeSantis, gostaria de ouvir seu depoimento e ouvir sua versão da história.

— Eu lhe asseguro que não é uma história, Eleni.

— Srta. Moralis, por favor.

— Tudo bem, — falo com os dentes cerrados. — Srta. Moralis. O que quero dizer é que não se trata de uma 'história', nem do 'meu lado'. Há apenas um lado nesse relato. O meu. E é só com isso que você deve se preocupar. Estamos entendidos? — *Por que essa mulher me irrita desse jeito?*

Pela forma como sua mandíbula se move, posso dizer que ela está rangendo os dentes. Olhando para baixo e recolhendo alguns papéis, seus movimentos são calculados... ela vai se levantar? Desistir? É mesmo? É tão fácil assim balançá-la? Mas, em vez de ficar de pé, ela levanta a pasta e a cadeira e as arrasta para perto da mesa.

— Sr. DeSantis... — Seus olhos se fixam nos meus. — Quando estiver pronto, vou lhe fazer algumas perguntas padrão. Depois, gostaria de ouvir sua versão da história. Estamos entendidos?

São as malditas bebidas sendo jogadas no lixo novamente. Ela me desequilibra. Como é que eu nunca sei o que essa mulher vai fazer em seguida?

Meu maldito pau responde a ela mesmo quando meu cérebro diz para não fazê-lo. Ela está mesmo me dizendo o que fazer? Ela não conhece já? Como eu a disciplinaria por isso? Como eu dispensaria todos os outros desta sala e, depois, sentado aqui mesmo nesta cadeira, eu a mandaria para os meus braços, a giraria e a dobraria sobre o meu joelho, puxando aquela saia apertada demais até à cintura e a calcinha até aos tornozelos... Depois, com calma, eu aqueceria seu traseiro branco e pálido com o meu toque antes de levantar a mão e *bater!* Batia nela várias vezes... até que seu traseiro ficasse vermelho vivo e brilhante e ela entendesse exatamente quem estava no comando.

Então, ela saberia que quando eu dissesse: ‘Meu lado é o único lado’, sua única resposta seria: ‘Sim, senhor’.

Assim, teríamos clareza absoluta.

Que droga. Tenho que desviar o olhar para esfriar meu desejo. Passo as mãos pelas pernas de minha calça, tentando abrir espaço. Tenho um desejo inexplicável de discipliná-la. De estar com ela. Posso deixar o passado e a horrível tragédia que compartilhamos para trás. Sou um cara que vive o momento presente. Tenho que ser.

Mas quando ela olha para o meu processo e eu encaro sua raiva, o coração partido e os olhos verdes escuros, sei que ela nunca me perdoará.

Portanto, minhas fantasias permanecerão exatamente onde estão. Escondidas. Por enquanto, pelo menos.

— Sr. DeSantis, — ela limpa a garganta. — Vou lhe fazer uma série de perguntas abertas para estimular sua história. Se você se lembrar de algo pertinente, ou mesmo de algum detalhe da noite que talvez não considere relevante, informe-nos. Nunca sabemos o que pode nos ajudar.

— É claro. — Como não poderei discipliná-la, é melhor entrar no jogo dela e sair daqui para casa a tempo de tomar meu café expresso matinal.

— O assassinato do qual você é acusado ocorreu no início da noite, em uma das docas que sua família controla... — Os olhos dela se arregalam.

Será que ela acabou de cometer um deslize?

— Sinto muito. Uma das docas que sua família possui e opera. Havia um homem chamado Spyros Drakos. O sobrinho mais novo do chefe da Drakos Corporation. Você conhecia o Sr. Drakos?

— Não pessoalmente, não. Eu só o conhecia por meio de redes de negócios.

— E você fez, ou faz, negócios com a família Drakos? — Seus olhos se voltam para os meus.

— Nossos caminhos às vezes se cruzam. Minha família atua no ramo de importação/exportação. Importamos alimentos, como a nossa especialidade, as trufas italianas Alba. Você já deve ter experimentado uma, Srta. Moralis? Ou talvez nosso óleo de trufas?

Ela é inexpressiva.

— Não? — Eu continuo. — Que tal sal de trufa? Você não esqueceria se tivesse provado. Importamos nossas trufas diretamente da região de Piemonte, no norte da Itália. A família Drakos também faz algumas importações de alimentos, mas

da Grécia. — Eu dou uma risada. — Embora seus produtos não sejam tão sofisticados quanto os nossos.

— Onde você interage?

— Shows gastronômicos, eventos, esse tipo de coisa. Às vezes, igreja.

Johnny olha para mim com o canto do olho, e a assistente, que estava digitando notas em um tablet, mas que ficou quieta o tempo todo, limpa a garganta.

Ok, a igreja pode ter sido um pouco exagero.

— Interessante, — diz Eleni, — considerando que a família Drakos é ortodoxa grega e sua família é católica romana. Não imagino vocês frequentando o mesmo local de culto.

— Às vezes, nossas igrejas se reúnem para eventos beneficentes - como alimentar os desabrigados - e interagimos lá.

Agora Johnny está cobrindo o sorriso com a mão, e a assistente dela desvia o olhar.

Não consigo evitar. Eleni Moralis me deixa louco.

Ela respira com os lábios franzidos e, batendo a borracha do lápis contra a mesa, olha para os papéis espalhados à sua frente. — Muito bem, Sr. DeSantis... — Ela se senta e cruza os braços, fazendo contato visual inabalável. — Então, já que está claro que você é um escoteiro, vamos direto ao assunto, certo?

— Encantado. — Eu me recosto, acompanhando sua postura hostil.

Ela abaixa os braços e se inclina para a frente. — Uma acusação de assassinato não é brincadeira. Mas tudo aqui é circunstancial, na melhor das hipóteses. Se isso é tudo o que eles têm, não sei nem por que você está aqui. — Ela segura um envelope. — Só por segurança, você tem um álibi para o início da noite? A hora estimada da morte foi às onze da noite.

— É claro. Eu estava com Johnny.

Johnny olha para suas mãos.

Ela deve estar se perguntando quantas vezes ele assumiu a culpa por mim... O que ele não faria por Vincent, seu irmão mais novo?

Johnny olha para Eleni, e ela lhe dá um pequeno sorriso que não passa despercebido.

Então é assim que vai ser. — Tínhamos acabado de voltar do jantar no Signore Luca. Pergunte ao maître, Salvatore. Ele nos confirmará. Ou melhor ainda, peça a ele as imagens de segurança daquela noite. Você verá que eu estava lá saboreando o mundialmente famoso osso buco.

— E saiu do restaurante a que horas?

— Por volta das dez e quinze.

— E foi direto para casa?

— O carro nos levou até minha cobertura. Tínhamos a gravação dos Giants para assistir. Eles ganharam, você sabe.

— Sei.

Ei! Além de tudo o mais, ela é fã de futebol?

— E o jogo não estava acontecendo no restaurante?

— Não. Pedimos a Sal para não colocar, queríamos assistir sem interrupções. — Ela está me desafiando, e a sensação é muito boa.

— Ninguém se descuidou e mencionou o jogo, ou lhe disse o placar no restaurante?

Mostro meu sorriso mais encantador. — Eles sabem que não devem.

Ela fecha a pasta diante de si. — Acho que isso é tudo o que precisamos. Deixe-me verificar o que está prendendo o Sr. Dobbins.

— É claro.

De pé, ela alisa as laterais da saia e ajusta o paletó.

Sua assistente faz o mesmo.

— Foi um prazer, Sr. DeSantis. Tenho certeza de que não precisará de nossos serviços por muito tempo, mas obrigada por nos considerar. — Ela estende a mão e nós a apertamos. Em seguida, ela se vira bruscamente e se vai.

E eu fico olhando para Eleni Moralis e desejando-a demais...

Mas aí está... Eu. Nunca. Perco.

Dez

Eleni

— Srta. Moralis?

Eu congelo. *Droga.* Meu pé está quase atravessando a porta. Então, por quê? Por que ele está me chamando de volta? Já terminamos. Sem dúvida, as acusações - se é que houve alguma - já foram retiradas, então por que ele me quer?

Todos os seus comentários maliciosos, seus olhares intensos, eu lidei com tudo isso como uma campeã. Não deixei que a lembrança daquela noite horrível afetasse meu trabalho. Permaneci profissional e tranquila. Francamente, isso é mais do que ele merece, porque ele, por outro lado, permaneceu hostil e arrogante. Alimentar os sem-teto na igreja, uma ova. Ele provavelmente cometeu aquele assassinato esta noite. E sabe-se lá quantos mais. Mas não deixei que meus pensamentos sobre ele obscurecessem meu trabalho. Nick teria ficado orgulhoso.

Por que Vincent DeSantis está me chamando de volta?

Talvez eu pudesse fingir não ouvi-lo? Continue andando... Pelo corredor, pelas portas e direto para um táxi.

— Desculpe-me? — É Vincent novamente.

Não preciso vê-lo para saber que é ele que está falando. Sua voz é grave, mas suave, e assombra meus sonhos.

É claro que ele está me chamando de volta. Eu saí com a vantagem, e ele não pode perder. Ele nunca perde. O que me faz pensar que posso jogar o jogo dele e vencer?

No final do corredor, vejo Jim. Ele está caminhando em minha direção com uma expressão de tristeza no rosto.

— Eleni? — Cynthia me olha fixamente. — Ele está chamando por você. Vincent DeSantis quer você.

Acenando com a cabeça, respiro fundo e giro em um pequeno semicírculo, como se meu corpo fosse um poste rígido. Levanto o queixo e respiro fundo. — Sim, Sr. DeSantis?

— Você não acha que, depois da noite que passamos juntos, deveria me chamar de Vincent?

Posso sentir o olhar de Cynthia sobre mim.

— Nós não passamos uma noite juntos. — Minhas palavras são quase um sussurro, mas faço contato visual. — Por quê? Por que você faria isso?

— Por que ele faria o quê? — Jim irrompe pela porta atrás de mim. — Eleni, sente-se. — Ele acena com a cabeça para que eu me sente em uma das cadeiras.

Eu me sento.

Puxando uma cadeira da parede, Jim a gira e a leva para a mesa. Ele se senta e passa as mãos pelos cabelos. — Antes de lhe contar minhas novidades, gostaria de saber o que acabou de acontecer aqui. Eu ouvi você dizer: ‘Por que você

faria isso?’ Como advogado dele e seu chefe, preciso saber. O que o Sr. DeSantis fez?

— Nada. — Limpo minha garganta. — De verdade, Jim.

— É só que eu a lembrei de algo... incômodo. — Vincent sorri para mim.

Quase entro em combustão de tanta raiva. — Incômodo? — Eu me irrito. — Incômodo?

— Muito bem. Eleni, por favor, diga-me o que está acontecendo aqui. — Jim se senta.

Ele tem razão. Ele merece saber. Eu me viro para ele. — Já conhecia o Sr. DeSantis antes desta noite. Há cinco anos, ele se apresentou a meu irmão e a mim. Quando estávamos na ópera.

— Oh Deus, — Jim desabafa. — Quer dizer que você conheceu Vincent DeSantis na noite do Massacre da Metropolitan?

Aceno com a cabeça, forçando as lágrimas.

Cynthia estende a mão e pega a minha.

— E ele nos convidou para sentar com ele. — Faço contato visual com Jim. — Foi isso. Nós nos sentamos com ele. Não houve nenhuma outra interação entre nós. Isso foi tudo o que foi preciso para que a vida de Nick chegasse a um fim sangrento e violento. — Olho de relance para Vincent.

Sua expressão arrogante se suavizou.

Jim acena com a cabeça. — Eu sabia que seu irmão tinha sido morto naquela noite, mas não sabia que você estava com Vincent DeSantis na ocasião. — Ele suspira. — Eleni, vou ter que dispensá-la desse caso.

— O quê? Por quê? Jim, por favor. Posso defender Vincent DeSantis sem preconceitos. — *Não, não, não.* Fecho os olhos e respiro fundo. *Eu preciso disso. Preciso desse dinheiro. Preciso ser capaz de sustentar meu pai*... — Sou uma boa advogado, Jim.

— Sim, você é. Mas pedir-lhe que defenda o homem cuja família foi o alvo do ataque que matou seu irmão...

— Eu posso fazer isso. Prometo. Não vou deixar meus sentimentos me atrapalharem. — Respiro fundo e falo mais devagar e com mais clareza. Ser demitida, na frente de Vincent DeSantis... ele sempre será o prenúncio de todas as coisas ruins que acontecerão comigo? Minhas bochechas ardem e a humilhação se instala em meu estômago como uma pedra. — Senhor, não há razão para que eu não possa defendê-lo. As relações cliente-advogado podem ser muito mais complicadas do que isso.

— Do que a morte de seu irmão?

— Legalmente, um advogado pode até ter um relacionamento íntimo com seu cliente. — *Droga. Eu acabei de dizer isso?*

— Eu conheço a lei, Eleni.

— É claro, senhor. Sinto muito. — Meus batimentos cardíacos estão acelerados. Esse é o maior caso de minha carreira. Se ele me remover, se me substituir por outro associado, meus planos de me tornar sócia, minha capacidade de pagar pelos cuidados de meu pai... tudo será adiado indefinidamente. — Eu simplesmente quis dizer que posso representar de forma justa...

— E o que acontece se você não conseguir? O quê? Então colocamos em risco a vida de nosso cliente e a reputação da empresa. Sinto muito, Eleni. Você deveria ter sido direta comigo desde o início.

— Sim, senhor. — Forçando meus ombros para trás, pego meus documentos e os entrego a Cynthia.

Ela responde com um sorriso pequeno e triste.

Fico de pé e levanto o queixo. Pelo menos, sairei com classe. — Sr. DeSantis, obrigada pela oportunidade. — Pego meu arquivo debaixo da cadeira. Ao me virar, meu calcanhar fica preso na cadeira, e eu a chuto levemente. *Grito!* Um arrepio de mortificação me invade. Fecho os olhos e praguejo. *Que droga. Lá se foi minha saída com elegância.*

Quando me dirijo à porta, Jim começa a falar: — Tivemos uma complicação.

— Que tipo de complicação? — Johnny parece empenhado pela primeira vez durante toda a manhã.

Eu fico parada. Sim, que tipo de complicação? Não, não é o meu caso para me preocupar. Ao passar pela porta, ela se fecha silenciosamente atrás de mim. Forço meus ombros para trás e peço que meus joelhos parem de balançar.

Estou indo para casa para me deitar e chorar até dormir, rezando para que possa apagar a lembrança de Vincent DeSantis de uma vez por todas. A raiva se agita em minha barriga. Que se dane o choro. Já chorei tanto nos últimos cinco anos que talvez não tenha mais lágrimas.

Certamente não tenho lágrimas para Vincent DeSantis.

Quem diabos ele pensa que é? Já lidei com pessoas arrogantes antes - professores, mentores, alguns advogados homens mais velhos - mas nenhum deles chegou perto da audácia desse homem. E Jim! O que ele estava pensando? Talvez eu devesse ter confessado, mas quem me garante que não o faria mais tarde? Uma

pequena e questionável escolha de minha parte e ele está pronto para jogar fora a mim e todo o meu excelente trabalho? E fazer isso ali, na frente de Vincent...

O sangue corre mais rápido em minhas veias e minha respiração se torna mais superficial. Meus calcanhares fazem um *clique, clique, um clique em sincronia* com a veia latejante em minha têmpora e, passando apressadamente por um jovem policial que deve ter me reconhecido porque chamou meu nome e acenou, corro em direção ao meu futuro muito incerto. Parando para olhar por cima do ombro para o policial, acho que talvez já o tenha visto uma vez...? Não importa. Eu sigo em frente.

— Eleni! — Cynthia corre até mim e faz uma pausa para recuperar o fôlego. — Cara, você é rápida. Eleni, volte. Por favor.

— Cynthia, caso você não tenha percebido, acabei de ser demitida. — Inclino meu peso para um dos quadris e levanto a alça da minha bolsa para o ombro.

— Esse é o problema... — Ela sorri e seus lábios rosa de plástico se separam, expondo belos dentes brancos. — Você não está mais. Vincent disse que queria você na equipe para representá-lo.

— Droga.

— Desculpe-me?

Balancei a cabeça. — O que Jim disse?

— Ele me pediu para vir buscá-la.

Que droga. Então, aqui estamos. Mais uma vez, sou um peão no jogo desse idiota. Mais uma vez, ele me derrotou. Da última vez que isso aconteceu, custou a vida de meu irmão. O que vai acontecer desta vez?

— Você vem?

— Tenho alguma escolha?

Ela inclina a cabeça e aperta os olhos.

— Jim me chamou de volta. Minha carreira é tudo para mim, você sabe disso. É claro que voltarei.

— Boa! — Ela me abraça.

Eu me endireito. Aqui estou eu de novo, à mercê dos caprichos de Vincent DeSantis. É claro que preciso desse emprego e, felizmente, vou consegui-lo, mas por que ele não pode se interessar em atormentar outra mulher e me deixar em paz? *Não.* Balanço a cabeça. *É claro que não quero que ele assedie ninguém, mas vamos lá.*

Rapidamente, sigo Cynthia de volta para a sala de interrogatório, passando pelo mesmo jovem policial. Estou me movendo rapidamente, mas, mesmo assim, ele me olhou de forma estranha? Viro-me por cima do ombro para ver, mas ele não está mais lá.

Filha de um policial, eu me lembro, e saio correndo pela porta atrás de Cynthia.

***

— Eleni. — Jim se levanta. — O Sr. DeSantis pediu que você ficasse como parte da equipe jurídica dele.

Meu olhar se volta para Vincent. Olhando em seus olhos... amoleço, e minha raiva se dissipa ligeiramente. Estou tão pronta para ficar ainda mais furiosa, mas não estou. Estou apenas esgotada.

— Eu também gostaria que você ficasse, — continua Jim. — Espero que não haja ressentimentos.

— Claro que não. — Eu me sento em uma das cadeiras vazias. Estou suando tanto por causa do estresse e da proximidade com Vincent, que realmente gostaria de ter tomado aquele banho hoje de manhã.

Cynthia desliza minha papelada para mim com uma piscadela e retoma sua posição de fazer anotações com o tablet.

— Sou uma profissional, — anuncio. — Não tenho nenhum sentimento pessoal com relação a isso de forma alguma. — Meu olhar pousa pesadamente em Vincent.

Ele inclina a cabeça para mim.

— Então... — Eu me forço a olhar para Jim, embora esteja meio irritada com todos nesta sala, exceto Cynthia e talvez Johnny. Mas ainda não sei qual é o envolvimento total dele. — Qual a complicação que surgiu?

Jim suspira e se volta para Vincent. — Há uma testemunha ocular que pode colocar você na cena do crime.

Vincent se senta com rigidez. — Não tem como. Eu não estava lá. Há imagens de segurança do lado de fora da minha cobertura. Verifique a que horas fui para casa. Você verá que eu não saí de novo.

— Eleni? — Jim acena com a cabeça para mim.

— É para já. — Começo a enviar mensagens de texto ao escritório para solicitar a filmagem.

— Não é necessário. — Pegando seu celular, Vincent também envia uma mensagem de texto. — Será entregue em sua empresa dentro de uma hora.

— Mesmo assim... — Jim suspira. — Há algumas coisas para as quais precisamos estar preparados. E uma testemunha ocular definitivamente complica as coisas.

— Mas eu acabei de explicar...

— Vin. — Johnny coloca a mão no ombro de seu irmão. — Vamos ouvir o Jim. Essa não seria a primeira vez que alguém da família é acusado injustamente. — Ele se senta à frente. — Quem é a testemunha ocular?

Ao ver Johnny e Vincent juntos, não consigo deixar de pensar em Nick. Nas vezes em que eu lhe disse que tudo ficaria bem. Como eu estava errada. Como eu mentia. Engulo com força e empurro para baixo o nó em minha garganta.

— Eu ainda não sei. — Jim exala audivelmente. — Vincent, Johnny, vocês precisam entender. Farei tudo o que puder, mas Vincent, se eles decidirem acusá-lo, você será levado sob custódia e teremos de esperar por uma audiência para definir a fiança.

— Isso não é aceitável. — Johnny se levanta.

Todos nós olhamos para ele.

— Meu irmão não pode ser detido ou mantido em uma cela de prisão. Especialmente, não por uma acusação falsa.

Meu coração dispara. É isso, é com isso que tenho sonhado acordada nos últimos cinco anos. Uma maneira de fazer Vincent DeSantis sofrer. Então, por que não me sinto melhor?

— Não serei. — Vincent balança a cabeça para Johnny e pisca uma vez.

Eles se entendem.

— Johnny, ligue para o juiz Perkins e diga-lhe...

— O juiz Perkins não está em lugar nenhum. — Jim suspira.

— Desculpe-me? — Vincent se inclina para a frente.

Agora, pela primeira vez, vejo uma rachadura em seu exterior perfeito.

Johnny coloca o telefone de volta no bolso.

— Eu o tenho perseguido, — explica Jim. — Sei que ele prestou serviços à sua família no passado, Vincent. Parece que o juiz Perkins foi visto pela última vez em seu iate no Caribe. Ele deveria ter voltado esta semana, mas ainda não retornou.

— Juiz North, então.

— Ele também está desaparecido.

— Desaparecido? — O canto do lábio de Vincent se contrai. Ele parece irritado.

Jim levanta um ombro e o deixa cair. — É tudo um pouco coincidente. Coincidência demais. É por isso que foi iniciada uma investigação sobre o paradeiro deles.

— Então é alguém de dentro, — murmura Vincent. Seu rosto endurece. A raiva cobre seu exterior perfeito, como uma camada de tinta escura jogada em uma estátua de mármore. Ele se levanta abruptamente e a mesa treme.

Meu coração bate na garganta. Esse é um homem perigoso.

Então, por que, apesar de tudo, não tenho medo dele? Olho fixamente para minha papelada e bato no lápis. Esta é a minha chance, não de me vingar porque nada pode trazer Nick de volta, mas pelo menos de fazer Vincent DeSantis sofrer. Ainda assim... jurei lhe dar a melhor defesa legal possível, independentemente do que eu pense dele. ‘Representação zelosa’, é o que chamamos. O que eu não sei é se essa vibração em meu coração é porque estou disposta a arriscar minha moral, ética e carreira para derrubá-lo...?

Ainda assim, não foi Vincent quem puxou o gatilho... mas talvez, depois de todo esse tempo, ele seja a pessoa que pode me ajudar a obter justiça. E eu sei em quem. — Jim? — Engulo em seco. — Posso ter um momento a sós com o cliente?

Suas sobrancelhas se erguem. — Eleni, não tenho tanta certeza de que seja uma boa ideia.

— Por favor?

— Tem certeza?

Aceno com a cabeça, e eles empilham a papelada em seus braços e saem da sala, deixando-me sozinha com Vincent DeSantis.

Engolindo com dificuldade e reunindo toda a minha coragem, levanto meu olhar para o dele e faço a pergunta que não deveria fazer. — Você acha que isso, essa acusação de assassinato, está de alguma forma relacionada ao Massacre da Metropolitan? — Olho fixamente nos olhos de Vincent, desesperada por uma resposta.

— Sim.

— Por que isso ainda não foi resolvido?

— Você teria que perguntar à polícia.

Eu olho para ele. — Por que você não buscou justiça para aquela noite?

— Como sabe que eu não fiz isso?

Respiro fundo para me acalmar. Porque Gio DeSantis ainda está vivo, minha mente grita. Mas não posso dizer isso. Vincent não pode saber como eu sei. Essa é a outra coisa com a qual tenho lidado durante todos esses anos... De alguma forma, ainda estou viva, embora possa identificar Gio DeSantis como um dos assassinos no Massacre da Metropolitan.

Por que ele me deixou viver, se é isso que estou fazendo?

A sala está girando, e um suor frio brota em meus lábios e desce pela minha coluna. Preciso de ar. Levanto-me abruptamente.

Vincent me olha fixamente.

— Conheço um dos policiais que o trouxe para cá. Acho que sim. Deixe-me falar com eles e ver o que posso fazer. Vou mandar Jim e os outros.

Ele acena com a cabeça enquanto eu saio correndo da sala e paro um momento atrás da porta para fazer uma pausa. Agora tudo está vindo em minha direção. Não há como escapar da família DeSantis. Não há como escapar da família DeSantis desde aquele momento, há quase cinco anos, quando Vincent decidiu que eu era dele por uma noite.

Mas tenho certeza de uma coisa: se Vincent DeSantis '*coincidentemente'* escolher meu escritório de advocacia para representá-lo em uma acusação falsa de assassinato ao mesmo tempo em que todos os juízes que ele tem no bolso desaparecem misteriosamente... então sei que algo está acontecendo na família. Gio está fazendo uma jogada, e isso significa que, embora eu tenha estado segura por cinco anos, não há como estar segura agora.

E tudo isso significa que estou muito mais segura com Vincent DeSantis do que sem ele.

Onze

Eleni

Ao ver Vincent ao lado de Johnny conversando nos degraus em frente ao One Police Plaza, eu me sinto... mal e não deveria me sentir nada além de orgulhosa. Fui eu quem falou com os policiais, quem enfrentou o promotor público, que argumentou que, devido a uma suposta testemunha ocular que eles não puderam apresentar e que, mesmo que pudessem, seria extremamente fácil de contestar, Vincent não poderia ser acusado. Além disso, tínhamos provas em vídeo de Vincent em casa no momento do assassinato. Foi um golpe certeiro para nós, e ele foi libertado. Ainda pode não ser assunto encerrado, mas pelo menos ele não está apodrecendo em uma cela de prisão enquanto o que quer que esteja acontecendo, acontece.

Embora minha atenção esteja voltada para os homens, não é de se suspeitar que eu esteja aqui sozinha. Muitas pessoas ficam vagando por esses degraus, tomando café e colocando os e-mails em dia, mesmo em dias como este, quando o frio é tão cortante que mal consigo sentir a ponta do meu nariz. Afastando meu cachecol de cashmere do pescoço, coço a pele. Por que me importo com o que eles estão dizendo e, mais importante, por que não quero que Vincent DeSantis apodreça em uma cela? Pelo que aconteceu com Nick, desejei a Vincent uma morte horrível e

dolorosa um milhão de vezes. Então, por que me esforcei tanto para libertá-lo? Sim, é meu dever como advogada, mas há alguma chance de haver algo... mais?

Olho para ele, observando seus ombros largos que não estão bem escondidos sob o casaco de cashmere azul-marinho. Johnny também é bonito, é claro, mas há algo no comportamento calmo e responsável de Vincent que é muito mais atraente do que deveria. Isto é, quando ele não está soando como um filho da puta arrogante.

O que há de errado comigo? Sobrevivi vinte e sete anos de minha vida sem esse homem, e as duas vezes em que o encontrei foram as piores experiências de minha vida. Por que alguma parte de mim o acharia atraente ou se sentiria melhor sabendo que ele está livre?

— Oi, Eleni.

Assustada, coloco a mão no meu coração já acelerado e me viro na direção do jovem policial que vi lá dentro mais cedo.

Correndo até mim, ele estende a mão e nós as apertamos.

— Al. Al Regas.

— Prazer em conhecê-lo, Al. — Afasto minha mão de seu aperto quente. Tocá-lo também me faz sentir mal. Será que algum dia vou me sentir bem?

Ele enfia as mãos nos bolsos do paletó do uniforme. — Meu pai conhece seu pai. Nick Moralis, certo?

Uma baixa vibração me percorre. Depois de cinco anos, o som do nome 'Nick Moralis' ainda é como um soco no estômago. — Sim.

— Eles trabalharam juntos em alguns trabalhos. — Ele ergue as sobrancelhas ao mencionar a palavra *trabalhos.*

— Isso é bom. — Eu me equilibro nas pontas dos pés para me aquecer. — Por favor, mande a seu pai...

— Alfred. Alfred Regas. Sou um júnior.

Como Nick. Eu me dou conta disso. — Oh! Acabei de falar com seu pai. Ele me ajudou com meu caso.

Mesmo a essa distância, posso sentir que Vincent está nos encarando e olho para ele. Sua carranca é evidente, e as vibrações que estou sentindo são tangíveis. Que diabos está acontecendo?

Al levanta a mão e coça o queixo bem barbeado. — Eleni, eu estava pensando, você gostaria de jantar comigo na sexta-feira à noite?

— Oh. — Eu sorrio para Al. Ele é bonito, mas não tenho absolutamente nenhum interesse. Zero. Não há nada de corajoso ou perigoso nele. E não há nenhuma faísca entre nós como a faísca que tenho com...

Eu me forço a não olhar para Vincent novamente.

— Obrigada, Al. Estou lisonjeada, de verdade, mas estou saindo com alguém. — Às vezes, uma pequena mentira é a saída mais fácil.

— Entendi. — Ele acena com a cabeça. — Bem, foi um prazer falar com você, Eleni.

Desta vez, quando olho para Vincent, Johnny aponta para mim. É como estar na festa de formatura do ensino médio, esperando que um garoto me chame para dançar.

— Com você também, Al. Agora, se me der licença, preciso falar com meu cliente.

— Vincent DeSantis, hein?

— Sim.

O olhar de Al desce para o chão e depois volta a se encontrar com o meu. — Sim, bem. Tenha cuidado, Eleni. Vejo você por aí. — Ele desaparece tão rapidamente quanto apareceu.

Vincent olha para mim novamente.

Ok, tenho que descobrir o que está acontecendo. Envolvendo meu paletó com firmeza, eu me preparo para caminhar até Vincent e Johnny que, a julgar pelos gestos, estão envolvidos em uma discussão acalorada. Embora eles estejam cercados por um pequeno grupo de homens vestidos em ternos escuros, sem dúvida seus guarda-costas, os guardas se afastam, permitindo que a conversa seja privada.

No entanto, preciso falar com Vincent. Bem, *'preciso'* não é exatamente isso. Tudo o que eu precisava dizer-lhe, eu disse no aquecimento da delegacia. Eu realmente não precisava estar do lado de fora em Manhattan em uma manhã de domingo em dezembro... Mas sinto que estou envolvida em algo mais do que a falsa acusação de assassinato contra Vincent, e quero saber o quê.

Eu me preparo. Posso fazer isso. Eu posso...

Pelo canto do olho, vejo outra figura correndo em direção a eles. Os guardas se colocam na frente de Vincent instintivamente.

Coloco minha pasta em frente ao peito.

Vincent fala com os seguranças e se aproxima da figura para apertar sua mão, e eu expiro, baixando minha maleta.

Não tem problema. Vincent o conhece. Por que diabos isso me faz sentir melhor?

Fechando os olhos, sussurro para mim mesma: — Ninguém tem uma máscara facial completa. Ninguém apontou uma arma para ninguém. Estou tão segura quanto possível.

Abro os olhos e observo os três homens. Com base em sua linguagem corporal, a conversa se torna mais acalorada. A nova figura sobe os degraus para ficar no nível dos olhos de Vincent e se inclina para a frente, no rosto de Vincent, no momento em que Johnny se aproxima da nova figura. Segurando sua mão enluvada, Vincent separa os homens como se estivesse separando uma briga entre irmãos.

Irmãos.

A figura olha em minha direção. Fico paralisada enquanto meu olhar percorre sua silhueta de cima a baixo. Estou do outro lado dos degraus de meio quarteirão e não consigo ver seu rosto com clareza, mas eu conheceria esses maneirismos - os tremores, a incapacidade de ficar parado, o olhar constante por cima dos ombros - em qualquer lugar.

É Gio DeSantis.

Não, não, não... Agarrando meu peito, ofego, tentando engolir outro fôlego de ar gelado. O tremor que começa nos joelhos se espalha por todo o meu corpo. Minha pasta treme em minha mão.

Ele sabe. Ele sabe que eu sei que foi ele. Tinha de ser ele. Nunca me esquecerei daqueles olhos penetrantes que brilhavam através da máscara de esqui... Sim, minha identificação seria ridicularizada no tribunal - ele estava usando uma máscara e havia um caos tão grande -, mas no meu íntimo eu sei. E pelo olhar em seus olhos, ele sabe quem eu sou e que sou a única que pode identificá-lo como o atirador que provavelmente matou a mãe e o pai de Vincent, e certamente matou Nick.

Meu estômago ameaça me trair novamente, pois entra em convulsão. Felizmente, não há mais nada para vomitar. *O que posso fazer? Correr?* Fecho os olhos e dou voltas na minha cabeça.

Não, não há motivo para me matar agora. Se ele tivesse essa intenção, teria me matado a qualquer momento nos últimos cinco anos. Sem dúvida, a família DeSantis pode encontrar qualquer pessoa a qualquer momento. Além disso, eu permaneci leal. Apesar da culpa quase incapacitante, mantive minha boca fechada e não disse a ninguém uma palavra sobre o envolvimento de Gio naquela noite. Olho de relance para Vincent. *Ninguém.* Isso tem que contar para alguma coisa.

De repente, a trindade profana começa a caminhar em minha direção.

Eu me escondo em mim mesma, desejando que esse cachecol pudesse me engolir inteira.

Doze

Eleni

Com os olhos fechados, afasto a imagem dos três.

— Eleni? Abra seus olhos.

Quando o faço, Vincent DeSantis está olhando para eles e, por um momento, todo o resto desaparece. A raiva, o ódio, a ópera, até mesmo Gio.

— Eleni, este é meu irmão, Gio.

— Olá, — forço um sorriso, embora meus lábios estejam tremendo. Com sorte, eles pensarão que é por causa do frio e não do meu terror. Fico paralisada. *O que devo dizer agora? Prazer em vê-lo novamente*, significa que eu definitivamente me lembro dele... *Prazer em conhecê-lo*, pode ser óbvio demais. Em vez disso, não digo nada, seguindo o exemplo de Vincent como se tudo isso fosse completamente civilizado, normal e novo.

Gio estende sua mão e eu ofereço a minha. Ao apertarmos, ele aperta com muita força e meus dedos são pressionados juntos, amassando sobre si mesmos. Eu me afasto assim que consigo e, com o queixo caído, olho para Vincent.

Ele não notou.

Gio sabe exatamente quem eu sou e o que posso dizer, e essa é sua tentativa de intimidação. *Bem, o problema é o seguinte, Gio DeSantis, você já tirou de mim a única pessoa na Terra que eu amava incondicionalmente. E daí? O que pode fazer comigo agora?*

Um arrepio me percorre. Ele pode me matar. Mas quando Vincent se aproxima ainda mais de mim, sei que, por algum motivo, Gio teria que passar por Vincent para fazer isso.

Eu ergo meu queixo e fico mais alta. Em vez de me assustar e me levar a deixar a cidade e fugir, a manobra de intimidação de Gio me faz querer revidar.

Volto-me para Vincent. — Já que nenhuma acusação foi feita contra você...

— Sem acusações, hein? — Gio dá um sorriso exagerado e parece que vai desferir um golpe venenoso.

— Correto, por quê? — Eu endireito os ombros.

— É interessante. — Ele se volta para Vincent. — Faz você se perguntar quem ela conhece lá dentro, não é?

— Desculpe-me? — Intimidação é uma coisa. Desafiar minhas habilidades como advogada e dizer que fui bem-sucedida nesta manhã apenas porque conheço algumas pessoas na delegacia é outra coisa completamente diferente.

As sobrancelhas de Gio se inclinam. — Sinto muito. Vou ser claro. Você, Eleni Moralis, tem uma maneira de estar no lugar errado na hora errada. E eu me pergunto por quê... — Seu olhar se fixa no meu.

Olhando profundamente para aqueles olhos castanhos claros de cor estranha, de repente faz cinco anos e algo está errado. De novo.

— Gio, que porra você está dizendo? — O latido de Vincent é calmo e controlado.

— Durante todo esse tempo, aposto que ela está nos culpando pelo assassinato de seu irmão...

— Não estou culpando ninguém. — Minha respiração está apressada. — Eu não culparia ninguém. Eu não culpei ninguém.

Gio dá uma olhada em seus irmãos. — E a verdade é que, se ela quer culpar alguém, deveria procurar um pouco mais perto de casa.

— Desculpe-me? — Eu me viro e o encaro, me aproximando ainda mais. — O que diabos quer dizer com isso?

— Já se perguntou por que o papai tem bebido até morrer?

A raiva me invade. — Como você ousa falar sobre meu pai como se soubesse alguma coisa sobre ele? Pelo que ele passou. Ele perdeu minha mãe e meu irmão. É um milagre que ele ainda esteja vivo.

— Por favor. — Gio solta um riso maníaco. — Tem certeza de que ele está vivo? Talvez seja só o fato de ele estar tão bêbado que está preservado.

— Do que você está falando, Gio? — A voz de Vincent é uma exigência.

Ele olha para trás e depois se aproxima de seus irmãos. — O pai dela está sendo procurado. Pela família Drakos.

— O quê? — Vincent me olha fixamente.

Com os olhos arregalados, me aproximo de Gio. — Que diabos você está dizendo? Você não tem ideia do que está falando.

Gio olha de irmão para irmão. — Vincent, Johnny, vocês dois sabem que aqueles bastardos estiveram por trás do massacre. Vocês acham que é apenas uma coincidência que ela estava lá naquela noite e agora está aqui novamente como sua advogada?

A cabeça de Vincent se inclina para trás e ele me olha de lado.

— Sério? — Eu zombei, olhando para Gio. — Você acha que eu mandaria matar meu irmão?

— Talvez tenha sido para salvar sua própria vida.

Esquecendo tudo o mais, levanto a mão e *dou um tapa!* Dou um tapa no rosto de Gio DeSantis.

Ele não se move.

Sei que estou ferrada. Então, aqui vai tudo. — Não me importa quem você é e o que pode fazer comigo. Não se atreva a dizer que eu mataria meu irmão para salvar minha própria vida! Eu teria morrido por aquele garoto um milhão de vezes. Algo que acho que você nunca entenderá. — Eu faço uma careta enquanto lágrimas brotam em meus olhos. — Você sabe que, desde o massacre, eu ficava acordada todas as noites, repetindo o cenário várias vezes e me perguntando: como...? Como a bala não me acertou e o atingiu? Como, se eu tivesse me deitado sobre ele um ou dois centímetros mais para a esquerda, como eu poderia ter levado a bala e não ele? Eu fantasio como ele estaria no primeiro ano da faculdade de arquitetura agora, e provavelmente teria uma namorada fixa que também gosta de cachorro-quente, e como ele a levaria à ópera uma vez por ano e contaria a ela sobre mim... — Inspiro um grande gole de ar frio que queima meus pulmões. — Não, Gio DeSantis. Eu não deixei meu irmão morrer para me salvar.

A raiva brota em seus olhos frios. — Então, por que você estava lá?

— Para ver La Bohème.

— E por que estava sentado conosco?

— Porque Vincent nos pediu.

— E hoje?

— Uma coincidência.

Gio se volta para seus irmãos. — Isso não muda o fato de que o pai dela está na folha de pagamento do grego.

— Meu pai não está na folha de pagamento de *ninguém*. — Sou firme, mas um tremor de dúvida se insinua em meu cérebro. É claro que ele ficou arrasado após o assassinato de Nick, mas e aquelas noites intermináveis em que o encontrei uivando na cama, lamentando que a culpa era dele? Eu mudo meu peso de um pé para o outro, pensando bem no assunto.

— Por que você está aqui, Gio? — Johnny corta a tensão.

— Por quê? Porque meu irmão mais novo foi preso. Eu queria ter certeza de que estava tudo bem. E, a propósito, por que eu fui o último a saber, de novo?

— Eu teria lhe contado assim que chegasse em casa, — responde Vincent.

— Ah, entendi. — Gio acena com a cabeça. — Isso foi entre você e seu consigliere.

— Bem, agora você sabe que estou bem. Entrarei em contato mais tarde.

— Entendi, — Gio saúda o irmão, mas não se mexe.

Um silêncio constrangedor paira no ar frio.

Deve ser a minha deixa.

Limpando a garganta, virei-me para Vincent e Johnny e estendi minha mão. — Obrigada a ambos por recorrerem á firma Dobbins e Wainhouse. Agradeço a oportunidade. — Eu me afasto com a intenção de descer apressadamente o restante dos degraus.

Vincent coloca uma mão em meu braço. — Srta. Moralis, você voltará para casa comigo.

Você voltará para casa comigo.

Durante cinco anos eu temi esse momento. O momento em que seria o meu fim. Mas sempre achei que meu *'desaparecimento'* seria pelas mãos de Gio DeSantis, não de Vincent. Mas por que eu pensaria isso? Será que eu romantizei Vincent? Porque, embora Vincent seja lindo e esteja sempre impecavelmente vestido, ele ainda é um bandido.

Não, Vincent não sabe sobre minha possibilidade de identificar Gio, mas ele sabe que algo não está certo. E eu sou o motivo.

Quanto tempo eu achava que sobreviveria sabendo que poderia identificar um membro da família criminosa DeSantis e colocar Gio como um dos assassinos? E agora com essa ideia de que meu pai está trabalhando para os gregos...

O frio toma conta de mim desde os calcanhares até ao topo da cabeça e estou tremendo incontrolavelmente. *Como isso vai acontecer? Nas docas? Provavelmente.* Fecho os olhos e estremeço só de pensar em ser mergulhada nas águas geladas do East River em dezembro.

Rezo para que esteja morta antes que me joguem lá. O afogamento deve ser uma das piores maneiras possíveis de morrer.

Engolindo com dificuldade, aceno com a cabeça e, com os dentes batendo, murmuro: — É claro.

Treze

Eleni

— Está com frio? — Vincent se senta em um lado do banco traseiro de seu carro.

Eu me sento no outro lado, observando sua aparência. Papai sempre nos dizia que era possível prever o futuro observando a linguagem corporal de alguém. Se papai estava certo, meu futuro é sombrio.

As linhas dos olhos de Vincent são mais profundas e, embora ele tenha seu exterior suave pintado, está inquieto. Obviamente, ele tem muito em que pensar.

— Eleni?

Sacudo a cabeça, olhando para Manhattan enquanto ela passa correndo. Como papai vai sobreviver agora? Quem pagará suas contas? Talvez essa seja uma exigência que eu possa fazer, embora, olhando para o seu comportamento frio, eu duvide que algum dia eu esteja em posição de lhe fazer uma exigência.

— Está com fome?

Uma última refeição. Ele está mesmo me oferecendo uma última refeição? Talvez se eu disser sim, possamos parar em uma lanchonete e eu possa me esgueirar pela porta dos fundos...

Controle-se, Eleni. Se você sair pela porta dos fundos, haverá vinte pessoas na folha de pagamento dele prontas para localizá-la. O mesmo se você chamar a polícia... — Não, obrigada.

— Eleni. — Sua voz grave está doce novamente. É diferente de quando ele fala com seus irmãos ou de como soava na sala de interrogatório. — Por favor, diga-me o que está pensando.

Eu me viro para ele. — O que estou pensando?

— Sim. — Ele se vira para ficar de frente para mim. — Eu me encontro em uma situação estranha. — Ele exala e passa a mão em seu lindo cabelo escuro. — Tenho minha equipe reunida em meu escritório neste momento, tentando descobrir por que acabei de ser interrogado pela polícia e o que pode ter acontecido em termos de negócios enquanto eu estive detido. — Ele suspira. — E, em vez de estarmos lá, estamos aqui, e eu sinceramente quero saber o que você está pensando.

— Estou me perguntando como você vai fazer isso.

Ele inclina a cabeça. — Como eu vou fazer o quê?

— Você sabe... — Levanto as sobrancelhas e deixo cair o queixo.

— Desculpe-me, mas não sei. — Ele olha para mim como se achasse que a resposta está escrita em meu rosto. — Sou um homem bastante inteligente, Eleni, mas receio não ter ideia do que está me perguntando.

Eu sinalizei o motorista e o outro homem que estava ao lado dele, o segurança de Vincent, tenho certeza, para que Vincent soubesse que eu não poderia falar na frente deles.

— Pode falar, Eleni. A parte de trás do carro é à prova de som. — Ele se inclina para a frente e bate na divisória, mas não há reação nem do motorista nem do outro homem. — Está vendo?

— É claro que é à prova de som, — murmuro. Dessa forma, ninguém pode me ouvir gritar. Suspiro, levo uma mão trêmula à boca e olho pela janela. Sem dúvida, estamos indo para fora da cidade, para uma área remota com... *Espere. Eu reconheço essa área?* — Estamos chegando ao centro da cidade.

— Não é lá que você mora?

— Você sabe onde eu moro?

Ele inclina a cabeça e mostra um sorriso arrogante.

Se eu não estivesse tão assustada no momento, isso seria quase sexy.

— Claro que sei onde você mora. Sei onde moram todas as pessoas em quem estou interessado.

— Então, você vai me levar para casa...?

— Eleni, você está bem? Não está sendo você mesma. Não fez nada precipitado, nem me colocou verbalmente no meu lugar, nem deu um tapa em ninguém há pelo menos quinze minutos.

Meus olhos se arregalaram quando me virei para ele. — Isso foi uma piada?

— Foi engraçada?

— Eu não sei. — O medo que estava em minhas entranhas começa a diminuir um pouco. Mas provavelmente é assim que eles fazem isso. Como um predador experiente, ele me atrai com seu charme e, então, *bam!* Ataca quando eu menos espero. Faz sentido. Será muito mais fácil se eu não revidar.

O carro dá a partida e sobe a pequena colina que leva ao meu bairro.

Acenando com a cabeça, eu me viro para ele. — Ouça. Tudo o que vou pedir é que você cuide do meu pai.

— Me desculpe? — Sua sobrancelha está franzida e ele inclina a cabeça. Está confuso.

— Quando eu tiver ido. Você poderia, por favor, garantir que ele não seja despejado e deixado na rua para ter uma morte horrível? Por favor? Acho que você me deve isso. Se não fosse por você, meu irmão talvez ainda estivesse vivo.

O olhar confuso em seu rosto muda para um olhar de tristeza. — Eu sei disso. E realmente sinto muito, Eleni. — Ele estende a mão, pega minha mão do colo e a aperta.

Eu o afasto. — Se está procurando absolvição, — sussurro entre os dentes, — não a obterá de mim. Especialmente agora. — *Ele está louco?*

— Entendo isso. — Ele está balançando a cabeça. — Mas espero que saiba que, se eu tivesse qualquer indício, nunca teria pedido para você se sentar conosco. Nunca estive tão fora de mim como naquela noite. Sinto muito pela morte de seu irmão, Eleni. De verdade.

— Então por que...

— Por que o quê?

O carro para em frente ao meu prédio. Guirlandas e enfeites de Natal iluminam as portas da frente e as árvores da frente. É tão tranquilo que quase me esqueço. — Então por que vai me matar?

— O quê? — Seu rosto se transforma de confuso em... alegre? — Eleni, do que você está falando?

— Lá atrás, com Gio. Ele disse coisas horríveis e eu lhe dei um tapa.

— Você acha que vou matá-la porque você deu um tapa no meu irmão? Você sabe quantas vezes por dia eu gostaria de poder dar um soco na barriga dele?

— E quanto ao meu pai?

— O que tem ele?

— Gio diz que ele está na folha de pagamento do grego.

— Gio diz um monte de coisas. Tenho Johnny investigando sobre isso agora mesmo. E se, por algum estranho acaso, isso for verdade, talvez tenhamos um problema.

— É o que eu estava dizendo. — Minha voz é um sussurro, então limpo a garganta. — Por favor, seja rápido.

— Eleni, — ele reprime uma risada. — Ninguém vai matar você. Ninguém. Você tem minha palavra. Mas precisará de proteção. Não de mim, — ele é enfático. — Os gregos já sabem quem você é, tenho certeza disso. Mas se eles descobrirem que você é minha advogada... — Ele olha para a janela e depois se volta para mim. — Existir em dois mundos é um lugar muito perigoso para se viver.

— Mas eu não estou em nenhum dos dois mundos. Eu mal existo em meu próprio mundo.

Ele suspira. — Eleni, quero que saiba de uma coisa. Eu não saio por aí matando pessoas. — A urgência mancha sua voz. Isso significa algo para ele. — E eu certamente não mato pessoas inocentes.

— Mas eu não sou inocente.

— Do que está falando?

— Por causa do que eu sei sobre aquela... noite.

— O Massacre da Metropolitan?

— Sim.

— O que você sabe? — Sua voz se torna como gelo. — Eleni?

— Sobre os atiradores.

— Eleni.

Respirando fundo, acalmo meus nervos. — Vincent, posso identificar o atirador que matou meu irmão.

— Você sabe quem eram os homens mascarados?

— Não, — balançando a cabeça, deixei que meus olhos se concentrassem nele. — Apenas um.

— Não estou entendendo. Por que não disse nada?

— Porque tenho temido por minha vida todos os dias nos últimos cinco anos. E a cada dia que passava a partir daquele dia, eu ficava um pouco menos assustada. Como se talvez ele tivesse se esquecido de mim.

— Ele, quem?

— Pensei que talvez eu pudesse, de alguma forma, escapar de tudo isso. Não sei por que ele me deixou em paz durante todo esse tempo, mas deixou. Até agora.

— Quem era, Eleni? — Ele exige uma resposta.

— Gio.

Olho em seus olhos e os vejo brilhar com algo...

— Como sabe?

— Ele estava me encarando de seu assento. Ele se levantava e se abaixava continuamente, inquieto, e saiu e foi para as sombras perto da saída da plateia algumas vezes.

— Eu me lembro que ele estava agindo de forma estranha. A noite inteira me pareceu estranho.

— Sim. Na época, eu achava que ele era apenas assustador, agora entendo que eu era uma complicação que ele não estava planejando.

— Como sabe que foi ele?

— Quando os outros homens correram, um ficou para trás. — Fechando os olhos, revivo a noite, vendo as cores borradas do palco, ouvindo os gritos, sentindo o tremor da casa de ópera e do meu próprio corpo. — Ele se aproximou e eu estava de costas para Nick, tentando protegê-lo.

— Vá em frente.

— Apontando a arma, ele foi até você, e eu olhei em seus olhos e vi... Gio.

— Você tem certeza?

— Positivo. Seus olhos têm aquela cor estranha - e - e eu escorreguei e sussurrei seu nome. Foi quando ele desviou a arma de você e a apontou para mim. Mas, em vez de atirar em mim, ele errou e...

— Bateu em Nick.

— Sim.

— Maldição. — Seu peito se agita e suas mãos se fecham em punhos. — Maldição, maldição! — Ele bate o punho de uma mão contra a outra. — Maldição. — Vincent se enfurece enquanto agarra a maçaneta da porta e a abre.

Quatorze

Vincent

Mas que diabos?

Abro a porta do carro e quase me jogo na rua. Onde diabos estamos? Olho em volta, observando tudo, as casas em tijolo, as luzes cintilantes do Natal, um parque com luzes de gás piscando. É como se fosse um pequeno conto de fadas. Espero ver alguma princesa saindo de uma dessas casas de tijolo assobiando uma música com um bando de animaizinhos atrás dela.

Mas a imagem pode facilmente se tornar sangrenta. Todos esses prédios baixos amontoados nessa pequena e pitoresca cidade são facilmente o cenário perfeito para um ataque da máfia.

Lou, meu guarda-costas, deve pensar a mesma coisa, porque ele corre do banco do passageiro para a traseira do carro e fica perto de mim na rua. Ele ajusta a lapela de seu paletó. — Chefe, este lugar não é tão bom... — Ele está olhando para o que eu notei - telhados baixos, fáceis para atiradores de elite amadores, e muitas janelas, pátios e portas para que possamos nos preparar para qualquer ataque surpresa. E se era mesmo Gio...

Ele sabe onde ela mora.

Preciso quebrar alguma coisa. Mas o quê? O quê? Vou até ao prédio de Eleni, pego uma árvore do vaso e a arranco, jogando-a na rua. Não é satisfatório, mas pelo menos é alguma coisa.

— Ei! — Eleni está fora do carro e ao meu lado. — Você não pode simplesmente fazer isso.

— Volte para o carro, Eleni.

— Não. Esta é a minha casa, e você não pode ser tão idiota...

Viro-me bruscamente em sua direção e, com os braços abertos e o peito erguido, avanço sobre ela, empurrando-a contra o carro. Nunca precisei controlar minha raiva por medo de machucar uma mulher, nunca precisei. Mas não tenho nada contra assustar uma. Especialmente para seu próprio bem. — Eu disse, entre no carro! — Minha voz está mais alta do que eu pretendia.

Ela faz o que eu digo.

Respiro fundo e expiro com os dentes cerrados. Bato com os punhos no teto do carro e me inclino para a frente, pensando.

Lou fica atrás de mim, pronto para qualquer coisa que possa acontecer em seguida.

— Ok, estabeleça prioridades, — murmuro para que só eu possa ouvir. Preciso encontrar Gio e descobrir o que de fato aconteceu naquela noite. Preciso saber por que fui preso com acusações falsas esta noite e o que isso significa. E, olhando para a parte de trás do carro, posso ver sua silhueta, acima de tudo, preciso manter Eleni segura.

Mas por quê? De pé, esfrego o abdômen com a lateral do punho. Só porque estou em dívida com ela, é claro. A família DeSantis se certifica de que os negócios sejam mantidos como negócios e que não prejudiquemos civis inocentes.

Um flash do Massacre da Metropolitan passa por meu cérebro.

Exceto quando tudo dá terrivelmente errado. É por isso que eu lhe devo mantê-la segura. E mesmo que aquela noite não tivesse acontecido há cinco anos, eu ainda faria o possível para protegê-la. Talvez eu seja antiquado, mas eu daria um aviso a um homem e o deixaria se defender sozinho. Mas não permitirei que uma mulher seja ferida no que depender de mim.

Especialmente uma mulher que já magoei tanto.

Que merda. Já tive homens que imploraram por suas vidas aos meus pés e não tive nenhum problema em apontar uma arma para a nuca deles e puxar o gatilho. Mas a única coisa que não consigo suportar, a única coisa que me faz sentir... impotente, e Deus sabe que eu nunca quero me sentir assim, é quando uma mulher chora.

Não sei como lidar com isso.

E tenho certeza de que Eleni está no banco de trás do carro neste momento, soluçando. Ela tem que estar. Depois de tudo o que passou e da maneira como eu a assustei... Respiro fundo e endireito o corpo. É hora de ser homem. Tudo o que posso fazer é entrar no banco de trás daquele carro e... o quê? Segurá-la enquanto ela chora? Ela deve estar aterrorizada e desesperada.

Sim, farei o que nunca fiz antes. Sairei de minha zona de conforto para confortá-la. Estou em dívida com ela, por seu irmão, por tê-la envolvido nisso e por ter gritado com ela.

Aqui vai. Aceno com a cabeça para a porta e Lou a abre para mim. Ao entrar, não ouço nada dela. Nenhum gemido. Não está fungando. Ela deve ser uma chorona silenciosa. Droga. De alguma forma, isso é pior.

— Eleni?

Ela fica olhando pela janela e não se vira para mim.

— Eleni, sei que você está brava e assustada, mas quero que saiba que estou aqui para você. E gostaria de abraçá-la enquanto você chora. E então poderemos fazer alguns planos para realocá-la...

Ela se vira de frente para mim e cobre a boca com sua linda mão enquanto solta uma gargalhada. Ela quase cai de... rir... não há outra palavra para isso, mas se recompõe e respira fundo. — Você está louco? — Ela não parece nem um pouco vermelha, nem inchada, nem com lágrimas.

— O quê?

— Me abraçar enquanto eu choro? — Ela olha profundamente em meus olhos.

Limpo a garganta.

— O que o faz pensar que eu lhe daria o poder de me fazer chorar? Aquela pequena manobra de intimidação que você fez na rua? Isso só me provou que você é tão descontrolado quanto eu temia que fosse. Eu entrei no carro não porque você atacou como o grande idiota que é, nem porque me disse para entrar. Entrei no carro porque senti que o lugar mais seguro para mim naquele momento era aqui dentro, longe de você, com uma grande quantidade de aço entre nós.

Ela me olha de uma maneira que ninguém jamais fez. Como se estivesse olhando para mim, o meu verdadeiro eu, e não vendo a fachada que eu coloco.

— É tudo tão falso para você, não é? Tão preto e branco. — Ela balança a cabeça. — Eu choro todos os dias da minha vida pelo meu irmão, não por qualquer outra coisa.

— Eu achei que você poderia estar com medo.

— De você? — ela pergunta.

— De Gio.

— Eu estou. — Ela acena com a cabeça. — Estou petrificada por vocês dois.

Sua admissão está em minhas entranhas.

— Estou petrificada pela sua total falta de controle e tenho vivido com medo de Gio nos últimos cinco anos.

— Por que não me contou sobre ele antes?

— E quando eu ia fazer isso? Durante todas as vezes em que conversamos desde a noite do massacre? Quando você ligou para saber se poderia ajudar a compensar as despesas do funeral - o que eu nunca teria aceitado, a propósito, mas eu era apenas uma garota na faculdade na época e poderia ter precisado de ajuda. Teria sido o mínimo que você poderia ter feito. Você sabe onde eu moro, descobriu onde eu trabalho, vamos lá, não pode me dizer que foi apenas uma coincidência eu ter sido chamada hoje de manhã.

Ela merece a verdade. — Não foi. Mas também não foi obra minha. Foi Johnny. Ele me contou quando saímos da delegacia mais cedo.

— Está vendo? Nem mesmo isso foi obra sua. Você nem fez tanto esforço assim. Tenho certeza de que pode conseguir meu número de celular. Por que não pegou seu telefone, nem que fosse uma vez, e me mandou uma mensagem? Um simples 'me desculpe'.

— Sinto muito.

Sua sobrancelha se franze enquanto ela me encara. — Sente? De verdade? Ou Nick e eu somos apenas vítimas de sua missão de possuir tudo o que deseja?

— Eu não possuo tudo o que quero.

— Oh, *pobre* de você. Tenho certeza de que tudo o que você precisaria fazer era pedir a um de seus milhões de servos que atendesse a todos os seus desejos, e eles teriam se matado para que isso acontecesse. E se não o fizessem, bem, papai teria mandado matá-los por você. — Seu rosto se enruga como se ela estivesse sentindo uma dor imensa. — Sinto muito. De verdade. Isso foi completamente insensível. Sei que você perdeu seu pai e sua mãe na noite em que eu perdi Nick.

— Está tudo bem.

— Não, não está. Não quero mais ser essa pessoa zangada. — Ela se esvazia e cai de costas no assento. — Tudo o que eu quero é que esse pesadelo acabe. E a cada dia mais distante daquele dia horrível, eu me considerava mais próxima desse objetivo. E então isso aconteceu. E agora Gio sabe que eu contei a você, e isso nunca vai desaparecer. Não até que eu morra.

— Não vou deixar que isso aconteça com você. — Depois de dizer isso, sei que é verdade.

— Como pode impedi-lo?

— Terei seguranças com você. Vinte e quatro e sete[5].

— Isso não é viver, Vincent.

Apesar da situação, é muito bom ouvi-la dizer meu nome.

— O quê? — Ela balança a cabeça para mim.

— Desculpe-me?

— Você tinha um pequeno sorriso no rosto.

— Gosto quando você me chama de Vincent.

Ela revira os olhos e volta a revirar.

[5] Sempre – 24h por dia, 7 dias por semana.

Independentemente da situação em que nos encontramos, tenho um desejo incrível de discipliná-la. E, desta vez, depois que ela for devidamente castigada, eu a deitarei de volta em minha cama enorme e começarei a beijá-la, com minha língua entrando e saindo lentamente de sua boca.

— Sr. DeSantis?

Eu a olho fixamente. *Ela é explosiva.*

— Como pode esperar que eu viva uma vida normal com segurança sobre mim?

— É só até Gio ser tratado.

Seus olhos brilham, embora seu comportamento nunca revele seus pensamentos.

Ela sente repulsa por mim? Ou é outra coisa...? Suspirando, meus ombros caem. Ela merece mais do que um monte de besteiras de mim. — Olhe, Eleni, não posso prometer que sua vida voltará ao normal. Mas me diga a verdade: ela já foi normal alguma vez desde a noite do massacre?

Ela solta um pequeno suspiro.

Esse pequeno som parece viajar direto para as minhas entranhas e me faz querer estar mais perto dela. Muito mais perto. — E mesmo antes disso, desde que sua mãe faleceu, as coisas estavam normais para você?

Seus olhos se suavizam. — Acho que não, não.

— Então, talvez sua vida nunca seja normal, mas isso é realmente uma coisa tão ruim?

Ela me olha de relance, e seus olhos permanecem nos meus.

Nunca tive um contato visual tão longo ou tão real. — A única coisa que posso lhe prometer é que você estará segura, mas somente se me deixar fazer meu trabalho.

— Como?

— Se você me deixar colocar guarda-costas com você. — Talvez, se ela achar que a escolha é dela, fique mais disposta?

— Por que está fazendo isso, Vincent?

Mil razões passam diante de meus olhos. Por causa de seus longos e belos cabelos castanhos. Por causa de seus olhos tão verdes que parecem esmeraldas brilhantes por trás de seus óculos de bibliotecária travessa... Mas esses são apenas os motivos que digo a mim mesmo. A verdade está em algum lugar mais profundo, em um lugar que não posso me dar ao luxo de acessar. Ser Don de uma família tem suas vantagens, sim, mas também é... o quê? Difícil? Bagunçado?... Solitário?

E esses motivos que mantenho enterrados parecem ser desenterrados por Eleni Moralis, repetidas vezes. A suavidade de seus olhos, a vulnerabilidade por baixo de seu exterior estoico, sua inteligência e força. Ela é uma força a ser reconhecida, e eu adoraria tentar.

Mas não posso. Porque a minha vida é uma vida que eu não desejaria a ninguém. Especialmente a alguém tão puro quanto Eleni.

— Vincent? Por que está fazendo isso? — Ela se aproxima e me toca.

Sua mão quente me dá um arrepio na espinha. Ela está estendendo a mão. Está fazendo contato humano. Mas é tudo muito real. Posso protegê-la, sim, porque tenho um exército de homens que farão o que eu mandar. Mas não posso estar com ela. Não posso protegê-la da maneira que quero. Não posso fazer com que ela seja minha, porque se Gio, meu próprio irmão, pode assassinar meus pais bem debaixo do

meu nariz, o que eu poderia fazer por Eleni? De verdade? — Você é advogada. Por que acha que é? Eu tenho que protegê-la.

Seus olhos brilham.

— Você é o elo com Gio, — acrescento.

Ela se afasta e se senta com rigidez. Seus olhos ficam frios. — Eu gostaria de ir para casa agora.

— É claro. — Bato em minha janela e peço a Lou que lhe envie uma equipe de segurança. — Eles estarão aqui em dez minutos. Enquanto isso, podemos esperar no carro.

— Prefiro ir para o meu apartamento, por favor.

— Tudo bem. — Aceno com a cabeça. — Lou e eu vamos varrer o local e Lou vai esperar do lado de fora até que seu novo segurança chegue. Você terá uma mulher chamada ChaCha e um homem chamado Tommy. Eles são os melhores.

Ela empurra a porta para abri-la. — Não preciso do melhor. Só preciso ficar viva para poder ajudá-lo a pegar o Gio, certo?

A última coisa que vejo é sua carranca quando ela sai do carro e entra na rua fria.

Ela está magoada. Mas é melhor que esteja machucada agora do que fazermos qualquer tipo de movimento errado e ela ficar arrasada novamente mais tarde.

Ela fica na rua ao lado de Lou, esperando a autorização para entrar em seu prédio. Eles sorriem um para o outro. É encantador.

A última vez que usei essa palavra, ela me odiou por isso, mas ela se encaixa nela. Ela é brilhante, mas sua crença ingênua na lei e na bondade das pessoas é encantadora. Ela acredita sinceramente que eu acertarei minhas contas com Gio em

um tribunal. Isso mostra que, mesmo sob seu enorme cérebro e força, ela ainda tem um coração.

Mesmo que esse coração tenha sido partido várias vezes.

Observando-a enrolar o casaco em seu corpo pequeno, vejo todos os sinais reveladores. Ela afunda em seu cachecol, enfia as mãos nos bolsos e encolhe os ombros.

Esta é uma mulher que sabe como enterrar sua dor.

Quinze

Eleni

Já se passou uma semana desde que Vincent DeSantis quase destruiu meu apartamento imaculado ao passar por ele. Seus sapatos deixaram marcas no meu tapete persa antigo e suas mãos sujas tocaram meu lindo edredom de seda. Sua proteção excessiva a alguém que ele só mantém vivo porque eu posso ser útil fez com que ele abrisse e fechasse todas as gavetas e armários, procurando insetos e encontrando, no processo, meus pertences mais íntimos - romances e alguns 'brinquedos' que guardo para aquelas noites em que estou tão solitária que é a única coisa que posso fazer para me ajudar a dormir.

E por que diabos eu deveria ficar envergonhada só porque ele abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, apesar de eu ter gritado para ele não fazer isso, e encontrou um... brinquedo em particular? Era como assistir a um desenho animado.

No início, seus olhos se arregalaram, mas depois aquele meio sorriso irritante tomou conta de seu rosto.

Que se dane a vergonha. Por que eu não deveria cuidar de mim mesma? Os homens fazem isso desde sempre. Sou uma mulher forte e independente que ganha bem e tem uma excelente carreira. Só faz sentido que eu me cuide de todas as formas.

Vá se ferrar, Vincent DeSantis.

Mas o fato é que, às vezes, estou cansada de tudo isso. Olhando pela janela e para a cidade lá embaixo, vejo todas as lindas luzes de Natal nas árvores e no parque do outro lado da rua. Agarrando a parte da frente do meu suéter com a mão, eu o aperto enquanto meu estômago se contrai e se revira. Minha boca se enche de saliva e eu engulo com força, forçando a bile para baixo.

Deixei uma esteira de fotos e álbuns de fotos na minha mesa de centro. Não vai me fazer bem olhar esses álbuns de fotos mais uma vez. Ver Nick, jovem, feliz e vivo. Em vez disso, fico olhando pela janela, esperando que surja uma resposta.

Preciso ver meu pai em breve, mas tenho evitado ele e as perguntas que teria de fazer. Como o homem que já foi meu herói pode, de repente, ser o vilão?

O Natal na cidade costumava ser minha época favorita do ano. Nick e eu subíamos e descíamos a Quinta Avenida, de braços dados, tomando chocolate quente depois que Nick devorava dois cachorros-quentes, ou ‘cachorros de água suja’[6], como ele os chamava. Depois, lutávamos contra a multidão para ver a árvore no Rockefeller Center. Nunca andamos de patins no gelo. Estava sempre muito lotado e eu prometi a ele que um dia iríamos lá.

Mas esse dia nunca veio, não é mesmo?

Depois, passávamos por todas as vitrines das lojas, discutindo sobre qual delas gostávamos mais.

— Tem que ser a Saks, — eu lhe dizia. — É mais tradicional. O Natal deveria ser só troncos de Natal, árvores e enfeites passados de geração em geração.

— De jeito nenhum, Leni, — ele provocava. — A Bloomingdale's ganha. Eles sempre assumem o maior risco com suas vitrines, por isso vencem. Não se pode ter progresso sem risco.

[6] A expressão cachorros 'de água suja' é um termo geralmente associado aos carrinhos de mão da área de NY. Na verdade, significa apenas que quanto mais cachorros-quentes forem cozidos na mesma panela com água durante todo o dia, mais 'suja' será a água . O excesso de sal e gordura que se acumula na água é tudo o que lhes dá o nome colorido.

As luzes se apagam do lado de fora da minha janela no momento em que alguns flocos de neve começam a cair.

Também estava frio naquela noite. A noite do Massacre na Metropolitan, há exatamente cinco anos. Mas esta noite... Eu estava temendo esta noite, um aniversário importante, mas ela chegou de qualquer maneira.

Cinco anos. Nick está morto há cinco anos.

Não sei o que eu esperava, mas não isso. Isso - isso é - tudo o que sinto é raiva e vazio. E estou cansada de sentir as duas coisas.

Apressando-me pelo meu apartamento, vou ao banheiro e coloco as lentes de contato. Depois, vou até meu armário e pego o presente de Natal que comprei para mim: lingerie nova. É a primeira vez que compro algo parecido com isso, mas, de repente, eu simplesmente queria. Tirando minhas roupas, arranco as etiquetas e coloco o sutiã e a calcinha de renda preta e vejo meu reflexo no espelho. Não está ruim. Não sou uma supermodelo ou qualquer tipo de modelo, com certeza - meus seios são pequenos e meu bumbum é um pouco cheio demais, mas consigo me sair bem. Coloco uma calça jeans limpa e um suéter cinza escuro novo, pego meu casaco e minha bolsa, calço botas de salto alto e saio correndo pela porta.

ChaCha olha para mim.

Coloco os ombros para a frente. Ela consegue ver o contorno do sutiã de renda através desse suéter? Ridículo. Ela não está olhando e não se importa.

— Você está bem? Eleni?

— Não sei. — Tranco a porta, checando-a apenas uma vez.

— Precisa que eu a leve a um médico ou algo assim? — Seus olhos escuros estão cheios de preocupação.

— Não. — Passo correndo por ela e vou para o elevador.

Ela está em meus calcanhares.

— Obrigada, no entanto.

— Eleni... — Ela coloca a mão em meu antebraço. — Você sabe que eu tenho que ir com você.

— Eu sei. — Fico na ponta dos pés até o elevador finalmente tocar.

— Quer me dizer onde? — Ela me segue, vestindo seu longo casaco de penas.

— Estamos indo para a casa de Vincent, — sussurro quando as portas se fecham e vejo meu reflexo na parede espelhada. Pareço... triste.

— Caramba... — Ela cantarola baixinho enquanto saímos correndo pela porta e entramos no carro que Vincent forneceu.

***

— Você está bem? — Ele está esperando na porta com uma camisa social aberta sobre uma calça jeans escura. Essa deve ser sua roupa casual. Ele dispensa ChaCha com um olhar.

Faço uma anotação mental para me lembrar de agradecê-la mais tarde.

Quando sacudo a cabeça, ele me puxa para dentro de seu apartamento.

— Uau. — Olho em volta de um apartamento digno de qualquer revista de arquitetura que Nick costumava ler. — Isso é impressionante. — Meu olhar percorre todo o espaço aberto do loft, que é todo de um cinza claro harmonioso. Logo à frente está a sala de estar com um sofá comprido em forma de L. Atrás dele, há um banco de couro paralelo a uma escada. A base da escada é revestida com o mesmo couro

combinando, e um corrimão suspenso parece flutuar acima dela. Atrás do sofá, há outro cômodo com uma mesa de jantar e cadeiras de madeira de mogno escura e, ao lado, uma enorme cozinha de chef com o que parece ser aço inoxidável e acabamentos de quartzo.

À esquerda está o que realmente me surpreende.

— É uma parede de janelas, — eu suspiro.

— Sim.

Vou em direção à janela e, logo depois, há uma ampla varanda que provavelmente circunda metade do prédio. — Eu achava que meu apartamento era bom.

— É.

— Mas nunca vi nada assim, — murmuro. — É fantástico.

— Fico feliz que tenha gostado.

— A varanda, as janelas, aquela escada... — Eu olho para ele e, talvez pela primeira vez, o vejo como um homem. Um homem muito bonito. — Lembro que você disse que gostava de arquitetura.

— Gosto.

— Meu irmão teria adorado esse apartamento.

— Eu gostaria que ele pudesse vê-lo.

— Eu também. — Engulo com força para empurrar para baixo o nó em minha garganta, mas não adianta. Minha cabeça pende para baixo enquanto as lágrimas correm. — Oh, Deus. — Eu me ajoelho, exatamente como fiz naquela noite em que segurei Nick em meus braços enquanto ele morria.

— Eleni. — Vincent está ao meu lado, esfregando minhas costas.

Seu toque é reconfortante e ele me ajuda a ficar de pé. Balanço em meus saltos, então me abaixo e os tiro. — Eu não deveria ter vindo.

— Por quê? — Ele me leva até ao sofá e nos sentamos lado a lado. Ele está hesitante, como se estivesse pensando em uma grande decisão, mas, por fim, estende a mão e escova uma lágrima. — Por que não deveria ter vindo?

— Vim sem avisar. E agora, não consigo parar de chorar.

— Eleni, estou feliz por ter vindo.

— Você está? — Eu me enrijeci. — Porque quer me fazer perguntas sobre aquela noite?

Ele balança a cabeça. — Não, porque eu também quero ficar com você.

— Sim. — Olhando em seus olhos, vejo que ele está falando sério. — Acho que é porque compartilhamos algo. Algo que ninguém mais pode entender.

— Talvez. — Envolvendo seu braço em minhas costas, ele se aproxima.

É tão bom ser abraçada que me deixo cair em seu abraço. Ele me puxa com força e eu deito minha cabeça em seu peito largo. — Me desculpe, — eu disse.

Ele me mantém à distância de um braço e me estuda.

A essa distância, posso ver todas as linhas e rugas de preocupação em seu rosto, e elas só o tornam ainda mais bonito. Olho para cima, para seus olhos azuis e quentes.

— Eleni, do que você está se desculpando?

— Por eu estar com tanta raiva de você. Por o ter culpado pela morte do meu irmão, mesmo sabendo que Gio era o culpado.

— Eu também sou culpado.

Fico tensa. — O que está dizendo?

— Minha família e eu chegamos atrasados a eventos públicos, mas eu cheguei mais cedo do que eles e, enquanto estava sendo escoltado até meu assento na plateia... vi você no saguão. Eu queria estar com você naquele momento.

— Queria? Por quê?

— Você era tão bonita e parecia tão genuinamente feliz.

— Eu estava. Eu costumava ser. E agora, tudo o que sinto é raiva e solidão.

— Eu gostaria de poder consertar tudo isso para você, Eleni. Eu realmente gostaria. Temo que não haja nada que possa fazer em relação à sua raiva...

— Mas e quanto à minha solidão? — Meu coração está tão acelerado que uma pequena gota de suor se forma em meu lábio superior.

Ele se inclina em minha direção e lentamente encosta seus lábios nos meus. Ele se afasta um pouco e olha em meus olhos.

É um Vincent DeSantis que eu nunca conheci, mas que sempre imaginei. Ele é mais suave e gentil. Será que ele é mais do que um chefe arrogante que faz o que quer?

Na verdade, não me importo. Só quero que a dor pare.

Encosto meus lábios nos dele, beijando-o com toda a raiva e tristeza que acumulei. Virando-me, eu o monto e me sento da maneira correta.

Ele responde... imediatamente. — Eleni... — Ele me pega pelos quadris e me mantém imóvel. — Tem certeza?

— Não tenho certeza de nada, exceto de querer sentir algo, qualquer coisa, exceto tristeza e raiva. — Olho em seus olhos e vejo a paixão ali. Continuo mexendo os quadris para a frente e para trás, movendo-me lentamente em seu colo.

Ele fica mais duro embaixo de mim.

Ele também me quer.

— Não quero que você faça nada de que se arrependa.

Pego suas mãos e as pressiono com força contra meus quadris. Logo, é ele quem está me movendo... lenta e deliberadamente. — Eu me arrependo de tudo em minha vida, Vincent. De tudo. Que diferença fará mais uma noite?

— Eleni. — Ele me segura novamente.

— Vincent, sou uma garota crescida. E preciso de alguém. Se você não quiser ser esse alguém, basta me dizer.

— É claro que eu quero, Eleni. Quero desde a primeira noite em que a vi. Mas... — Ele me levanta e me coloca no sofá como se eu fosse feita de papel. Ele atravessa a sala e olha pela janela.

— Mas o quê? Eu não sou seu estilo? Não sou bonita o suficiente para você?

Virando-se para mim, ele abaixa o queixo. — Você é linda, Eleni. É que... eu sempre tenho um entendimento claro com as mulheres com quem estou.

— Ser uma coisa única?

— Bem, sim. E com você...

— Porque eu quase fui sua advogada, porque você precisa que eu identifique seu irmão que matou meu irmão, porque me prendeu em minha própria vida, você acha que vai ficar complicado se dormirmos juntos? — Coloco uma mão sobre minha boca, abafando uma risada.

— Parece ridículo quando você diz dessa forma.

— Vincent. — Eu me aproximo dele. — É a noite em que meu irmão e seus pais foram mortos. Falta uma semana para o Natal. Somos duas das pessoas mais infelizes que conheço. Não podemos ser infelizes juntos?

Ele olha para mim e, como um leão prestes a cair sobre sua presa, avança sobre mim com a mesma rapidez. Agarrando-me pelos quadris, ele me vira para que eu fique de costas para as janelas.

Eu me preparo para o impacto do frio, mas não há nenhum. Eu poderia muito bem estar deitada em sua cama.

Ele tira as mãos dos meus quadris e as coloca no vidro de cada lado da minha cabeça, envolvendo-me, e meu corpo ganha vida com pequenas explosões de energia que sobem pelas minhas coxas e se instalam nos meus mamilos. Eles se contraem e endurecem, e meus mamilos esticados se projetam através da renda do sutiã.

Ele abaixa o olhar. — Mmm... — ele rosna. — Eleni Moralis, vou ter muita dificuldade para me controlar com você.

— Então não o faça.

Ele pressiona seus quadris contra os meus. — Mas a questão é a seguinte. Tenho um sentimento diferente em relação a você do que tive... em outras ocasiões.

— Que tipo de sentimento? — Meus olhos se arregalam e eu o encaro.

— Tenho esse desejo de... controlá-la... como nunca tive com outra mulher.

Sinto um calafrio, e minha respiração se solta em pequenos suspiros.

— Não desejo de amarrar você, não se preocupe com isso. Então, talvez eu precise escolher melhor as palavras... — Inclinando-se sobre mim, ele cheira a colônia cara e a sexo. — O que estou dizendo é que quero ser o único a fazer você se sentir incrível de pelo menos um milhão de maneiras diferentes... Quero discipliná-la

todas as vezes que você for malcriada... — Ele sorri um sorriso diabólico, — mas, acima de tudo, quero fazer com que você seja minha esta noite.

— Então faça-o. — Pressiono minhas pernas uma contra a outra enquanto uma dor se instala entre elas.

— Naquela manhã em que a vi conversando com aquele jovem policial do lado de fora da delegacia, não gostei. De jeito nenhum.

— Ele me convidou para sair, mas eu disse não.

— Por quê?

— Porque eu não queria ficar com ele.

— Ótimo. — Ele tira uma das mãos da janela e a coloca em meu rosto, acariciando minha bochecha com os dedos. — Você é tão linda... — ele sussurra.

Eu resisto a um gemido.

Ele se abaixa, pega minha mão e a leva para cima, sobre minha cabeça. Ele a mantém ali e pega meu outro braço. De boa vontade, deslizo as duas mãos para cima e, cruzando-as, ele segura meus pulsos com uma das mãos.

Pressionando-me com mais força, ele me prende à parede enquanto se inclina e me beija suavemente nos lábios. Eu o pressiono de volta com tanta força que acho que posso movê-lo. Mas não o faço.

Em vez disso, ele pega sua mão livre e a passa para cima e para baixo na lateral do meu corpo. — Adoro suas formas... — ele rosna, mordiscando minha orelha. — É tão feminina e macia.

Dessa vez, ele enfia a mão por dentro da minha camiseta e a estende para cima.

— Oh... — Viro a cabeça para o lado quando ele encontra a renda do meu sutiã e meu mamilo se destaca. Ele aperta meu mamilo gentilmente, rolando-o entre o polegar e o indicador.

— Oh Deus, Vincent.

— Querida... — ele sussurra em meu ouvido, fazendo o mesmo com o outro mamilo.

Então ele solta minhas mãos e eu as enrosco em seu pescoço, enquanto nos beijamos repetidamente. Ele se abaixa e me levanta com facilidade, levando-me em direção à escada.

Flutuando, fecho os olhos e me deixo levar por Vincent DeSantis.

Dezesseis

Eleni

O quarto, com sua cama de plataforma, cômodas e armário de madeira combinando, parece tão bonito quanto o resto da casa, mas eu realmente não me importo. Deitada na cama gigante de Vincent... de repente, preciso de mais. Preciso esquecer.

Ele está de pé ao lado da cama, decidindo seu próximo passo. Rolando de lado e atravessando a cama em sua direção, ajoelho-me e coloco as mãos em seu peito. Alcançando a bainha de sua camisa, meus dedos se movem para cima. Começando com o botão na altura do peito e trabalhando rapidamente, desabotoo a camisa e a mantenho aberta, olhando para o peito incrivelmente esculpido que parece tanto com um deus romano quanto o resto dele.

Ele se inclina para a frente e me empurra de volta para a cama, pairando sobre mim enquanto sua camisa cai ao meu redor, envolvendo-me com o cheiro de pura masculinidade. Eu saio de baixo dele, e ele me deixa prendê-lo embaixo de mim. Ele levanta a mão e segura meu rosto, puxando-me para um beijo. Sua outra mão se apoia na parte inferior das minhas costas e ele me mantém imóvel, pressionando-me contra sua calça jeans.

— Meu Deus, querida, você é tão sexy... — ele murmura. — Desde que revirou os olhos para mim na estação, tenho fantasiado em colocá-la sobre o meu joelho...

— Mmm... — Jogo a cabeça para trás e a deixo rolar para a frente lentamente.

— Mas, para sua sorte, vou pegar leve com você na nossa primeira vez.

Abrindo meus olhos, eu o encaro. — É a nossa única vez, Vincent. E não quero que você pegue leve comigo.

Um estalo! Sua mão pousa em minha bunda.

— Ohhhh...

Ele me puxa com mais força contra seu jeans. Ele está tão duro e tão grande que mal consigo imaginar o que vou fazer com isso. Mas não me importo. Não vou pensar agora... em nada.

— Como eu estava dizendo, a próxima vez será uma história diferente. Mas por hoje... — Ele me vira e sobe em cima de mim. Ele olha nos meus olhos e se inclina para baixo, plantando uma trilha de beijos para cima e para baixo no meu pescoço.

— Vincent... — Encostando minhas mãos em seu peito, empurro-as contra ele.

Ele se inclina para cima e levanta a sobrancelha.

— Não quero que você seja cuidadoso. Por favor. Nós dois sabemos que esta noite é a única. Sei que é diferente com a maioria das mulheres. Mostre a elas um Vincent DeSantis mais gentil e suave. Dessa forma, elas o deixarão pensando que você pode ser um idiota, mas não é perigoso. Elas não podem conhecer você ou seu lado violento.

— Eu nunca machucaria nenhuma mulher, Eleni, e certamente não machucaria você.

— Eu sei disso, e é por isso que isso funciona. Você não entendeu? Eu o vi espancar um homem até à morte com seus punhos, Vincent. Eu vi esse seu lado, o lado sombrio que você mantém escondido. Mas eu quero isso. Quero o lado feio de você. Quero ir tão longe quanto pudermos ir...

Seu peito se move para cima e para baixo com suas respirações rápidas.

— Não quero que faça amor comigo. Vim até você porque queria algo mais e, a julgar pelo suor em sua testa e a fome em seus olhos, você também quer.

— Tenho muito medo, Eleni, se eu começar, não vou conseguir parar.

— Então não pare.

Pulando da cama, ele me levanta e pega a bainha do meu suéter, puxando-o por cima da minha cabeça.

Eu me arrepio.

Com os olhos fixos nos meus, ele alcança o zíper da minha calça jeans, abre o zíper e a arranca. Ele me levanta como uma boneca de pano e me joga na cama. — Você é tão linda.

Sinto meus olhos se arregalarem quando ele pega meus tornozelos e me puxa para a lateral da cama. Ele passa um braço em volta da minha cintura e me levanta para cima de seus quadris. Envolvo minhas pernas ao redor dele, ficando de frente para ele.

— Aqui, querida... — Ele me move de modo que a renda da minha calcinha fique pressionada contra a parte superior do seu jeans. — Meu Deus, Eleni, você é tão gostosa... — Ele me segura com uma das mãos e, com a outra, desabotoa a parte de cima da braguilha de seus botões para que possamos nos tocar.

— Ohhhh... — Deixo minha cabeça cair para trás.

— Está se sentindo bem?

— Sim... Tão bom...

Com uma das mãos, ele abre o fecho do meu sutiã. Ele o tira e meus seios se projetam para a frente, na direção dele.

— Seus seios são lindos. — Ele me levanta mais e leva um seio e depois o outro à boca. Ele mordisca e morde meus mamilos.

Uma forte dor irradia de dentro de mim. Eu me aperto o máximo que posso contra ele, enchendo sua boca com o máximo de meu peito que ele conseguir.

Em seguida, ele abaixa a mão e agarra o material da minha calcinha e, com um puxão forte, arranca-a do meu corpo. Nua, ele me segura com seu braço incrivelmente forte.

Ele me leva até à cama e me deita, subindo em cima de mim. Ele me beija com tanta força que mal consigo respirar. Então, tão rapidamente que mal consigo registrar sua ação, ele rola para o lado e sua mão explora meu corpo livremente.

— Vincent... — Eu me agarro às cobertas, contorcendo-me para cima e para baixo. Quando ele me toca ali... — Oh, Deus.

— Ainda não, — ele ordena enquanto me vira de barriga para baixo. Ele pega minhas mãos e puxa meus braços para fora. — Mantenha as palmas das mãos apoiadas na cama e não se mova a menos que eu lhe diga para fazê-lo.

— Sim, — murmuro no colchão. Fecho os olhos enquanto ele faz cócegas em mim, arrastando o dedo para cima e para baixo em minha coluna.

Sua mão pousa em meu traseiro. — Sua bunda me deixa um pouco louco. — Ele se inclina para mais perto de mim. — Ela é tão perfeitamente redonda e se encaixa perfeitamente em minha mão. — Ele acaricia uma bochecha e depois a outra.

Estou desesperada para apertar minhas pernas e encontrar algum alívio para a pressão crescente, mas é como se ele pudesse ler minha mente.

— Não se mova até que eu permita.

— Sim. — Cerro os dentes. — Mas acho que não posso suportar isso por muito mais tempo, Vincent...

Sem dizer uma palavra, ele me vira de costas e, de pé, arranca sua cueca boxer. Pairando sobre mim, é como se ele tirasse uma camisinha do nada, embora eu tenha certeza de que estou muito tonta para vê-lo tirar uma de sua mesa de cabeceira.

Subindo em cima de mim, ele é cuidadoso quando começa a empurrar para dentro. Cuidadoso demais.

— Vincent... — Meus dentes se apertam. Sim, já faz uma eternidade, mas ele é tão grande.

— Relaxe, querida... — Ele me penetra mais fundo e, com mais um impulso, chega ao máximo possível.

Mas eu ainda quero mais.

— Bom? — ele murmura.

— Deus, sim, — cravo as unhas em suas costas e o puxo para junto de mim.

— É isso que quero dizer, Eleni... — Ele força suas palavras através de dentes cerrados. — Eu não quero machucá-la, mas Deus, eu quero você. — Seu ritmo constante fica cada vez mais rápido.

— Não pare, Vincent, por favor. — O suor escorre pelo meu rosto e arde em meus olhos, mas eu cravo as unhas ainda mais. — Eu quero tudo. Tudo de você.

— Foda-se, sim...

Meus músculos tremem e se soltam sob ele enquanto me deixo levar. Meu clímax é tão impressionante, tão ofuscante que nem consigo respirar. Seu ritmo e profundidade, que já eram punitivos, ficam cada vez mais fortes, até que, com uma última investida, ele também chega ao clímax e cai exausto em cima de mim.

Estamos deitados aqui, tão juntos quanto duas pessoas poderiam estar, mas, ao mesmo tempo, a bagagem que carregamos constrói uma montanha intransponível entre nós. Esta foi apenas uma noite.

Mas foi delicioso.

Sorrindo, corro meus dedos para cima e para baixo em suas costas e nos tríceps de seus braços fortes. — Espero não ter deixado cicatrizes, — provoco.

Ele se inclina e roça meu nariz com o dele. — Não seriam as primeiras.

— Aposto que sim.

Ele estremece em cima de mim.

— Ah, você gosta disso, não é? — Tornando meu toque ainda mais leve, corro as pontas dos dedos para cima e para baixo em seus braços, sentindo os músculos fortes, a pele úmida e... — Espere, o quê? — Usando meus dedos, pressiono contra ele com mais força, sentindo uma cicatriz profunda.

Oh, Deus. Fecho os olhos com força e bato em suas costas. — Vincent, saia.

— O quê? O que está acontecendo? Você está bem?

Empurro-o com toda a minha força, mas ele mal se mexe. — Vincent, saia! — Eu bato com mais força.

— Ok, querida, o que se passa? Deixe-me só... — Ele sai de cima de mim.

Eu me ajeito na posição sentada, sem me preocupar com o lençol. — Deixe-me ver a parte de trás de seu braço.

— Oh. Eleni. — Ele balança a cabeça.

Eu o puxo, tentando forçá-lo, para que eu pudesse ver suas costas e seus tríceps. — Vincent, por favor.

Suspirando, ele se move para que eu possa examinar a cicatriz.

— Essa cicatriz... — Pressiono seu braço esquerdo. — Isso é de...

— Eleni. — Virando-se para mim, ele me puxa para si. — Eleni, querida.

— Não, não, não... — Afastando-me dele, tapo os ouvidos e me balanço. — Isso é da noite do massacre, não é? Vincent? — Eu o pressiono. — Diga-me.

— Sim.

— Como? Como eu pude fazer isso? Como pude estar aqui com você? Entre todas as pessoas? Como pude fazer isso com Nick?

— Você não está fazendo nada com Nick, Eleni. Nick se foi.

— Você acha que eu não sei disso? — Meu coração está mais acelerado do que nunca. Ele pode muito bem explodir, e tudo bem. Eu mereço isso. Que tipo de criatura nojenta eu sou? Ao pular da cama, procuro minha roupa íntima no chão e vejo os restos rasgados. — Oh, Deus. — Desviando o olhar, forço a bile a se formar novamente em minha boca e visto meu suéter e jeans. — Essa cicatriz é da noite do Massacre da Metropolitan. A noite em que Nick foi morto por seu irmão.

— Eleni. Por favor. Venha para a cama, fique comigo.

— Ficar com você? Eu estava com você. E isso não consertou nada. Nada!

A expressão em seu rosto muda, mas ele não parece irritado, parece magoado.

— Agora me diga, o que você vai fazer a respeito disso, hein? — Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto luto para acalmar minha respiração. — Meu irmão foi morto e eu lhe disse por quem, e o que você fez a respeito? Você é só conversa! — Eu giro pelo quarto, perturbada, passando as mãos pelos cabelos.

Ao parar, respiro fundo. Isso não vai funcionar. Surtar não vai mudar nada. Só preciso me afastar dele, e só há uma maneira de sair daqui. A dele. — Eu preciso ir para casa. Você pode ligar para ChaCha, por favor?

— Eu gostaria que você ficasse. Podemos conversar sobre isso.

— Não posso. Sinto muito. Você poderia ligar para ela, por favor?

— Ela está bem no corredor.

Sim, Vincent. Eu estava contando com isso. — E quem está com ela?

— Lou.

— Oh, eu gosto de Lou. Ele ficou ao meu lado na rua gelada no dia em que você me trouxe para casa. Tirou os sapatos quando entrou em meu apartamento. Você acha que...? — Baixando o olhar e fazendo-me parecer o mais recatada possível, embaralho os pés para dar efeito. — Você acha que ele poderia vir comigo também? Ah, mas isso significaria que você ficaria aqui sem ninguém na sua porta.

Ele balança a cabeça. — Eu estava planejando ir com você para garantir que chegasse em casa com segurança. Se estiver tudo bem.

— Sim, está tudo bem. — Droga, falei rápido demais. Respirei fundo e me acalmei. — Desculpe-me, Vincent. Acabei de ver essa cicatriz e...

— Tem certeza de que não quer passar a noite aqui?

Aceno com a cabeça. — Acho que seria muito difícil.

— Está bem.

Recolhendo-me o máximo possível, espero enquanto ele veste suas roupas.

Juntos, caminhamos até à sala de estar.

Pego meu casaco e minha bolsa e calço os sapatos. O suor está se acumulando na parte inferior das minhas costas e minhas mãos estão tremendo, mas ele parece não perceber.

— Deixe-me só... — Vincent leva ChaCha e Lou para o apartamento.

— Você está bem, Eleni? — ChaCha me olha de cima a baixo.

Será que ela vai notar que meus lábios estão inchados de tanto beijar e que não estou com o sutiã de renda embaixo do suéter? Pela maneira como ela olha para o nariz e levanta o queixo, talvez sim.

— Estou bem, obrigada. Obrigada por me levar para casa. — Finjo começar a caminhar até à porta e finjo um calafrio.

— Você está com frio? — Ela me olha com ceticismo.

— Um pouco. — Arregalando os olhos, olho fixamente para Vincent. — Tudo bem se eu tomar um café antes de sair? Normalmente, ele acalma meus nervos. Por favor? Só uma xícara rápida.

ChaCha olha para ele e cruza os braços sobre o peito. Ela está irritada.

— Uh, sim. Sim. Claro que sim. Desculpe-me por não ter lhe oferecido nada.

— Hmph. — ChaCha não está feliz com ele.

A julgar pelos ombros inclinados de Vincent, ele pode sentir isso.

— Estaremos no corredor, chefe. — Lou se vira para a porta.

— Lou, espere. — Engulo minha urgência. Sim, preciso me afastar o máximo possível dessas pessoas, mas não posso simplesmente fugir. Tenho que jogar

o jogo deles, então faço uma sugestão ridícula, rezando para que alguém a aceite: — Por que não tomamos uma xícara antes de sairmos para o frio? — Digo isso como se a casa fosse minha e eu fosse a anfitriã perfeita.

Lou acena com a cabeça. — Eu poderia tomar uma xícara, chefe. Se estiver tudo bem para você?

— É claro. Você sabe que é da família para mim.

Família. Será que a família realmente significa alguma coisa para Vincent DeSantis? Eu expiro.

— Eleni? — Vincent espera que eu vá até à cozinha.

— Sim, só me dê um segundo. Vou correr para o banheiro. — Aponto para o banheiro da sala de estar. — É aqui mesmo.

Ele não se mexe. Se ele ficar aqui o tempo todo...

— Se você fizer o café, poderei ter um pouco de privacidade. Já estou indo para lá.

— Está bem.

— E seja legal com ChaCha. Ela é muito legal comigo.

— Sim, senhora, — ele provoca.

Ao entrar no banheiro, não fecho a porta até ao fim. O cheiro de café acabado de fazer permeia o ar e ajuda a acalmar meus nervos. Espiando para a cozinha, vejo todos eles amontoados ao redor do balcão, esperando com canecas nas mãos. Esse é o meu momento. Minha chance de fugir das lembranças e do terror e abraçar um futuro livre da família DeSantis.

Silenciosamente, prendendo a respiração e me equilibrando nas pontas dos pés, saio do banheiro, fechando a porta atrás de mim, e escapo pela porta da frente, afastando-me de Vincent DeSantis o mais rápido que posso.

Dezessete

Vincent

Knock. Knock. Batendo de leve na porta fechada do banheiro, chamo o nome dela. — Eleni?

Não há resposta, novamente.

— Eleni? — Tento novamente, mas ainda nada. — Eleni, querida, você está aí há quase quinze minutos. Sente-se bem? — Baixando o tom de minha voz, encosto a cabeça na porta. — Eu a machuquei? Desculpe-me. Não foi minha intenção. De forma alguma.

Nada. Ela deve estar irritada.

— Eleni. Vamos lá. Não quero arrombar esta porta, mas o farei se for necessário. Eleni? — Batendo novamente, percebo. Pego a maçaneta e empurro a porta.

Ela se foi.

— Lou! ChaCha! — Eu grito. — Ela se foi. Esgueirou-se para fora do banheiro. Droga! — Bato minha mão na parede com tanta força que ela fica amassada. — O que ela estava pensando?

Pego meu celular na mesa e ligo para Johnny, visto a jaqueta, passo correndo pela porta e vou para o elevador. Sou o único nesse andar e é um elevador particular, mas às vezes ele pode demorar muito. — Maldito seja este elevador.

— Alô? Vincent? — Johnny atende no segundo toque.

— Eleni se foi.

— O quê?

Aperto o botão para chamar o elevador enquanto Lou sobe as escadas.

ChaCha, toda profissional, chega perto de mim.

— Johnny, espere um pouco.

— Vincent, estou indo para o apartamento dela, — diz Chacha. — Ficarei com você até que esteja no carro. Já chamei reforços para o caso de Lou não chegar ao carro no momento em que você precisar sair. Todo mundo manda mensagem imediatamente se acontecer alguma coisa.

— Vincent, o que está acontecendo? — A voz de Johnny é urgente.

— Saiu do meu apartamento. Ela tem quinze minutos de vantagem. Chame as tropas. — Volto a apertar os botões. — Mas Johnny, só o esquadrão de elite. Se Gio descobrir...

— É isso mesmo. Algum palpite de onde ela possa ter ido?

— Nenhum. — Eu me dei conta. — Espere. Talvez um. Encontre-me no Lincoln Center.

Finalmente, o elevador chega, e eu desço correndo e entro no carro que está esperando, correndo para o Lincoln Center.

***

Felizmente, do meu apartamento no Upper West Side até ao Lincoln Center são apenas alguns momentos angustiantes, mas, ao sair do carro, a única pessoa que vejo é Johnny.

A ópera está fechada esta noite em respeito ao massacre, e eu paro por um momento, lembrando-me de mamãe. Por mim, meu pai pode apodrecer no inferno.

— Vincent. — Johnny se aproxima correndo. — Nada. Não estou vendo nada. Como isso aconteceu?

— Ela me enganou.

— Mas por quê? Por que ela colocaria sua própria vida em perigo dessa maneira?

— Porque ela se sente muito culpada pelo irmão. Vamos lá.

Juntos, corremos de volta para o meu carro.

— Onde mais? — Johnny me instiga a buscar respostas, enquanto eu mexo com meu cérebro. Eu me dou conta. — A casa do pai dela. Em algum lugar no Queens. Chame o pessoal.

— Entendi.

Pisco os olhos ao ver uma mensagem que acabou de chegar. É de Gio - uma foto de Eleni, amarrada e amordaçada. — Merda!

— O quê?

Estendo o telefone para Johnny.

— Que coisa... — Ele examina a foto. — Ali! — Ele grita através da divisória aberta, — Washington Street e Little West Twelfth.

— O quê? Para onde estamos indo?

— Veja. — Ele aponta para a foto. — Perto do pé dela. Olhe para o lixo.

— É lixo, Johnny. Não perca tempo.

— Não é apenas lixo, é uma lata do antigo lote de óleo de trufas que costumávamos fazer. Antes de mudarmos a rotulagem.

Ele tem razão. — Diabos me levem se eu não tenho vontade de beijá-lo agora mesmo.

— Vamos adiar o beijo até que a encontremos. E então você poderá beijá-la.

— Quanto tempo?

— O trânsito não está ruim. — Johnny verifica o aplicativo em seu telefone e depois grita pela divisória aberta: — Fique na Eleventh Avenue. Ela está se movendo.

— Quanto tempo? — Eu pergunto.

— Quatorze minutos.

— Faça isso em oito, — eu ordeno.

— Sim, chefe, — Lou cutuca meu motorista, Stan, e faz sinal para que ele vá mais rápido.

— Johnny, na outra noite, por que você a contratou para ser minha advogada?

Suspirando, ele se volta para mim. — Eu não sabia de nada disso com o Gio. Eu lhe garanto.

— Eu sei disso. Mas por quê?

— Você está obcecado por aquela garota desde a noite dos assassinatos.

— Eu dificilmente diria 'obcecado'.

— Eu diria. Pelo amor de Deus, Vin, você fala sobre ela diariamente.

— É porque eu sou responsável pela morte do irmão dela.

— Não, você não é. Gio é. Além de ser responsável pela morte de nossos pais. — Ele olha para mim. — Você não entende o que está sentindo aqui?

— Ódio por Gio. Raiva. Preocupação com Eleni.

— Porque você está apaixonado por ela.

— Não consigo amar ninguém.

— Por que não?

— Porque quem iria querer me amar, Johnny? Hein? Quem? Não ela, uma mulher linda e brilhante. E o que eu poderia lhe oferecer? Uma vida inteira de miséria? Por permitir que a pessoa que ela mais amou na vida tenha morrido em minhas mãos?

— Você não saberá a menos que tente.

— Eu tentei, está bem? — Eu me arrebento. De repente, a traseira do carro parece pequena demais para me conter.

— E?

— E nada. Ela me rejeitou. Só queria estar comigo, para que eu pudesse ajudá-la a esquecer sua dor.

— Então você é a pessoa a quem ela recorre quando está sofrendo?

— Cale a boca e se concentre, — vocifero. A ideia de Eleni significar algo para mim é muito difícil de aceitar. Lutar por uma garota porque ela é uma vítima é uma coisa, lutar pela mulher que eu amo é... perigoso. Vou direto ao assunto. — Você e eu vamos pela entrada dos fundos, onde costumávamos brincar quando

crianças, e deixaremos os rapazes entrarem pela porta da frente. Não imagino que Gio tenha tantos homens assim, mas com ele nunca se sabe. Ele é muito imprevisível e, se ele tem a informação de que Nick Moralis é corrupto, algo me diz que Gio está envolvido com os gregos e a família Drakos.

— Tem mais, Vincent. — Johnny suspira.

— Cristo, e agora? — Meu coração está batendo no peito, e essa é uma sensação que não me agrada muito.

— Temos motivos para acreditar que você foi pego por essa acusação de assassinato por causa de Gio. Ele subornou três de nossos homens na doca do Lower West Side e, quando o quarto não quis, Gio o matou. Depois, ele fez com que um dos caras dissesse que tinha visto você lá.

— E você só está me contando agora?

— Acabei de descobrir há algumas horas. Estou cuidando disso.

— Por que os gregos de repente querem as docas?

— Eles sempre as quiseram.

Eu balanço a cabeça. — Não... suas importações de drogas estão prosperando. Essa deve ser uma maneira de eles importarem diretamente da América do Sul. Cristo. — Segurando minha cabeça com as mãos, olho pela janela enquanto as decorações festivas do feriado dão lugar a essa área específica de prédios destruídos e armazéns antigos que, de alguma forma, evitaram a gentrificação. — O negócio das drogas é o único lugar para onde eu nunca quis arrastar a família.

— Eu sei.

— E agora, Gio está nos levando diretamente para o seu mundo. — Fico olhando para fora da janela e levo um momento para formar corretamente minhas próximas palavras: — Gio precisa ser detido, Johnny. Por qualquer meio necessário.

— Entendo, — sussurra Johnny.

Dezoito

Eleni

— Gio... — Mantenho minha voz o mais calma possível. Se eu começar a gritar, ele certamente colocará a mordaça de volta. Ele só a tirou porque me ouviu tossir e, se eu morrer, ele perderá sua vantagem. E de que adiantaria gritar? Em um armazém abandonado nessa parte degradada da cidade, não há ninguém por perto, ninguém para me ouvir.

Presos atrás de mim, meus braços doem e meus pulsos ardem por causa da corda, mas não lhe darei a satisfação de saber que está me machucando.

Fecho os olhos e repito um mantra várias vezes em minha cabeça. Sou uma excelente negociadora. Tenho as habilidades necessárias para sair dessa. Eu sobreviverei a isso. Não importa o que seja necessário. Devo a Nick o fato de continuar viva. Foi trágico que um de nós tenha morrido nas mãos de Gio DeSantis, mas não vou deixar que sejamos os dois. Não darei esse poder a Gio DeSantis.

Sua arma está sacada enquanto ele vai e volta da janela para a porta, ouvindo. As janelas estão cobertas por um material que parece ser uma cortina grossa. Lá fora, é uma noite escura e úmida de dezembro, mas o depósito é pouco iluminado por algumas lâmpadas penduradas no teto. Respirando fundo, continuo: — Gio, por favor. Gostaria de falar com você.

Ele me olha de relance e retoma seu ritmo frenético. Estamos apenas nós dois aqui, mas ele tem dois homens lá embaixo na porta da frente. A maneira como Vincent entraria... se Vincent tivesse algum interesse em me salvar.

— Gio?

— Não me obrigue a amordaçá-la novamente, — ele esbraveja.

— Tenho uma proposta para você. E você sabe que pode confiar em mim.

— Por que eu confiaria em você?

— Porque eu guardei seu segredo por cinco anos. Cinco anos. E continuarei a guardá-lo. — Em silêncio, rezo para que Gio não saiba que contei a verdade a Vincent. — Eu posso ajudá-lo, Gio.

Com um ar de zombaria, ele para e me olha de cima a baixo. — Como você pode me ajudar?

— Eu entendo como é estar do lado de fora da família, mesmo quando você é o único que sabe o que está acontecendo. O único que tem a visão para ver o que essa família poderia ser.

— Você não sabe nada sobre mim e sobre o que está acontecendo.

— Não? Sei que você é mais velho que Vincent e, de alguma forma, Vincent se tornou Don e nomeou Johnny seu conselheiro.

— E daí?

— E daí? Então você deveria estar comandando a família.

— Cale a boca. Você não tem ideia do que está falando.

— Mas eu sei. Você sabe sobre o envolvimento do meu pai com a família Drakos. — As mentiras simplesmente caem da minha língua. — Você acha que eu não ouvi falar disso? Todas aquelas noites em que ele chegava bêbado em casa?

Desde que ele foi retirado da batida e recebeu um trabalho de escritório, ele tem estado tão irritado. Ele me conta coisas. Mesmo que não perceba que as está dizendo.

— Como o quê?

— Como o fato de os gregos estarem se tornando mais poderosos do que os italianos. — Eu procuro em meu cérebro qualquer fato que eu possa fazer parecer crível. *Pense, Eleni, pense... As docas.* Vincent foi preso por um assassinato nas docas. — E como os gregos estão tomando conta das docas. — Prendendo a respiração, eu espero.

— Ele disse isso?

Acenando com a cabeça, expiro lentamente.

— Diabos me levem. Eu disse a eles, disse a Spyros, disse a eles que poderiam facilmente controlar as docas se Vincent estivesse fora do caminho.

Acenando com a cabeça, engulo um nó na garganta, tentando acalmar o terror em minhas entranhas. Esse homem matou meu irmão e talvez seus próprios pais. Não há dúvida de que ele também mataria seus irmãos.

— Seu pai, Eleni. Ele tem sido um problema para mim.

— Por quê?

— A noite. Aquela noite do Massacre na Metropolitan...

Eu me encolho com o nome.

— Ele deveria olhar para o outro lado.

— Ele não olhou?

— Olhou. Mas ele também deixou que alguns dos caras que chamamos fossem pegos em algumas acusações falsas de tráfico de drogas. Isso nos deixou na

mão. Se não fosse por ele, a noite teria sido muito mais limpa. Ele é a razão pela qual seu irmão está morto.

— Eu...

— Na verdade... — Ele se aproxima de mim e me domina. — Você é a razão pela qual ele está morto.

Uma gota de suor escorre de sua testa para o meu suéter, o que me faz tremer. — O quê?

— Você, Eleni.

Minhas lentes de contato estão tão secas que quase fico grata pelas lágrimas que ameaçam meus olhos. — O que está dizendo? Qual é a minha culpa?

— A arma estava apontada para Vincent. Eu tinha um tiro certeiro. Era eu quem deveria ser o Don, não ele.

— E quanto a Johnny? Ele é o mais velho.

— Johnny não faria mal a uma mosca. Ele não pode ser o Don. Era uma briga entre os alfas. — Ele se inclina para mais perto e seu olhar desce para meus seios e volta para meus olhos. Ondas de náusea apertam meu estômago.

— Então você ia matar Vincent, fazer com que parecesse um golpe dos gregos, e então você se tornaria Don.

— Exatamente. Mas então você, pequena e observadora Eleni Moralis, decidiu me identificar exatamente quando apontei a arma para Vincent.

— Então você...

— Apontei a arma para você. Mas, com o caos, errei e acertei seu irmão. Uma baixa necessária. Mas se você tivesse deixado sua linda boquinha fechada... —

Estendendo a mão, seu dedo traça a linha da minha mandíbula e, demorando-se no meu queixo, sobe até à minha boca. Ele passa o dedo em meus lábios.

Mantenha-se firme, Eleni. Com os olhos fechados, eu me forço a ficar quieta e não o mordo. Isso só vai irritá-lo. O nervosismo desce dos meus joelhos trêmulos para os pés e, apesar do fato de os tornozelos estarem amarrados, acidentalmente chuto uma lata velha de alguma coisa que está a meus pés. Ela é tão grande e pesada que mal se move.

— Lábios tão macios. Diga-me, meu irmão já provou esses lábios?

Olho fixamente em seus olhos.

— Ou que tal estes? — Ele arrasta o dedo pela minha garganta e se detém na gola do meu suéter. — Ele já mordiscou isso? — Ele move sua mão em direção ao meu peito...

— Não. — Exclamo. — Não me toque.

— Não toco em você? — Ele ri. — Acho que não está em posição de me dizer o que fazer. — Ele se levanta e cruza os braços sobre o peito. — Oh, eu estarei tocando você. O quanto eu quiser, com a frequência que eu quiser. E não há uma maldita coisa que você possa fazer a respeito.

Apertando os olhos com força, afasto meu medo. *Mantenha-o falando, Eleni.* — Talvez. Mas primeiro, Gio, diga-me, você está dizendo que se eu não tivesse falado seu nome, meu irmão ainda estaria vivo?

— Sim.

E lá está ele. O medo que tive durante todo esse tempo. A culpa que carreguei. A culpa é minha. Se eu tivesse mantido minha cabeça baixa, meus olhos fechados e minha boca fechada, Nick ainda poderia estar aqui. *Droga, Eleni.* — Mas,

— argumento, — eu não disse nada. E ele também não teria dito. Você poderia tê-lo deixado viver.

— As coisas acontecem, Eleni. — A luxúria embaça seus olhos.

O olhar de esguelha que ele usa me revira o estômago. — Sim... — Limpando a garganta, continuo: — Acho que algumas coisas são inevitáveis.

Ele inclina a cabeça. — O que significa?

— Morte. Acho que todos nós vamos morrer. Às vezes, as coisas fazem com que isso aconteça em momentos inesperados. Ou de maneiras inesperadas.

— Então você está apenas me perdoando?

— Deus, não. — Eu sibilo para ele, mas mantenho o controle. Tenho que revidar da única maneira que posso. — Mas não culpo você. Eu culpo Vincent.

— Ah? — Um olhar feliz ilumina seu rosto. — E eu pensei que podia sentir o cheiro dele em você.

— Não. — Forçando-me a parecer enojada, continuo: — Eu não o deixaria me tocar.

— Interessante. — Pela expressão presunçosa em seu rosto, posso dizer que ele está gostando dessa pequena vitória. — Por favor, explique melhor.

— Se não fosse por Vincent, estaríamos sentados tão longe do impacto que o pior que teríamos de enfrentar seria sermos empurrados. Mas nós dois estaríamos vivos.

— Então, você está dizendo...

— Se não fosse por aquele idiota arrogante, Vincent DeSantis, meu irmão ainda estaria vivo.

Ele acena com a cabeça.

Respirando fundo, continuo: — Gio, você e eu somos mais parecidos do que você imagina.

— Como assim?

— Nós dois odiamos seu irmão. Nós dois gostaríamos de vê-lo sofrer.

— É por isso que você está aqui, Eleni. Acho que ele está se preocupando demais com você. Acho que ele ficará arrasado quando eu marcar você como minha e depois jogá-la fora.

— Gio. — Respirando fundo, faço com que meu tremor pare. *Seja forte, Eleni. Essa é a única maneira de você sobreviver a isso. Você fugiu de Vincent DeSantis. Ele não virá atrás de você. Faça com que esse homem confie em você.* — Isso não o fará sofrer. Sou descartável para ele, assim como você. Vamos trabalhar juntos.

Zombando, ele se afasta e se vira para trás. — O que você pode me oferecer?

— Meu pai.

— Eu tenho seu pai.

— Não do jeito que eu tenho. Ele fará tudo o que eu lhe pedir. E eu posso oferecer a confiança de Vincent. E, mais ainda, sua culpa.

— O quê?

— Ele faria qualquer coisa para se perdoar por ter matado meu irmão.

— Acho que sim. — Ele me olha com ceticismo. — O que mais?

— Eu estava lá. Posso identificar Vincent como tendo puxado o gatilho que matou meu irmão. Sou advogada. Meu irmão era filho de um policial. As pessoas vão me ouvir sobre isso. Juntos, podemos derrubar Vincent DeSantis.

— Então você e eu... vamos trabalhar juntos?

Meu coração bate forte em meu peito. — Sim. — Mas não parece certo. Algo está errado.

— Então vamos selar isso com um beijo, certo?

Droga. Meus batimentos cardíacos são tão altos que ecoam por todo o meu corpo, sacudindo todos os meus membros. Meu estômago se revira. Preciso sair daqui. — Gio, você é bonito e rico. Tenho certeza de que tem um milhão de mulheres interessadas em você. Por que iria me querer?

— Porque meu irmão quer você, não importa o quanto ele tente negar. E você quer que eu confie em você? Prove o que está dizendo. Beije-me.

— Desamarre-me primeiro.

— Por que eu desamarraria você? Da última vez que esteve perto de mim e suas mãos estavam livres, você me deu um tapa.

Que merda. — Porque você disse que eu matei meu irmão para continuar viva. Você me machucou e eu queria machucá-lo.

— Não machucou. Quase não senti.

— Eu sei. É por isso que você precisa me desamarrar. Como eu poderia machucá-lo? Não sou tão alta, tão forte ou tão rápida. Se você me quer, não faça isso enquanto eu for uma vítima. — Baixando os olhos e fazendo o papel de menina estúpida e insípida que todos parecem gostar, murmuro: — Deixe-me mostrar que quero ficar com você.

— Você quer Vincent.

— Então, por que fiquei olhando para você a noite toda na ópera?

— Por que estava com Vincent?

— Porque meu irmão queria sentar-se na plateia, e você não pediu.

Uma centelha de algo passa por seus olhos malignos. — Está bem. Beije-me para provar que me quer.

Respiro fundo e fortaleço meus nervos. É melhor do que ser morta. E essas parecem ser minhas duas únicas opções. — Tudo bem.

Sorrindo, ele se aproxima de mim e se inclina para baixo, perto de mim. Estendendo a mão, ele coloca a mão na parte de trás da minha cabeça e a força para trás com um puxão.

Olho em seus olhos frios e duros e o terror me invade. *Lute contra seu medo, Eleni! Lute contra ele.*

Ele aproxima seu rosto do meu e, lenta e deliberadamente, lambe meus lábios. *Por favor, não deixe que ele me tire a roupa... rezo*, lembrando-me do sutiã e da calcinha rasgada deixados no chão do quarto de Vincent. Engolindo com dificuldade, estou desesperada para ter minhas mãos livres, para que eu possa empurrá-lo para longe. Mas não... preciso fazer isso.

Ele separa meus lábios e força sua língua para dentro.

Isso não é um beijo, é uma reivindicação de território.

Ele se afasta. — Você não está me beijando, Eleni. Como posso saber se está falando sério?

— Você não me deu a chance... — sussurro.

Sorrindo, ele se fixa novamente em minha boca.

Como posso fazer isso? Fingindo que estou em outro lugar. Em qualquer outro lugar. Penso em Vincent. Em suas mãos fortes em meu rosto, em sua força e vigor, e mesmo quando eu lhe dizia para não ter cuidado, como ele me tratava como se eu fosse feita de porcelana preciosa que ele tinha pavor de quebrar. Como eu podia

sentir, apesar dos jogos de controle que fazíamos, que ele sentia mais por mim do que jamais admitiria.

Assim como eu nunca admitiria.

Reunindo toda a minha coragem, beijo Gio com o máximo de paixão falsa que consigo reunir, enquanto sua língua dança sobre a minha. Desesperada para afastá-lo, luto contra minhas restrições, mas elas só se tornam mais fortes.

Por que isso está acontecendo? Não, não há tempo para fraqueza. Isso é sobrevivência.

Quando ele se inclina ainda mais sobre mim, eu fecho os olhos. Ele paira com o peito na altura dos meus olhos, e eu inalo o aroma repulsivo de odor corporal e algo que cheira a metal. Seus braços estão atrás de mim, fazendo algo...

Plop! A corda que segurava minhas mãos cai no chão. Por um momento, fico paralisada, imaginando se devo ficar assim, se foi tudo um erro, mas antes que eu possa pensar, ele está ajoelhado a meus pés, desamarrando meus tornozelos.

Pense, Eleni, pense...

Não posso correr mais do que ele, e não teria força para estrangulá-lo, mas...

Vislumbro a grande lata de óleo na pilha de lixo a meus pés. Um gancho de direita e eu poderia derrubá-lo por tempo suficiente para correr.

Dezenove

Vincent

Ofegantes, Johnny e eu subimos as escadas, dois degraus de cada vez, com nossas armas na mão. Graças a Deus, nós dois conhecemos esse prédio antigo e ainda nos lembramos de onde cada degrau range. Pulando algumas tábuas e nos agarrando à parede, seguimos um padrão instintivo enraizado em nós desde quando éramos crianças e nos esgueirávamos até aqui para tentar ouvir os negócios de nosso pai sem sermos pegos. Era quando tudo isso era divertido.

Mas agora...

Olhando para cima, fico grato por as câmeras terem desaparecido há muito tempo. Não precisamos delas, pois o único motivo pelo qual possuímos o prédio é para abatimento de impostos e para ter um endereço físico para algumas de nossas operações. Mantemos a eletricidade ligada, para que tudo pareça legítimo.

Prendendo a respiração, chegamos à porta dos fundos em tempo recorde. Ficamos nas sombras, mas, felizmente, Gio não é esperto o suficiente para ter um guarda na porta. Ou talvez ele não saiba sobre essa entrada escondida. Ele nunca esteve conosco quando brincávamos aqui quando éramos crianças.

Colocando meu ombro na porta, encosto a cabeça no aço frio e escuto. Droga, não estou ouvindo nada. Aceno com a cabeça para Johnny.

Ele se junta a mim, espelhando minha posição no lado oposto. Balança a cabeça.

O que quer que esteja acontecendo lá dentro é silencioso. Muito silencioso.

Que porra ele está fazendo com ela? O suor escorre pelas minhas costas e eu respiro fundo, me acalmando ao me lembrar da calcinha rasgada dela no chão do meu quarto.

Gio não poderia deixar de despi-la para intimidá-la.

Enfio o punho na lateral da boca só para não rugir. Que Deus me ajude, se ele sequer respirar sobre ela... sua morte será ainda mais lenta e dolorosa. E eu vou gostar ainda mais.

Não, tenho que me manter firme. O único apoio que tenho no momento é Johnny, e só Deus sabe quantos homens Gio tem.

Creeaak!

É o degrau que Johnny e eu sabíamos que deveria ser evitado. Eu me viro e aponto minha arma para alguém que está subindo a escada...

— Chefe! — É Lou.

— Quieto, — minha respiração é apressada e urgente quando falo, — Quantos homens você tem?

— Somos um total de dez. Alguns caras entraram pela porta da frente, estão aguardando ordens.

Aguardando ordens. Normalmente, eu entraria com as armas em punho, sem me importar com quem atingiria. Somos todos homens adultos, todos fizemos a escolha de estar aqui.

Mas quando há uma situação de reféns, tudo é diferente. E quando o refém é Eleni...

Foda-se.

— A porta da frente significa que eles alertarão Gio.

CRASH!

— O que é isso? — Meu coração bate tão rápido e com tanta força que mal consigo controlá-lo.

— Ughhhhh!

Thump...

— Que diabos foi isso? — Johnny me encara.

— Gio, não. Não. Eu sinto muito...

— É ela. — Sem esperar, sem pensar, chuto a porta e corro para dentro, com a arma sacada.

Bam! Pum! BAM!

Cinco caras que não conheço estão de frente para mim com as armas apontadas, e Eleni está deitada no chão, afastando-se de Gio o mais discretamente possível. Gio está segurando o nariz que sangra. Meus homens se posicionaram atrás de mim em um semicírculo, com as armas sacadas.

— Desista, Gio. Eu sei. Eu sei de tudo.

— Como você sabia que estávamos aqui?

— A foto que você enviou, — responde Johnny. Ele aponta sua arma para os homens de Gio. — Você foi estúpido o suficiente para deixar uma lata velha de óleo de trufa nela. Não usamos esse rótulo há anos. Sabíamos exatamente onde você estava.

— Ah, sim. — Gio ri, deixando sua própria arma balançar na ponta dos dedos. — O grande óleo de trufas da família DeSantis nunca foi meu amigo, não é?

— Isso é coisa sua, Gio. De ninguém mais.

— Por favor, — ele rebate. — Como era ser o favorito de papai?

— Eu não saberia dizer.

— Sério? Então por que você é o Don?

— Porque você é muito ruim.

Ele sorri. — Talvez. Mas e o Gandhi ali? — Ele acena com a cabeça para Johnny. — Ele é o mais velho, você sabe.

Um silêncio desconfortável se abate sobre nós. Não há motivo para Johnny não ser o chefe de nossa família. Bem, exceto um segredo que nosso pai levou para o túmulo. Mas Johnny não deseja isso, de qualquer forma.

— Está vendo? — Gio se aproxima de nós. — Você não tem um motivo. Então, que tal, John? Por que você não se junta a mim no lado negro? Juntos, podemos nos levantar contra o filho favorito e reformularemos esta família para que ela seja exatamente como queremos.

O suor escorre pela minha espinha, enquanto eu mentalmente peço a Eleni que se arraste lentamente atrás de mim. — Gio, chame seus homens.

— Por que eu faria isso?

— Porque nada de bom pode resultar disso. Desista, Gio. Há uma dúzia de nós, e apenas alguns de você.

Gio acena com a cabeça e balança seu peso, inquieto. — E depois?

— E depois eu lhe dou uma surra, mas deixo você viver. — Mentir é tão fácil para mim que às vezes me pergunto se sei o que é a verdade.

— Não parece ser um negócio que me agrade.

— A escolha é sua, mas só vou pedir uma vez. — Posso sentir o grupo de meus homens avançando atrás de mim. Há mais alguns do lado de fora da porta da frente. — Faça a coisa certa aqui. Deixe-a ir embora. Ela não tem nada a ver com isso.

— Exceto que ela pode me identificar como um dos atiradores do Massacre da Metropolitan.

Mais alto, eu o encaro com os olhos arregalados. — Você não era apenas um dos atiradores, você *era o* atirador. O atirador que matou Nick Moralis Jr. e nossos pais.

Virando a cabeça exageradamente, ele faz beicinho enquanto olha para Eleni. — E eu que pensava que estávamos nos dando tão bem. Com toda aquela conversa sobre estar comigo em vez de com ele. E a maneira como você me beijou lá atrás. Bem, Eleni Moralis, acho que você pode ter escolhido a profissão errada. Se estava fingindo, merecia um Oscar.

Vislumbrando Eleni pelo canto do olho, vejo a cor se esvair de seu rosto e suas bochechas corarem. A raiva me invade como um incêndio, e o calor irradia de mim como se eu fosse um maldito inferno. Respirações superficiais entram e saem de meu peito, e tudo o que eu quero é matá-lo.

Ele a tocou. Ele a está ameaçando.

Essa não é a nossa maneira. Isso não segue nosso código. Ele não tem honra. Não machucamos mulheres. Não as ameaçamos. E nunca nos impomos a elas.

Olhando para meu irmão patife, o veneno enche minha boca. Propositadamente, inclino as pernas para baixo, pressionando meus pés no chão, para que eu permaneça parado e não arranque sua cabeça com minhas próprias mãos.

Ao ver seu corpo trêmulo encolhido no chão, fica claro que ela está apavorada. Ela não precisa ver isso. Preciso me manter firme.

Para o bem dela.

— Gio. Você tem uma escolha. Largue a arma e chame seus homens, e você e eu resolveremos isso entre nós, onde você terá a chance de desferir alguns golpes antes que eu o esmague. Ou então, morrerá com um tiro. Aqui e agora. — Tento não vislumbrar a expressão de terror no rosto de Eleni. — Gio, qual é a sua resposta?

Antes que eu possa terminar, ele está levantando a mão e seus homens abrem fogo.

Bum! Bum!

— Ahhh! — As mãos de Eleni estão sobre suas orelhas e ela está se encolhendo, correndo para o canto. — Vincent!

Meu nome é um lamento sobre o som das balas voando erraticamente, mas tudo o que consigo ver e ouvir é Eleni. Corro até ela, cubro-a e a arrasto em direção à porta. Johnny me cobre, mas estou tão concentrado em colocar Eleni a salvo e fora da linha de fogo que não vejo o que está acontecendo atrás de mim.

Bum! Bum!

Tiros disparados. Homens abatidos. Homens com esposas e famílias. Com mães, pais e... filhos.

— Ahhhh!

O som da agonia. Alguém foi atingido, mas não está morto. Colocando Eleni de pé no corredor, volto correndo para dentro. Os homens de Gio foram abatidos. Mortos. Que se dane essa carnificina, mas é o preço que pagamos pela vida que levamos. E o que é essa vida, exatamente?

Segurando Eleni em minha cama no início da noite, tive um lampejo de algo mais. Sim, eu queria conquistá-la e torná-la minha... mas havia algo mais. Algo que começou a se formar naquela noite, exatamente cinco anos atrás. Esta noite, assim como naquela noite, eu queria protegê-la e, apesar de sua resistência ao amor, queria fazer amor com ela. Eu queria amá-la.

Eu quero amá-la.

Fazendo uma verificação mental, vejo que meus homens estão todos de pé, mas Lou foi baleado e Gio segura a arma fumegante. *De novo.* Dois outros homens estão cuidando de seu ferimento.

— Tirem-no daqui, — esbravejei, apontando para a porta com o queixo. — Dê um jeito nisso.

— Desculpe, chefe, — Lou fala entre dentes trêmulos enquanto dois dos meus homens o carregam para fora. Ele será tratado por um médico que está de prontidão. Ele ficará bem.

Isso deixa outro grupo de meus homens esperando.

— Aguardem, — eu ordeno, apontando para os corpos no chão. — Cuidem disso depois.

— Sim, chefe, — murmuram juntos, correndo para o corredor da frente.

Voltando-me para Johnny, aponto para a porta dos fundos. — Espere com a Eleni.

Ele começa a se movimentar, mas fica parado. Johnny nunca desobedece a uma ordem direta. — Vincent, — ele fala olhando para o chão. — Ele é nosso irmão.

— É mesmo? — pergunto, olhando para Gio.

Johnny vai esperar com Eleni, e isso deixa Gio e eu em um impasse.

— Largue sua arma, Gio.

— Por que eu deveria?

— Porque você é um péssimo atirador. Sempre foi. Você errou o tiro à queima-roupa de Eleni Moralis e, em vez disso, matou o irmão dela. E agora, você levantará sua arma para atirar em mim, e eu me moverei e mandarei uma bala em seu coração antes mesmo de você disparar um único tiro. Depois, caminharei até seu cadáver e enfiarei outra bala em seu crânio, só para ver seu sangue e miolos se espalharem pelo chão. Depois, irei para casa com Eleni e o deixarei aqui para ser comido por ratos grandes como cães. A menos que seja assim que você queira que isso aconteça, largue a porra da arma agora.

Segurando a arma e levantando as duas mãos, ele mantém contato visual enquanto abaixa a arma lentamente. Ele se levanta novamente. — E agora?

— E agora? — Mantenho minha arma apontada para ele. — Johnny, — eu grito. — Traga-a para dentro. — Sem perder o contato visual com Gio, sinto Johnny e Eleni entrando na sala.

Ela é cautelosa, como qualquer pessoa sã seria.

Não, eu não posso vê-la, mas posso senti-la.

— Vincent?

Sua voz suave está em minhas entranhas. — Eleni, o que ele fez com você?

— Não, Vincent, por favor. Eu só quero ir para casa.

— E iremos. Mas não até que eu tenha terminado com ele. Então, vou lhe perguntar novamente: o que ele fez?

— O que você quer que eu diga, Vincent?

Ela me pega desprevenido, e eu me viro para olhá-la. — A verdade.

Ao olhar para mim, seus lindos olhos verdes se arregalam e ela morde a parte interna do lábio. Ela é brilhante e capaz, mas quando está assim, tão assustada e vulnerável, tudo o que eu quero é cuidar dela. — Por favor. — Suavizo minha voz.

— Vincent, o que você espera que eu faça aqui? Não sou um prêmio em uma feira rural pelo qual você está competindo. Sou uma mulher. Uma mulher inteligente e funcional. Você sabe que ele matou meu irmão, o que mais importa? Isso é alguma competição entre vocês dois? — Ela me olha fixamente por minutos. — Ele me pegou na rua, me amarrou e amordaçou enquanto me mantinha no banco de trás do carro. Depois, dois de seus capagans idiotas me trouxeram até aqui. Eles me amarraram na cadeira e foi quando Gio lhe enviou a foto.

— E...? — Prendo a respiração enquanto pequenas gotas de suor se formam em meu lábio.

— E o quê? Você não é meu dono, Vincent. Não pode me reivindicar com uma bandeira e uma declaração de propriedade.

— Não é isso que quero dizer, Eleni. Mas ele precisa pagar pelo que fez.

— Então deixe que a lei cuide disso.

— E por que você não deixou que a lei cuidasse disso há cinco anos? Porque você não pode confiar na lei com uma escória como ele e sabe disso. — Pego a mão dela enquanto Johnny mantém sua arma apontada para Gio. — Você é advogada. Seu pai é policial. Diga-me, por que não entregou Gio e confiou no sistema?

— Eu... — Ela baixa o olhar para o chão. Olhando em volta para todos os corpos e sangue, ela fica pálida. — Acho que vou vomitar. — Cobrindo a boca com a mão, ela corre.

— Vá com ela, Johnny. Leve-a para minha casa. Mantenha-a lá até eu voltar.

Johnny corre atrás dela, enquanto eu me viro para Gio.

Ele dá um passo para trás. — Vincent. Eu não sabia que ela era sua.

— Besteira. Essa é a razão pela qual você a raptou.

— Eu não fiz nada. Você precisa acreditar em mim!

— Por que eu deveria acreditar em algo que você diz?

— Porque somos irmãos.

— Somos apenas irmãos, Gio, quando é conveniente para você. E a família não significa nada para você. Admita que foi você quem matou nossos pais.

— Está bem. — Ele dá de ombros com seu jeito envergonhado. — Admito. O que isso importa? Nosso pai era um idiota. Nos dava surras.

— Sim, mas nossa mãe era uma boa mulher.

— Risco ocupacional.

— Ela não estava do lado de dentro.

— Ela era casada com o chefe. Quão mais 'dentro' ela poderia ser? — Ele abaixa o queixo e tenta sorrir para mim.

Estreito os olhos para ele. — Nossa mãe era inocente.

Ele se afasta. — Você sempre foi um filhinho da mamãe.

— E você sempre foi um babaca. O que fez com a Eleni esta noite?

— Assustei-a um pouco. A deixei um pouco mais dura.

— E...?

— Ela ainda está intacta, se é com isso que você está tão preocupado.

Atacando-o, agarro Gio pelo pescoço magro e o levanto no ar. Com um grito primitivo que ecoa por todo o armazém abandonado, corro para a frente, prendo-o na parede e o aperto. — O que fez com ela?

Os músculos de seu pescoço se projetam sob meus dedos, e sua jugular lateja sob meu polegar. — Ophf! — Sua pele está vermelha e brilhante; ele está ofegante. Bate em minhas mãos.

Soltando-o, ele cai no chão e se inclina para a frente, esfregando o pescoço. — Eu a beijei, está bem?

— Não, não está bem. — Balançando, acerto um soco em sua mandíbula.

Ele cai de costas contra a parede. Ele é tão frágil comparado a mim que não é uma luta justa. Devem ser todas as drogas que está usando.

Faço uma pausa para tirar meu casaco e, quando ele está de pé novamente, dou um soco em seu estômago.

— Vincent.

— O quê?

— Tenha misericórdia.

— Como você teve? Com nossos pais? — Eu acerto um gancho em sua bochecha. — Ou com Nick Moralis? — Um gancho de esquerda encontra o outro. — E Eleni? — Com um soco duplo, eu o derrubo.

Ele está se contorcendo no chão, preso entre dois cadáveres.

— E quanto a esses caras, hein? Você foi até aos gregos, Gio. Os malditos gregos. — Eu o chuto no estômago várias vezes, com a certeza de que estou quebrando costelas.

— Vincent, por favor... — Cuspe e sangue saem de sua boca.

— Não sei o que estava pensando, Gio. — *Slam!* Eu o chuto novamente. — Como você esperava se safar dessa.

— Golpes acontecem o tempo todo. — Ele está dobrado e ofegante. A vida escorrega de seu corpo como água escorrendo por um funil.

— Então, se você ia me matar naquela noite, por que não tentou novamente nos últimos cinco anos?

— Você se tornou poderoso demais. E intocável. Então, pensei que poderia simplesmente derrubá-lo...

— ...incriminando-me por uma falsa acusação de assassinato? Gio, como você é estúpido?

— N-não é estúpido.

Slam! Slam! Levantando os braços e usando toda a minha força, eu o chuto repetidamente, cravando a ponta do meu sapato pontudo em seu fígado, e depois faço isso novamente até ter certeza de que rompi seu baço.

Ele rola para a frente, de barriga para baixo, imóvel.

Eu quero ser o homem que mata seu irmão?

Por que estou me importando? Levanto meu pé e dou outro golpe impiedoso em suas costelas.

— Vincent?

Eu me viro.

Johnny está na entrada dos fundos.

— Por que não levou Eleni para casa?

— Ele está morto?

Fechando os olhos, eu expiro. — Por que não levou Eleni para casa?

— Ela está se recusando a entrar no carro. Tenho alguns homens com ela, mas ela está esperando por você na rua. Considerando tudo, não achei que você quisesse que a forçássemos.

— Não, não. Você tem razão.

— Ela está esperando por você, Vincent.

Essa é a maneira de Johnny me dizer para ir embora. Dou uma olhada para Gio.

Mais sangue escorre de sua boca aberta, e suas costas estão completamente imóveis.

Eu o matei.

Eu me tornei um homem que mata seu irmão.

Mas eu fiz isso para salvá-la. Ele tentaria novamente, para atingi-la.

Metodicamente, vou até onde deixei cair minha jaqueta, pego-a e a coloco.

— Vai a algum lugar, irmãozinho?

Ao me virar, vejo Gio encolhido com uma arma em sua mão trêmula. Sim, ele foi espancado como um cachorro, mas ficou abaixado... a quietude... Ele estava fingindo.

Gio sorri.

Eu me recuso a levantar as mãos e implorar por misericórdia dele. Em vez disso...

Bum!

Gio aperta o lado esquerdo do peito e se encolhe. O sangue jorra sobre a madeira velha e manchada do chão do armazém.

Meu coração dispara e eu me viro para olhar para Johnny.

Ele está baixando a arma. — Ele ia matar você, — sussurra Johnny.

— Sim. — Balançando a cabeça, luto para ter clareza. A primeira morte de Johnny, e foi para me salvar. Não consigo imaginar o que ele deve estar sentindo agora.

Há um milhão de coisas que eu deveria dizer-lhe. Em vez disso, vocifero: — Vamos, — e juntos descemos as escadas dos fundos e chegamos até Eleni.

Vinte

Eleni

— Oh, meu Deus... — Colocando uma mão na boca, empurro para baixo outra onda de náusea quando vejo a jaqueta e a calça de Vincent salpicadas de sangue.

Quantas vezes vou vomitar perto desse homem?

Tremendo, eu me enrolo no cobertor que alguém trouxe do carro. Não consigo nem imaginar qual seria a finalidade desse cobertor, mas aposto que não era para piqueniques no parque. Está muito frio nessa rua abandonada no meio do nada, mas não posso voltar para o carro. Preciso de ar. Preciso caminhar.

— Eleni. — Ele se aproxima com cautela.

Começa a tirar o paletó para me dar, mas Johnny bate em seu braço e aponta para o respingo de sangue. Johnny tira o casaco e o entrega a Vincent, que o coloca em volta dos meus ombros.

— Obrigada, — sussurro, acenando com a cabeça para os dois homens. — Você... — Olho para Johnny enquanto falo. — Você sabe que tipo de envolvimento meu pai tem com os gregos?

Johnny e Vincent trocam olhares.

Vincent acena com a cabeça para mim.

Seu aceno de cabeça me atinge diretamente no âmago e se irradia para baixo.

— Ele não é um jogador da liga principal, mas está na jogada, Eleni... — Johnny parece lamentar genuinamente.

— O que ele tem a ver com a noite do massacre? — Olhando para Vincent, posso ler a dor em seus olhos.

— Ele... — Vincent pega minha mão enquanto fala: — Ele sabia que estava acontecendo. Ele sabia sobre o envolvimento de Gio com os gregos e o golpe. Se Gio conseguisse matar meu pai e a mim, ele seria o Don. Então seu pai...

— ...sabia que isso estava acontecendo e olhou para o outro lado. Só para que ele pudesse ter um acordo com Gio quando Gio se tornasse Don e qualquer fusão que ele tivesse planejado.

— Pelo que podemos dizer, sim, — concorda Johnny.

— Não é muito elegante, não é? — Eu digo.

Vincent inclina a cabeça. — Sinto muito. Nunca é assim neste mundo. É sempre apenas uma pessoa que quer o que a outra tem.

— E meu irmão... — Faço contato visual com cada homem. — ...e sua mãe, morreram por isso. Devido à ganância de outra pessoa.

— Sim. — A voz profunda de Vincent é oca, mas ainda suave. — Eleni, deixe-me levá-la para casa.

Do jeito que ele age, tão carinhoso e gentil, eu nunca imaginaria que, minutos atrás, ele provavelmente estava espancando sem sentido seu próprio irmão. — Ele está morto?

— Gio?

Aceno com a cabeça.

— Os rapazes e eu vamos esperar aqui. — Johnny aponta para a frente de seu carro. — Mas, Vincent, não podemos ficar aqui por muito tempo. Não é seguro.

— Está bem. — Vincent responde a Johnny, mas seu olhar nunca deixa o meu.

— Ele está morto? — Repito minha pergunta, embora saiba a resposta. Já vi esse homem lindo, parecido com um deus romano, diante de mim, espancar outro homem até à morte. Ele não tem respeito pela vida. — Ele está?

— Ele deveria estar, pelo que fez com você.

— E?

— Ele não a incomodará novamente, Eleni. Posso lhe garantir isso.

Então ele está morto. Acenando com a cabeça, tiro a jaqueta de Johnny e a entrego a Vincent.

— O que é isso?

— Por favor, agradeça a Johnny por mim. Vou ficar com o cobertor, se não se importar. — Comecei a subir a rua.

Vincent corre atrás de mim. — Eleni, você não pode simplesmente ir.

— Por que não?

Ele não responde.

— Vincent, há algum motivo?

Ele fica parado.

— Existe?

Olho fixamente em seus olhos, mas não vejo nada. Não, eu não esperava a luxúria que vi no início da noite, mas será que não poderia haver... alguma coisa? Eu poderia ter lidado com o ódio ou até mesmo com uma leve aversão, mas não ver nada... Essa é a pior traição de todas. Desvio o olhar. — Foi o que eu pensei. Então, o que importa se eu for embora e voltar para casa? Estou segura agora, não estou? Pelo menos de Gio. — Graças ao meu pai, nunca estarei completamente segura.

Meus saltos fazem um barulho alto quando ando. Um deles fica preso em uma pedra da antiga rua de paralelepípedos e quase caio, torcendo o tornozelo. — Droga, — me endireitando e tirando o salto, continuo andando.

— Eleni. — Ele coloca a mão em meu braço. — Por favor, pare. Está muito frio aqui fora e você está de salto alto. Deixe-me pelo menos lhe dar uma carona.

Calor, Vincent... Por mais tentador que pareça... há motivos demais para não fazê-lo. — Eu simplesmente não posso, Vincent. Não posso.

— Por que não?

Voltando-me para trás, eu o encaro. — Porque o que acontece quando você me levar para casa? Você me deixa em casa e é... isso?

Seu rosto revela sua surpresa. — Eu sei o que eu disse antes... sobre estar com uma mulher apenas uma noite...

Oh, Deus. Meu estômago se revira novamente de uma forma completamente diferente. — Por favor, pare. — Levanto uma mão. — Acho que não aguento mais.

— O quê?

— Vincent, você acabou de salvar minha vida. Seu trabalho está feito. Estamos quites. Você me salvou em troca da morte de meu irmão. Não me deve mais nada.

— Nunca pensei que estava em dívida com você. Salvar você não foi por causa de seu irmão.

— Então, por que o fez?

— Você preferiria que eu tivesse deixado você?

— Não respondeu à minha pergunta.

— O que quer que eu diga, Eleni?

Quando sua voz é baixa como agora, quando ele se aproxima de mim, quando ocupa todo o ar ao meu redor e me faz sentir segura e protegida...

Uma dor começa no meu âmago e se irradia para as pontas dos meus dedos e para cima, para os meus mamilos, que se enrijecem, penetrando no meu suéter. Ele os olha de relance antes de eu puxar o cobertor ao meu redor. A fome brilha em seus olhos, e meu corpo dói e se move em direção ao dele.

— Eleni... — Estendendo a mão, ele acaricia minha bochecha suavemente com as costas da mão.

Afasto a cabeça. — Nada. Não quero que você diga nada, e não quero nada de você.

— Acho que sim...

A suavidade de sua voz me faz derreter. — E quanto a você, hein? O que você quer? Você só gosta de mulheres uma vez. E é exatamente isso que eu queria.

— Por que fugiu hoje à noite?

— As paredes estavam se fechando à minha volta. Eu tinha que sair.

— Eleni...

Suspirando, deixo escapar tudo. Tudo o que eu estava guardando desta noite e dos últimos cinco anos: — Eu fugi por causa da cicatriz em seu braço. — Aceno com a cabeça para seu braço esquerdo. — Eu me lembrei daquela noite. A pior noite de minha vida. Só de sentir a cicatriz, de vê-la, lembrei-me do tiro. Lembrei-me do sangue. Lembrei-me de estar sentada ao seu lado e do quanto você me irritava e do quanto eu queria odiá-lo, mas, em vez disso, gostei demais de estar ao seu lado... Depois, lembrei-me de Gio se remexendo, das máscaras, do tiroteio e do sangue - o sangue de Nick - e, oh, Deus... — Enrolando-me sobre mim mesma, caio para a frente, segurando meu estômago.

Ele me agarra antes que eu caia no chão e me abraça com força em seu peito largo e quente. — Eleni, você precisa deixar isso para lá.

— Como? — Eu me abaixei em seu casaco. — Se eu não tivesse sido tão insistente, ele nunca teria ido comigo. Por que eu não poderia ter sido uma garota normal? Por que nunca poderei ser normal?

— Do que está falando?

Ao me afastar, olho para ele. — Eu poderia ter estado com algum garoto idiota em uma festa naquela noite e Nick teria ido junto, e então nós dois estaríamos seguros. Ou, tão seguros quanto as malditas conexões comerciais do meu pai nos permitiam estar.

— É isso que está acontecendo? Você acha que essa noite é culpa sua?

— Claro que a culpa é minha! — Eu me afasto alguns metros e volto para trás. — Se não tivéssemos ido, se eu tivesse dito não a sentar com você, se eu tivesse me lembrado de quem eu sou - uma garota bastante inteligente, mas completamente mediana, do Queens - e não quem eu queria ser naquela noite - nós teríamos ficado sentados na arquibancada e Nick ainda estaria vivo. — Inspiro um enorme fôlego e

tusso. — Se eu tivesse dado ouvidos ao meu instinto. Eu sabia que havia algo errado. Mas, em vez disso, me entreguei ao conto de fadas e fingi que era pelo meu irmão.

— Foi por ele.

— Talvez, em parte. Mas a outra parte foi por mim. Eu era uma universitária de 22 anos com óculos e roupas baratas, e você era esse homem lindo e sofisticado com o mundo a seus pés, e eu me apaixonei. E, por causa disso, meu irmão está morto. A culpa é minha.

— Não é sua culpa, Eleni.

— Claro que é!

— A culpa não é sua, Eleni. Você estava vivendo sua vida. Você teve uma chance. Tentou algo. Você não sabia o que ia acontecer. Diabos, eu não sabia. E eu deveria saber.

— Eu o culpei por cinco anos.

— Sim.

— Mas a culpa não é sua.

— É mais minha do que sua.

— Não. — Sacudindo a cabeça, é como se milhares de quilos estivessem caindo de meus ombros, e eu caio para a frente. — Eu não sou uma garotinha estúpida e fraca, mas eu estava com tanta raiva por você não ter lidado com isso. Por não ter conseguido fazer tudo desaparecer.

— Eu deveria tê-lo feito.

Balançando a cabeça, sussurro: — Eu sei. — Olho fixamente em seus olhos. — Você acha que eu não sei, mas eu sei. Você se jogou em cima de mim. Por quê?

— Foi um instinto. Porque meu trabalho é proteger você.

— Me proteger? Por quê?

Balançando a cabeça, ele segura a parte de trás do pescoço com a mão. — Não é sua culpa, Eleni.

— Tem que ser, — sussurro, protestando.

— Não é sua culpa. Você não é responsável pela morte de seu irmão.

— Eu sou... — Abaixando o queixo até ao peito, meu corpo treme enquanto ondas de culpa passam por mim e saem. Olhando novamente em seus olhos, vejo algo diferente desta vez. Ele se importa.

— Eleni Moralis, você não é culpada pela morte de seu irmão.

— Não sou?

— Não. E está na hora de deixá-lo ir. Apegue-se à memória dele, Eleni. Não à culpa. Você acha que Nick gostaria que você desistisse de sua vida assim?

— Eu não desisti. Terminei a faculdade e o curso de direito...

— Porque você é inteligente e quase se matará para conseguir qualquer coisa que tenha em mente. Francamente, você preferiria se matar. Acha que isso diminuirá sua culpa. Mas será que vai?

— Não.

— Porque se matar não é a resposta. Viver é a melhor maneira de honrarmos a memória de Nick.

Nós? Foi tão rápido, mas ele disse ‘nós’?

— Se a situação se invertesse, você gostaria que Nick passasse todos os dias sobrecarregado pela culpa?

— Não, claro que não. — Limpo meu nariz frio, fungando.

— Então, por que acha que é isso que ele quer?

— Não é. Eu só...

— O quê?

— Eu não sei como continuar. — Meus olhos dançam sobre os dele, e ele está atento a cada palavra minha. — Até esta noite, quando fui ao seu apartamento, eu não sabia como sentir qualquer coisa além de mágoa e raiva.

— E?

É como se todo o seu ser me envolvesse e me protegesse. — E pela primeira vez em cinco anos eu senti...

— O quê?

— Paixão. E desejo. E vontade.

— O que mais? — Ele está me pedindo para dizer algo.

— O que mais existe?

— Você não respondeu à minha pergunta, Eleni, e eu não sou um homem que deixa as coisas passarem. Se eu quiser saber algo, eu descubro. E sempre consigo o que quero.

Fechando os olhos, inclino-me para ele. *Sim, Vincent, faça de mim o que quiser*. Eu deveria odiá-lo. Eu deveria odiar tudo o que acabei de passar por causa dele, mas em algum lugar nas profundezas de minha alma, eu entendo que ele não é o culpado.

Dando um passo à frente, ele está tão perto que nossos corpos estão quase se tocando. Os cristais de ar frio de sua respiração pairam pesadamente no ar entre nós. — O que você quer, Eleni?

— Não posso ter o que quero.

— Talvez possa...

— E o quê? Você e eu podemos ter algum tipo de vida normal juntos?

— Vincent? — Johnny se aproxima, soprando ar em suas mãos em concha para se manter aquecido. — Sinto muito, mas você precisa sair dessa área, agora.

— Sim. — Vincent acena com a cabeça, mas seus olhos permanecem fixos em mim. — Eleni, deixe-me levá-la para casa.

— Não sei se posso fazer isso. Sou advogada. Fiz um juramento de...

— Defender a lei e proteger seus clientes a todo custo.

— Sim. Mas Vincent, o que acabei de ver, como posso não relatar isso? Há homens mortos lá dentro. E eu estava lá... eu testemunhei isso.

— Tecnicamente, eu a retirei da sala antes que você realmente visse alguma coisa.

— Talvez...

— Eleni, por que passou cinco anos sem denunciar Gio?

— Eu não sei.

— Sim, acho que sabe.

— Porque percebi que, se contasse, eu estaria morta.

— Então você não confia muito na lei.

— Mas confio. Confio totalmente nela.

— E depois?

— Então, acho que percebi que, ao descobrir sobre meu pai... há pessoas dos dois lados da lei que fazem o bem e o mal. Não é tão preto e branco como eu pensava.

— Nada nunca é, Eleni. Venha, deixe-me levá-la para casa.

— Eu não quero ir para casa.

— Para minha casa. — A lateral de sua boca se transforma em um sorriso arrogante. — Por favor? — Suas sobrancelhas se erguem e ele estende a mão para mim.

— Você sempre consegue o que quer? — Eu sorrio para ele.

— Não. — Ele é sincero, e sua voz soa triste. — Não, eu não consigo. Eu gostaria que seu irmão estivesse aqui, vivo, com você. Eu gostaria de começar com algo diferente da tragédia nos unindo.

— Há mais do que uma tragédia nos unindo.

— Sim?

Acenando com a cabeça, coloco minha mão na dele e voltamos juntos para o carro.

Vinte e um

Eleni

— O que é isso? — Entrando em seu banheiro principal, mal posso acreditar no que estou vendo - uma banheira oval gigante, cheia de bolhas, e Vincent sentado na borda. Sinto o cheiro do ar. — Isso é lavanda?

— Bolhas de lavanda. — Ele acena com a cabeça.

— Você tem banho de espuma por aí? — Não é possível que esse cara use bolhas, o que só pode significar que é para as mulheres que ele traz aqui. Meu rosto se contrai.

— Não. — Ele dá uma risadinha. — Não há banho de espuma por aí. Pedi a alguém que fosse buscá-lo quando estávamos voltando para casa. E algumas outras coisas que achei que você poderia precisar: produtos de higiene pessoal, uma muda de roupa, roupas íntimas novas. — Um sorriso diabólico se estende por seu rosto.

— Você mandou alguém correr atrás de tudo isso? — Ao ver seu moletom e camiseta limpos, ele parece ter acabado de tomar banho e eliminado todas as evidências da noite. — É bom ser você.

— Neste momento, sim. — Ele estende a mão e coloco a minha nela. Ele me atrai para ele. — Achei que você poderia usar isso.

— Obrigada.

Ele estende a mão e pega meus pulsos, virando-os e examinando-os. — Doem?

— Estão bem, — afasto as mãos e puxo as mangas do meu suéter sobre elas.

— Não faça isso. — Ele balança a cabeça, e sua voz é suave e amorosa.

— O quê?

Ele pega meus pulsos de volta e os esfrega gentilmente. — Esconder coisas de mim.

— Eu não estava. Só estava...

— Protegendo-me. Como tem feito nos últimos cinco anos. Mas agora, acho que é hora de você me deixar fazer o meu trabalho de protegê-la.

Suspirando, desviei o olhar.

— Eleni, o que é?

— Nada. — É claro que não é nada. Mas o que posso dizer-lhe? Que tenho sentimentos por ele? Ele me disse hoje cedo que não tinha tempo para mulheres. Que todas as mulheres com ele tinham que entender que era uma noite e acabou. Acho que essa segunda vez é tecnicamente a mesma noite.

É uma sorte para nós dois.

Além disso... eu nunca poderia realmente viver em seu mundo. Então, hoje à noite, vou adorar a fantasia e, amanhã, voltarei à minha vida de luta pela normalidade.

— Não é nada. Mas você pode me contar depois. Temos a noite toda. — Ele estende a mão para a parte de baixo do meu suéter e o puxa gentilmente para

cima, sobre minha cabeça. Meus seios se projetam para a frente, aliviados por não estarem mais se esfregando no meu suéter de algodão.

— Mmm... — Em voz baixa, ele olha para os meus seios e volta para os meus olhos. — Você é tão linda.

— Na verdade, não, — gemo, embora seu olhar esteja enviando calor diretamente para minha barriga.

— Sim, é. — Ele se ajoelha e abre a braguilha da minha calça jeans. Enfia as mãos no cós e as desliza para baixo, tomando cuidado com meus tornozelos doloridos. Ele desliza o jeans sobre meus pés e para fora do meu corpo.

Nua, eu me arrepio.

— Frio?

— Na verdade, não.

— Vamos lá. Vamos colocá-la na água de qualquer maneira. — Segurando minha mão como se eu fosse uma boneca de porcelana, ele me apoia enquanto eu entro com um pé e depois com o outro na água morna.

— Ooo... — Faço uma careta sem querer.

— Muito quente? — Sua sobrancelha se franze.

— Não, de forma alguma.

— Seus tornozelos estão doendo, não estão?

— Eles só queimam um pouco. — Eu me afundo na água e toda a dor é esquecida. Eu nunca havia entendido a expressão ‘as bolhas são como seda’...até este momento.

Ele coloca um travesseiro de banho atrás das minhas costas, e eu relaxo nele.

— Mmm... — Eu me aconchego na água. — Isso é o paraíso.

— Você precisa de um pouco de céu.

— Obrigada.

Ele pega uma esponja macia da prateleira e a submerge, depois a leva até meus ombros e a aperta, permitindo que a água morna desça em cascata pelo meu peito.

— Oh, isso é bom.

Ele repete a ação mais algumas vezes e, dessa vez, a água escorre para os meus mamilos, duros e sensíveis.

— Você não vai entrar? — Batendo os olhos, faço com que minha voz seja o mais convidativa possível.

— Acho que depois da sua noite, devemos ir com calma.

— Não sou quebrável.

— Não é?

Suspirando, rolo para o lado para vê-lo melhor. A água arde em minhas lacerações, mas não me importo. — Eu realmente gostaria de ter companhia.

— E eu lhe disse que é meu dever cuidar de você. E isso significa deixá-la descansar esta noite. E se eu entrasse aí, com você nua, não haveria como você descansar. É por isso que... — Ele vai até um armário de roupas de cama do outro lado do quarto e tira algo cinza. — Quando sair, vou envolvê-la com isso.

— Suéter cinza?

— *Meu* suéter cinza. Acho que só o moletom vai cobri-la até aos joelhos e isso vai me dar pelo menos uma chance de evitar a tentação.

— Você acha que vai funcionar?

— Duvido. Mas um homem tem que fazer o que um homem tem que fazer. — Ele dá uma piscadela para mim. — E parte de deixar você descansar significa me deixar cuidar de você.

Olhando para seu rosto, tão bonito e poderoso, sei que não há como vencer. — Se você insiste.

Seu sorriso está fixo em uma linha reta, e seus olhos estão cheios de um propósito: cuidar de mim. — Insisto. — Voltando à banheira, ele se senta na borda, inclina-se e me beija nos lábios.

***

— O que é tudo isso? — Vou até à mesa da sala de jantar dele vestindo seu moletom grande com uma calcinha branca de algodão com um toque de renda que encontrei em meu novo estoque de itens.

De pé, ele aponta para as pilhas de caixas de comida para viagem. — Jantar. — Ele olha para o relógio. — Embora, como já passa da meia-noite, seja mais um lanche da meia-noite.

— Estou com fome.

— Achei que poderia estar. — Abrindo as caixas de transporte, ele parece um garçom em um restaurante fino me mostrando as especialidades. Seu rosto escurece. — Sinto muito em dizer que não sei o que você gosta de comer.

— Qualquer coisa serve. Isso é chinês? É a minha favorita.

— Ótimo. Eu esperava que sim. Mandei alguém vasculhar sua geladeira e armários para ter certeza de que você não era vegana ou vivia apenas de nozes e raízes ou algo assim.

A empolgação ronca em minha barriga. Eu deveria estar irritada, mas, em vez disso, estou intrigada. Apoiando meu peso em uma perna, coloco a mão no quadril. — Nossa, você com certeza mantém esse 'alguém' ocupado, não é? E daí? O que mais descobriu?

— Fico feliz em informar que suas escolhas alimentares são bem simples e comuns.

— Chatas.

— Não. Fiquei aliviado ao descobrir que você é uma mulher que come macarrão e gosta de chocolate. E os recipientes com sobras de moo shu, General Tso's e arroz integral denunciaram você. E sabe que já estamos quase no Natal, não no Halloween, certo? Quantos sacos de doces você guarda por aí, afinal?

— Você encontrou meu esconderijo secreto?

— Quase não estava escondido.

— Huh. — Cruzo os braços, provocando-o. — Eu só guardo doces de chocolate. É o único que vale a pena comer.

— Concordo. — Por um momento, ele fica quieto. — Eu adoraria levá-la para a Itália. A maioria das pessoas não conhece o chocolate italiano, mas ele é realmente o melhor do mundo. Há um pequeno lugar em Turim, na região de Piemonte, noroeste da Itália, não muito longe de onde crescem nossas trufas. Há uma pequena loja familiar... os chocolates que eles fazem lá são incomparáveis. O *Gianduiotti* deles é o paraíso absoluto. É um chocolate com avelã que simplesmente derrete na língua.

Ele é transportado enquanto fala, mas de repente fico com a língua presa. O desejo me invade como nunca senti antes. Minhas mãos doem por causa da adrenalina que bombeia pelo meu corpo, e uma dor se forma entre minhas pernas.

Meu coração dispara e minha calcinha fica úmida enquanto fico aqui, olhando para ele.

— Eleni? — Ele está de volta comigo agora. — Você parece... Seu rosto... Você parece... — Deixando cair o queixo, ele passa as mãos pelo cabelo. — Você gosta tanto assim de chocolate?

— Un-uh. — Parece que não consigo fechar a boca ou parar de olhar para ele. Por que nunca me ocorreu que esse homem falaria italiano? E que isso seria tão erótico...?

— E depois?

— Sua voz, sua fala quando disse o nome do chocolate.

— *Gianduiotti*?

— Sim. Não sei por que nunca me ocorreu que você fala italiano.

Com o olhar fixo no meu, ele caminha para o meu lado da mesa, diminuindo a distância entre nós. Ele estende a mão, pega uma de minhas mãos e a segura suavemente. Com a outra, ele se aproxima e acaricia minha bochecha. Ele já fez isso algumas vezes hoje e, a cada vez, meu interior se derrete.

Sua mão permanece em meu queixo e ele o inclina para cima, de modo que eu olhe em seus olhos. — *Sì Bellissima. Io parlo italiano. Parlo italiano da quando ero ragazzo. Sono felice che ti piaccia, perché mi piaci, molto, molto*.

Minha respiração está acelerada. — Não tenho ideia do que você acabou de dizer, mas foi a coisa mais sexy que já ouvi.

Rindo, ele responde: — Eu lhe disse que sim, falo italiano e falo desde pequeno. E que fico feliz que você goste, porque eu gosto muito, muito de você. — Seus lábios tocam os meus com muita delicadeza.

Levantando meus braços, eu os enrosco em seu pescoço e nos beijamos, tão suave e gentilmente... que tudo o mais desaparece.

Com as mãos em volta da minha cintura, ele me abraça e olha em meus olhos. — Sinto muito pelo que aconteceu com você esta noite.

— Por favor, vamos deixar isso para lá. Poderia ter sido muito pior. Não quero mais pensar nisso.

— Mas tenho muita dificuldade em deixar de lado a ideia de alguém machucando você.

— Então, por que não lavamos todas as coisas horríveis que aconteceram, concentrando-nos nas coisas boas? — Ficando na ponta dos pés, eu o beijo. — Agora... — Eu me abaixo, sorrindo. — Que tal uma comida chinesa? Estou faminta.

Acenando com a cabeça, ele me levanta e me leva até minha cadeira. Dou risada quando ele me coloca no chão, depois vai para o lado oposto da mesa e se senta.

Faço beicinho, brincando. — Sentado aí?

— Dessa forma, posso olhar para você durante o jantar.

— Ah, eu devo estar linda usando seu moletom enorme, com o cabelo todo molhado e bagunçado.

— Você não faz ideia. Escolhi o maldito moletom para mantê-la escondida e controlar meu desejo, mas tudo em que consegui pensar foi nessa maldita calcinha de renda branca que você está usando por baixo.

— O que o faz pensar que estou usando alguma coisa por baixo? — brinco.

— É isso aí! — Ele corre e me puxa para ficar de pé. Suas mãos encontram minha bunda e a envolvem. — Oh Deus, como é bom sentir você.

— Bem, é uma pena que estejamos indo com calma esta noite, — provoco.

— Droga. — Deixando cair as mãos, ele se afasta. — Sim, certo, correto. — Suas bochechas se enchem de cor.

Inclinando a cabeça, eu sorrio. — Você está corando?

Ele fica parado e cruza os braços. — Homens não coram.

— Bem, suas bochechas estão cheias de cor.

— Porque minha pressão sanguínea está alta pensando em tudo o que vou fazer com você assim que estiver pronta para isso. Agora sente-se, — ele ordena com uma piscadela, enquanto vai para o seu lado da mesa e serve nossos jantares. — *Bon appetie*.

Levantando os pauzinhos, brindamos.

— *Bon apettit*, — respondo.

***

O mais silenciosamente possível, e ainda enrolada em seu moletom quente, saio da cama e vou até às janelas.

— Eleni? Querida? Você está bem?

— Sim. Desculpe por acordá-lo. Acho que nevou depois que fomos para a cama. Não tenho certeza de como abrir suas cortinas para ver.

Ele pega um controle remoto em sua mesa de cabeceira e pressiona um botão. De repente, todas as persianas desaparecem magicamente e a beleza ofuscante de Manhattan com neve brilha em seu quarto.

— Uau.

Ele se aproxima por trás de mim e me abraça.

— Esta vista, — sussurro. — Você pode ver tudo daqui de cima. Veja o parque. E olhe para lá. — Aponto para o centro da cidade. — O Chrysler Building parece uma árvore gigante coberta de açúcar de confeiteiro. Eu adoro a cidade com neve. Sei que todo mundo diz que ela fica suja e que é difícil andar por ela, mas acho que é tão bonita e pacífica... é o momento perfeito para novos começos.

— Gosto da ideia de novos começos.

— Sim?

— Sim. — Ele me vira de frente para ele e me segura em seus braços. Inclinando-se, ele encosta seus lábios nos meus. — Bom dia.

— Bom dia.

— Mmm... — ele geme. — Eu poderia me acostumar com isso.

— O quê?

— Acordar. Com você.

— Eu também. — Digo isso antes que possa me impedir.

Ele me beija novamente e se afasta, olhando em meus olhos. — Como está se sentindo?

— Estou bem. Não são nada mais do que queimaduras de corda.

— Bom. — Ele inala bruscamente. Obviamente, isso ainda o incomoda. — Mas eu quis dizer sobre tudo. Vou apenas colocar isso para fora, já que sou um homem que vai direto ao ponto. Você pode ficar comigo? Pode perdoar a si mesma e a mim, o suficiente para realmente ficarmos juntos? Não como estávamos ontem. Sim, foi maravilhoso, mas você estava escondendo uma parte de si mesma de mim. E eu quero estar com você. Mas eu quero você inteira. Quero sentir você se entregando

a mim... Também sou um homem que não consegue fazer as coisas pela metade, Eleni, e isso significa que, quando estou com você, preciso possuí-la completamente...

— E-Eu... — Minhas palavras se desvaneceram à medida que meus batimentos cardíacos se aceleram.

Pegando-me pela mão, ele me puxa de volta para a cama. Em pé, ele levanta minhas mãos e, enquanto as mantenho ali, ele levanta meu moletom sobre minha cabeça. Exceto pela calcinha, estou nua diante dele, mas não deixo meus braços caírem. Eu os mantenho exatamente onde ele os colocou.

— Eleni, — ele rosna, olhando para mim de lado. Pegando minhas mãos e levando-as para os lados, ele me pega e me leva até à cama. Ele me deita, com cuidado, e se deita em cima de mim. — Agora mesmo, — ele sussurra, — vamos fazer amor, e eu vou fazer você minha. E somente minha. Entendeu?

— Sim, — a palavra escapa de meus lábios quando ele pressiona sua ereção com força contra mim.

— Bom.

Abaixando minha cabeça para trás, ele me beija para cima e para baixo ao longo do pescoço antes de tocar meus seios com delicadeza. Apoiado em um cotovelo, ele se aproxima, arranca a camiseta e seu peito nu parece fogo contra o meu.

— Você é tão quente, — murmuro.

Permanecendo exatamente onde está, em cima de mim, ele se abaixa e tira o suéter. Equilibrando-se em uma mão, ele usa a outra para pegar um preservativo e, usando os dentes, rasga o pacote e o coloca com uma só mão.

Ele é incrivelmente forte, e eu me arrepio com a expectativa.

Ele leva a mão à minha calcinha, verificando se estou pronta.

Estou tão pronta.

— Deus, querida, é tão bom senti-la...

— Mmm... — murmuro enquanto ele tira minha calcinha.

Traçando-me com o dedo, ele se acomoda para cima, certificando-se de que estou feliz. Enquanto eu gemo e me contorço sob ele, ele desliza o dedo para dentro de mim, preparando-me para ele.

— Ohhhh... — Agarrando seus ombros, olho em seus olhos.

Ele retira o dedo e, em seguida, pega minha mão e a leva até ele. Ao agarrá-lo, eu me arrepio. Ele está tão duro e pronto. Sorrindo, ele retira minha mão e, lentamente, olhando em meus olhos, começa a penetrar o pau.

Mas, desta vez, é diferente da última. Desta vez, ele é tão gentil... e a sensação é ainda melhor do que a última...

— Deus, Vincent...

— Oh, querida, é tão bom. — Não importa quão gentil ele esteja tentando ser, seu impulso se torna cada vez mais intenso. — Eleni, querida, eu preciso ter você.

— Você me tem.

— Completamente.

— Oh... — Minha cabeça rola para trás quando me aproximo. — Sou sua, Vincent.

— Diga, — ele insiste.

— Dizer o quê?

— Diga-me que você é minha e somente minha.

— Eu sou sua. Eu prometo. Só sua.

De repente, ele para e me olha diretamente nos olhos. — Eleni, não consigo suportar a ideia de você com outro homem. Aquele jovem policial com quem eu a vi... ou qualquer um.

— Vincent, eu não fiz isso. Não vou fazer isso.

Seu impulso recomeça e, dessa vez, ele atinge o ponto que faz meus olhos revirarem na cabeça.

Suas mãos agarram os lençóis da cama ao lado da minha cabeça enquanto minhas unhas cravam em suas costas. — Nunca? — Ele continua a se esforçar com mais força.

— Oh! Eu... — Minha cabeça rola para a frente e para trás no travesseiro enquanto meu corpo se aperta e convulsiona, soltando-se ao redor dele. — Oh, Deus, Vincent.

— Ótimo, diga-me, agora.

— Vincent, nunca ficarei com outro homem. Eu amo você.

Ele se lança violentamente e, com o próximo impulso, cai em cima de mim, ofegante.

— Ohhhh... uh... — Eu choramingo.

Levantando a cabeça, ele sorri para mim e, gentilmente, afastando o cabelo do meu rosto, fixa seus lindos olhos azuis nos meus e sussurra: — *Ti amo*, Eleni. *Ti amo*.

Vinte e dois

Eleni

Um ano depois

— Vincent? Meus olhos estão fechados há dez minutos! O que você está fazendo? — Ele segura minha mão com tanta força que percebo que está animado.

— Só mais alguns minutos, prometo.

Ding! Ding!

— O que é isso? Estamos entrando em outra loja? Vincent, não podemos fazer mais compras. Essa viagem à Itália foi um turbilhão. Você já me comprou um novo guarda-roupa e mais bolsas do que eu posso usar! Não podemos fazer mais compras. Estou me sentindo culpada. — Meus olhos permanecem fechados, mas percebo que ele está se inclinando para perto de mim. Sinto sua respiração em meu pescoço enquanto ele fala.

— Quer me dizer o que posso e o que não posso fazer pela mulher que amo? Porque eu acharia que, se é isso que está fazendo, esta noite pode ser a hora de ter um pouco de disciplina. — Sua mão pousa em minha bunda.

A luxúria me invade. Então, me ajude, toda vez que ele me bate ou ameaça me bater, é como se um inferno se enfurecesse dentro de mim. E ele tem a mesma reação.

— Acho que não. — Ele tira a mão de minhas nádegas e ajusta o lenço em meu pescoço. — Mantenha seus olhos fechados, mas entre em um lugar quente. Tenha cuidado. Há um pequeno degrau de pedra lá em cima.

— Ok. — Levantando meu pé muito alto, eu o deixo cair dentro da loja e imediatamente sou envolvida pelo cheiro de chocolate. — Chocolate? Você me trouxe para uma loja de chocolate? — Mal consigo conter minha alegria.

— Acho que você está mais empolgada com o chocolate do que todos os designers italianos que visitamos.

— Isso é ruim? — Abrindo ligeiramente um olho, tento dar uma olhada.

— Mantenha seus olhos fechados, — ele ordena, rindo.

— Ok. — Girando em um círculo, sinto todos os aromas. Chocolate rico e profundo e avelãs... exatamente como Vincent me falou há muito tempo.

— Tudo bem. — Ele me pega pela mão e me puxa para perto dele. — Abra sua boca.

Eu abro, e ele desliza algo em minha língua.

Chocolate. Mas é impossível que seja um chocolate qualquer. É como um orgasmo em minha boca. — Vincent, isso é... — Não há palavras. É cremoso e leve, mas muito encorpado, e o sabor de avelã é o equilíbrio perfeito para a riqueza do chocolate.

— Eu lhe disse que fazemos os melhores chocolates.

— Já posso abrir meus olhos?

— Sim. — Ele ri.

Ao abri-los, pisco para que meus olhos se ajustem e, em seguida, vejo a mais pitoresca e bela loja de doces. Nem mesmo minha imaginação poderia imaginar algo mais perfeito. Nas paredes, há pilhas de potes de vidro com todos os tipos de doces, incluindo torrone e balas duras. Em seguida, há um longo balcão de mármore e, ao lado dele, fileiras e mais fileiras dos mais belos e delicados bombons de chocolate em forma de corações, estrelas e meias-luas. Ao lado deles, há lindos doces de folha de ouro e prata.

— É tão bonito aqui!

Da sala dos fundos, um casal italiano mais velho entra. Falando muito rapidamente em italiano, rápido demais para as poucas palavras que consigo entender, eles se aproximam de Vincent e o abraçam.

A mulher pega o rosto dele com as mãos e beija suas bochechas. Em seguida, ela vem até mim e faz o mesmo. Ela se afasta e olha para mim. — *Bellisima! Bellisima*, — ela repete, acariciando minhas bochechas.

Volto-me para Vincent.

— Estes são o *signore e a signora* Ricci. Eu os conheço desde que era um menino. Eles são o mais próximo de avós que tenho.

Eu me viro para eles, desejando muito falar italiano. — *Buongiorno*, — ofereço.

— *Buongiorno*! — repetem os dois, e então o homem desaparece nos fundos.

— *Il tuo*... — Olho de relance para Vincent. — Como eu digo loja?

— *Negozio*.

— *Il tuo negozio* is... hum... *bellisimo*.

— Ah! — Ela junta as mãos e segura meu rosto novamente. — *Una buona moglie*, eh?

— O que ela disse? — Eu me viro para Vincent.

— Ela diz que você será uma boa esposa.

— Oh. — A expressão me pega desprevenido.

— *Sono d'accordo*.

— O que você disse?

— Eu disse a ela que concordo.

— Oh. — A empolgação me invade. Sim, estamos juntos há um ano, mas será que poderíamos...? Alguma vez...?

O Signore Ricci sai dos fundos da loja, carregando uma bandeja dourada com uma caixa de veludo preto em cima. Ele me oferece a caixa com um grande sorriso.

Eu a pego com as mãos trêmulas. — Isso é chocolate? — pergunto.

Vincent se volta para eles e sussurra: — *Chiede se è cioccolato*...

Todos compartilham uma risada.

— Vincent? — Quando me viro para ele, ele está de joelhos.

— Posso? — Ele acena com a cabeça para a caixa.

Minhas mãos tremem quando lhe entrego a caixa.

Abrindo-a, ele o vira para mim e me mostra o maior e mais perfeito anel de diamante de lapidação quadrada que já vi.

— Eleni Moralis, eu a amo desde que a conheço. Você poderia me dar a honra de se tornar minha esposa?

Cobrindo minha boca com a mão, eu ofego. — Sim, Vincent DeSantis, eu me casarei com você.

O Signore e a Signora Ricci estão agora batendo palmas.

Vincent me pega e me gira, antes de me colocar de pé. — Eu a amo, Eleni, mas quero que saiba que nunca esquecerei o que nos uniu.

Acenando com a cabeça, eu concordo. — Nick teria adorado a arquitetura daqui. A Itália é muito bonita.

— É por isso que estou derrubando nosso armazém no Meatpacking District e reconstruindo-o como uma casa segura para adolescentes necessitados. Sei que Nick não era um adolescente necessitado, mas é o melhor que pude pensar para honrar sua memória.

— O quê? — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Vincent, é perfeito.

— Você é perfeita. E não, não podemos mudar as coisas horríveis pelas quais passamos, mas podemos criar um novo futuro repleto de lembranças maravilhosas. Essa é a melhor maneira de honrar aqueles que amamos.

— Sim.

— E podemos nos casar onde você quiser. Aqui ou em Nova York para ficar mais perto de seu... pai?

Suspirando, sorrio para Vincent. — Ainda não o perdoei, sabe. Sinceramente, não sei se algum dia conseguirei. Mas fiz as pazes. Na maioria das vezes, sinto pena dele e sei que um dia vou me arrepender de não tê-lo convidado para me levar ao altar. — Acenando com a cabeça, eu decido. — Então, obrigada, Vincent. Sim, casar em Nova York seria perfeito. Dessa forma, Jim e todos da empresa poderão estar presentes e Cynthia poderá ser dama de honra. Obrigada.

— Obrigado, Eleni. — Ele acaricia minha bochecha, gentilmente. — *Ti amo*. — Inalando profundamente, ele sussurra: — Eu amo você, Eleni Moralis.

— Eu também amo você.

Ele me abraça com força enquanto o Signore e a Signora Ricci se aproximam de nós, batendo palmas.

Então, Vincent se inclina e selamos nosso futuro juntos com um beijo.

Fim

Hailey Hawthorne

DESANTIS CRIME FAMILY